

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



Daniela Calache Emmerick

**ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS: A DUPLA CARREIRA DE
ATLETAS DA ELITE DO JUDÔ NO BRASIL**

**Rio de Janeiro
2019**

Daniela Calache Emmerick

**ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS: A DUPLA CARREIRA DE
ATLETAS DA ELITE DO JUDÔ NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

**Rio de Janeiro
2019**

CIP - Catalogação na Publicação

C54e Calache Emmerick, Daniela
Escolarização de jovens atletas: a dupla carreira
de atletas da elite do judô no Brasil / Daniela
Calache Emmerick. -- Rio de Janeiro, 2019.
116 f.

Orientador: Antonio Jorge Gonçalves Soares.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Dupla carreira. 2. Educação. 3. Jovens atletas. 4. Política. 5. Judô. I. Soares, Antonio Jorge Gonçalves, orient. II. Titulo.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação "ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS: A DUPLA CARREIRA DE ATLETAS DA ELITE DO JUDÔ NO BRASIL"

Mestrando(a): Daniela Calache Emmerick

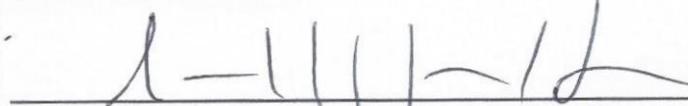
Orientado(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Antonio Jorge Gonçalves Soares**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 29 de março de 2019.

Banca Examinadora:


Prof(a). Dr(a). Antonio Jorge Gonçalves Soares- Presidente


Prof(a). Dr(a). Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato


Prof(a). Dr(a). Alexandre Fernandez Vaz

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Artur e Regina, pelo apoio incondicional em todas as etapas da minha vida. Obrigada por serem meus maiores incentivadores e por todo investimento na minha educação, se eu cheguei até aqui devo isso a vocês. Agradeço também à minha irmã, Mariana, minha companheira desde quando me entendo por gente. Obrigada por ter me acompanhado em todas as fases que passei, pelo conforto só de saber que você estava ali do meu lado o tempo todo. Agradeço pelas vezes que vocês compreenderam minhas necessidades e meus momentos, nós quatro sabemos que não foi fácil.

À minha família, meus avôs e avós, tias e tios, primas e primos, madrinha e padrinho, cujos nomes não caberiam nesta página, cada um de vocês me inspira de alguma forma, vocês são meu exemplo, minha base, meu tudo, sem vocês não sou ninguém. Obrigada por caminharem comigo, agradeço todos os dias pela família presente e unida que tenho.

Às minhas melhores amigas, Paula, Beatriz, Bianca e Penélope, obrigada por, desde a infância, estarem ao meu lado nos melhores e piores momentos da minha vida, por sonharem comigo os meus sonhos e dividirem comigo os momentos de angústia e apreensão. Obrigada por me mostrarem que, independente da distância física que estamos agora, vocês estão do meu lado para tudo e para sempre.

Ao melhor parceiro que eu poderia ter escolhido para caminhar lado a lado, Raphael Madrid, minha eterna gratidão. Obrigada por me ouvir por horas quando a angústia e ansiedade não cabiam mais no peito e escorriam pelos olhos, obrigada pela leveza como você soube lidar com esse momento. Obrigada pelas palavras, pelos sorrisos, pelo cuidado, pelo amor. Obrigada por ter feito tudo que estava ao seu alcance para me ajudar e me mostrar que eu não estava sozinha nessa. Essa conquista é nossa.

Aos amigos que a UFRJ me deu, obrigada pela amizade, pela troca e por seguirmos juntos desde a graduação. Agradeço especialmente ao Diego e à Marina, que acompanharam bem de perto todo esse processo e que me ajudaram a ingressar e concluir esse mestrado. Obrigada por todas as vezes que me ouviram e por todos os conselhos que me deram, vocês dois foram peças fundamentais nessa caminhada.

Finalmente, agradeço a todos os amigos que ganhei ao longo dessa vida, por todos os momentos que compartilhamos e por compreenderem minhas ausências durante a construção desta dissertação.

Agradeço a todos da direção e coordenação da Maple Bear Freguesia, que desde o princípio me deram suporte, adaptaram os horários para que eu pudesse cursar as disciplinas e entenderam minhas ausências quando foi necessário. Aos professores e funcionários, obrigada por tornarem meu dia a dia mais leve, por todas as conversas e momentos compartilhados.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares, sou muito grata por ter me apresentado à pesquisa científica ainda na graduação, por todos os ensinamentos, pelas orientações e por ter contribuído para que eu chegassem até aqui.

Agradeço aos colegas do LABEC pelas discussões, orientações e por toda troca nesses 5 anos de laboratório. Agradeço especialmente ao Hugo pela paciência, por todas as revisões e contribuições durante mais um trabalho de conclusão de curso, e ao André, por ter me auxiliado durante todo o processo com a CBJ, inclusive indo a Pindamonhangaba comigo para a aplicação dos questionários.

Agradeço ao Prof. Dr. Luis Guillermo Coca Velarde, por todo auxílio na parte estatística.

À Prof. Dr. Ana Pires do Prado e ao Prof. Dr. Marcos Antônio Carneiro Silva, agradeço por todas as colocações, questionamentos e contribuições no Exame de Qualificação desta dissertação. Agradeço também ao Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz e ao Prof. Dr. Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato, por aceitarem fazer parte da banca examinadora da dissertação.

Agradeço aos professores do PPGE pelos ensinamentos e, aos funcionários, especialmente à Solange Rosa, pela paciência, disposição e dedicação a todos nós.

Agradeço à CBJ pela parceria e, aos seus funcionários e atletas, pela colaboração e participação nesta pesquisa.

Agradeço ao CNPq, à FAPERJ e à Rede CEDES pelo financiamento às atividades do LABEC.

RESUMO

O presente trabalho é um desdobramento das pesquisas do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), e pretende discutir sobre a condição de dupla carreira de jovens que se dedicam simultaneamente aos estudos e ao esporte. As pesquisas sobre este tema partem da premissa que a conciliação pode gerar dificuldades para esses jovens, porém, percebemos que existem divergências nos resultados encontrados quando investigadas as diferentes modalidades esportivas. Por conta disso, e com o objetivo de investigar uma categoria ainda não explorada pelo grupo e pelas pesquisas nacionais sobre o tema, a presente dissertação teve como objeto de pesquisa atletas da elite do judô brasileiro. No primeiro momento, o objetivo foi mapear e analisar a produção acadêmica dos últimos 5 anos que trata sobre a dupla carreira de estudantes-atletas na União Europeia. Isto porque, apesar de todas as diferenças econômicas e culturais, a revisão sistemática nos possibilitaria estabelecer comparações e observar as estratégias de conciliação adotadas por um conjunto de países onde a discussão sobre o tema já existe há muitos anos. No segundo momento foi realizado um estudo empírico, através da aplicação de um questionário, com 55 atletas que representavam as seleções brasileiras, masculinas e femininas, sub-18 e sub-21, de judô. O objetivo geral era entender como se dá o processo de conciliação da dupla carreira de atletas da elite do judô no Brasil. Uma das hipóteses iniciais foi confirmada: o nível socioeconômico e o capital cultural do atleta pode estar associado ao grau de investimento na escolarização. Foi confirmada também a importância da rede de sociabilidade nas escolhas e trajetórias esportivas e acadêmicas dos sujeitos. Destaca-se o alto nível de escolaridade dos atletas, quando comparado à média da sociedade brasileira, fato que pode estar associado à prevalência das classes médias na amostra e ao alto nível de escolaridade dos pais. Foi constatado que a manutenção da dupla carreira é facilitada pela flexibilização das demandas das instituições acadêmicas e pela migração para o ensino noturno. A manutenção da dupla carreira é justificada pelos estudantes-atletas pela garantia de uma oportunidade de carreira após o término da carreira esportiva. Apesar disso, percebe-se uma priorização, no que diz respeito à dedicação, ao projeto esportivo.

Palavras-chave: Dupla carreira; Educação; Jovens atletas; Política; Judô.

ABSTRACT

The present work is the unfolding of the research of the Laboratory of Research in Body Education (LABEC), and intends to discuss the dual career status of young people who are simultaneously engaged in studies and sports. The studies on the subject begin from the premise that this conciliation can create difficulties for these young people, however, we noticed differences in the results found when investigating the different sports modalities. For that reason, and in order to investigate a category not yet explored by the group and the national research on the subject, the present dissertation was aimed at research on the athletes of the Brazilian judo elite. The initial objective was to map out and analyze the last 5 years of academic productions, which deals with the dual career of student-athletes in the European Union. This decision was made because, despite all the economic and cultural differences, the systematic review would allow us to establish comparisons and observe the conciliation strategies adopted by a group of countries where the discussion has been around for many years. In a later moment, an empirical study was carried out through a questionnaire with 55 athletes representing the Brazilian men's and women's teams, sub-18 and sub-21, of judo. The general objective was to understand how the process of conciliation of the dual career of the Brazilian judo elite athletes takes place. One of the initial hypotheses was confirmed: the socioeconomic level and cultural capital of the student-athlete determine the degree of investment in schooling. The importance of the sociability network in the subjects' sports and academic choices and trajectories was also confirmed. The high level of schooling of the athletes, when compared to the average of the Brazilian society, can be associated with the prevalence of the middle classes in the sample and the high level of schooling of the parents. It has been observed that the maintenance of the dual career is facilitated by the lenient demands of academic institutions and the migration of students to evening classes. The justification given by almost all the student-athletes for the maintenance of the dual career is the guarantee of a career opportunity after the end of the sports career. Nevertheless, the dedication to the sports career is perceived as a priority.

Keywords: Dual career; Education; Young athletes; Politics; Judo

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Classe Social da amostra.....	57
Gráfico 2 – Escolaridade da mãe.....	58
Gráfico 3 – Escolaridade do pai	58
Gráfico 4 – Nível acadêmico em curso	59
Gráfico 5 – Repetições na escola básica.....	60
Gráfico 6 – Motivos para frequentar uma insituição acadêmica.....	61
Gráfico 7 – A rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica?.....	62
Gráfico 8 – Mecanismos de flexibilização dos compromissos acadêmicos	62
Gráfico 9 – Porcentagem de atletas que viajaram nos últimos 6 meses para competir .	64
Gráfico 10 – Remuneração financeira como atleta	65
Gráfico 11 - A rotina na percepção dos estudantes-atletas.....	81
Gráfico 12 - Escala da autopercepção de dedicação aos estudos e ao esporte	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorização das pesquisas a partir dos temas abordados.....	32
Tabela 2 - Resultados da 1 ^a categoria.....	34
Tabela 3 - Resultados da 2 ^a categoria.....	35
Tabela 4 - Resultados da 3 ^a categoria.....	36
Tabela 5 - Resultados da 4 ^a categoria.....	37
Tabela 6 - Resultados da 5 ^a categoria.....	38
Tabela 7 - Estimativa de Renda Média Domiciliar dos estratos do Critério Brasil	70

LISTA DE SIGLAS

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

CAR - Centro de Alto Rendimento

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CBJ - Confederação Brasileira de Judô

COB - Comitê Olímpico do Brasil

EAS - *European Athlete as Student Network*

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ESS - *Elite School of Sport*

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INSEP - *National Institute of Sport, Expertise and Performance*

LABEC - Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PROAD - *Programa de Ayuda al Deportista*

SISU - Sistema de Seleção Unificada

TTS - *Topsport Talent Schools*

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: APRESENTANDO O PROBLEMA	12
1.1 INTRODUÇÃO	12
1.2 UMA INTRODUÇÃO ÀS QUESTÕES EDUCACIONAIS QUE TANGENCIAM O DEBATE SOBRE A DUPLA CARREIRA NO BRASIL	20
1.2 OBJETIVOS	24
1.2.1 Objetivo geral	24
1.2.2 Objetivos específicos	24
1.3 METODOLOGIA	25
1.3.1 Metodologia da revisão sistemática	25
1.3.2 Metodologia do trabalho empírico com os atletas de judô	25
1.3.3 Aspectos éticos	27
1.3.4 Definição dos conceitos da pesquisa	28
CAPÍTULO II: O DEBATE SOBRE A DUPLA CARREIRA DE JOVENS ATLETAS NOS ESTADOS MEMBROS DA UNIÃO EUROPEIA E NO BRASIL	31
2.1 RESULTADOS	32
2.2 DISCUSSÃO	39
2.2.1 Instituições, programas e escolas especiais para atletas	40
2.2.2 Gestão objetiva das demandas da dupla carreira	43
2.2.3 Dupla carreira e incentivos à formação acadêmica dos atletas de elite	46
2.2.4 Família, treinadores, rede social e dupla carreira	51
CAPÍTULO III: A DUPLA CARREIRA DE ATLETAS DA ELITE DO JUDÔ BRASILEIRO	56
3.1 RESULTADOS	57
3.1.1 A amostra	57
3.1.2 Dados educacionais	59
3.1.3 A carreira esportiva	64
3.2 DISCUSSÃO	67
3.2.1 O Judô: Princípios filosóficos e algumas características desta modalidade esportiva	68
3.2.2 Aspectos da carreira acadêmica	70
3.2.3 Aspectos da carreira esportiva	75
3.2.4 Gestão objetiva da dupla carreira	78
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXO A - QUESTIONÁRIO	101

CAPÍTULO I: APRESENTANDO O PROBLEMA

1.1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação pretendemos discutir sobre a condição de dupla carreira de jovens que se dedicam simultaneamente aos estudos e ao esporte. Conciliar a carreira esportiva com a escolar faz parte da realidade dos jovens atletas brasileiros pelo menos até a conclusão da educação básica, visto a obrigatoriedade da permanência na escola para crianças e jovens entre 4 e 17 anos de idade (LDB, BRASIL, 1996).

O termo "carreira esportiva" é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN; STAMBOULOUVA, 2007). O cenário de investigação relacionado à condição de dupla carreira do jovem atleta no Brasil vem sendo elaborado pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) da UFRJ, desde 2007. Na tentativa de entender como a escolarização desses jovens atletas é conciliada com a carreira esportiva, o LABEC realizou diversos estudos (SOUZA et al., 2008; MELO, 2010, 2014, 2016, 2018; COSTA, 2012; ROCHA et al., 2011; ROCHA, 2013, 2017; SOARES, ROCHA, COSTA, 2012; SOARES et al., 2013; CORREIA, 2014, 2018; COSTA E SILVA, 2016). Esses estudos nos permitiram compreender que a dedicação à carreira esportiva ocorre como um projeto de vida iniciado muitas vezes pela família e sustentado pelos desejos dos atletas de profissionalização. Além disso, a origem social e a modalidade esportiva podem afetar o projeto individual de carreira do jovem atleta, podendo determinar suas escolhas por uma maior dedicação à escola ou ao esporte.

Os trabalhos publicados pelo LABEC mostraram que a conciliação da dupla carreira no esporte e na escola possui suas especificidades e que, muitas vezes, podem afetar o desempenho escolar do aluno. Os efeitos declarados pelos investigados indicam que a rotina esportiva pode trazer algum prejuízo para a concentração em sala de aula, justificado pelos atletas como efeito do cansaço físico gerado pelos treinamentos, e na gestão do calendário de tarefas e provas escolares.

No caso brasileiro e de muitos outros países, nos quais o sistema esportivo é desvinculado do sistema escolar¹, a conciliação entre vida acadêmica e desenvolvimento esportivo pode apresentar uma série de percalços para os atletas. Tanto as escolas quanto as universidades em nosso país podem não estar preparadas para receber demandas específicas dos alunos que se dedicam a carreiras paralelas à escola/universidade, tais como o esporte, as artes cênicas, e as diversas outras possibilidades de trabalho.

Apesar disso nem todos os estudantes-atletas indicam ter maiores problemas, além da questão física apontada, na gestão da rotina de dupla carreira. Atletas do turfe e do futebol do Rio de Janeiro mostraram que a conciliação das rotinas de estudos, treinamentos e competições trazia-lhes obstáculos para um bom desempenho escolar. Porém outros grupos de atletas, como os do vôlei do Rio de Janeiro e as do futsal feminino de Santa Catarina, relatam não ter essa mesma dificuldade (MELO, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013, 2017; CORREIA, 2014). Em contrapartida, o cansaço físico e relatos de rotina extenuante aparecem na declaração dos estudantes-atletas do Brasil e do exterior, independentemente da modalidade esportiva.

Por conta das discrepâncias nos diferentes cenários esportivos e dos diferentes resultados obtidos, o argumento que vem sendo consolidado pelo grupo é que os resultados acadêmicos são fruto do nível socioeconômico, capital cultural² familiar e das crenças no que diz respeito às possibilidades de sucesso, no campo esportivo e escolar, sendo que, algumas modalidades esportivas, podem ou não gerar alguma dificuldade nessa conciliação.

O termo "dupla carreira" foi introduzido pela primeira vez em um documento oficial, em 2007, na União Europeia, para indicar os desafios específicos de atletas de elite em combinar as demandas escolares e esportivas (EUROPEAN COMMISSION, 2007). Entendemos dupla carreira como a manutenção sistemática de duas atividades dentre estas: a prática esportiva de alto rendimento, o estudo e o trabalho. Essas práticas

¹ Neste caso o esporte de alto rendimento não acontece dentro da escola, acontece dentro dos clubes, e é controlado pelas federações e confederações.

² Conceito utilizado por Bourdieu (1998), definido na seção "1.3.4 Definição dos conceitos da pesquisa" desta dissertação.

demandam tempo e dedicação, podendo gerar certas tensões e dificuldades para esses jovens. Por conta disso, surge na União Europeia um amplo debate sobre a dupla carreira, que deu um grande passo em 2012, quando foram determinadas uma série de orientações através do documento chamado "Diretrizes da União Europeia para a dupla carreira de atletas" (EUROPEAN COMMISSION, 2012)³. Tal documento tem como objetivo recomendar ações políticas para dar suporte à dupla carreira de atletas de alto rendimento. Os autores do documento afirmam que a dupla carreira no esporte diz respeito à exigência de que os atletas iniciem, desenvolvam e finalizem uma carreira de sucesso no esporte, ao mesmo tempo que administram as demandas educacionais e/ou do trabalho, bem como cumpram outras expectativas dos diferentes estágios da vida em relação à sociedade, nesta fase que dura, geralmente, um período de 15 a 20 anos (EUROPEAN COMMISSION, 2012). O conceito está muito colado nas estratégias objetivas de conciliação da dupla carreira e, com isso, acaba por não enfatizar a dimensão subjetiva⁴ das escolhas e apostas que esses jovens fazem na construção de suas trajetórias nas respectivas instituições que dão sentido às suas identidades (ROCHA, 2017; CORREIA, 2018). Nesse sentido, a noção de projeto se torna fundamental para estudar a dupla carreira, captando, assim, a dimensão subjetiva dos atores e de suas famílias (DELUCA et al., 2016).

No Brasil, ainda não temos políticas públicas voltadas para esse público específico. A ausência de uma figura jurídica na legislação pertinente à juventude e ao trabalho, que categorize o jovem atleta como um trabalhador em potencial, pode dificultar a relação desse jovem na conciliação da dupla carreira (ROCHA, 2017). A condição de subinclusão no contexto jurídico traz ao atleta a necessidade de negociar informalmente as estratégias de conciliação da dupla carreira junto às instituições acadêmicas/escolares, podendo não ter suas demandas atendidas. Observemos que a falta de uma regulamentação específica para este jovem trabalhador do esporte dificulta as estratégias de negociação entre o clube, a instituição acadêmica, o atleta e a família

³ EU Guidelines on Dual Careers of Athletes – Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport.

⁴ Espaço íntimo e pessoal do sujeito, onde as crenças, valores, singularidades, desejos, ideias, objetivos e etc. são construídos a partir da sua experiência no mundo social.

para garantir a melhor forma de conciliar ambas as rotinas e preservar os direitos fundamentais deste jovem.

Um exemplo destacado por Rocha (2017) foi o caso de um atleta de futebol da base no Rio de Janeiro que ficou retido no 3º ano do ensino médio, aos 16 anos de idade, pois, mesmo tendo notas suficientes para sua aprovação, não a obteve por conta de sua frequência escolar ser inferior a 75%. Este caso indica como atletas, ou outros estudantes que tenham carreiras em paralelo à escola, enfrentam dificuldades em função da desconexão entre a escola/universidade e as demandas de estudantes que estão em processo de construção de carreiras que não dependem diretamente da certificação escolar.

As negociações informais com as instituições escolares não garantem que os atletas terão suas demandas atendidas. Em casos incluídos na legislação, o jovem pode pleitear o regime pedagógico domiciliar se o afastamento das atividades escolares for compulsório e motivado por enfermidades ou gravidez, por exemplo. Os atletas, desprotegidos pela lei, ficam, portanto, sujeitos às discricionariedades das autoridades educacionais (ROCHA, 2017).

O problema da dupla carreira não está restrito à falta de regulamentação. Pode-se perceber isso nos países europeus que possuem diferentes meios de intervenção do Estado na gestão da dupla carreira esportiva. Existem modelos em que há uma maior participação do Estado e outros em que inexiste uma regulamentação estatal, todavia, a gestão da dupla carreira fica ao encargo das entidades esportivas. Mesmo com a intervenção de políticas públicas ou institucionais, os países da União Europeia não deixaram de apresentar dificuldades de compatibilização das rotinas da dupla carreira esportiva (MELO, 2018).

Nos estudos nacionais realizados até o momento, observamos que poucas são as instituições que buscam meios de conciliar as demandas da dupla carreira. Vemos estratégias isoladas de conciliação, como nos mostra Correia (2014), por exemplo, que o Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, encontrou como solução manter uma escola particular, dentro das dependências do clube, com a finalidade de facilitar a vida de seus atletas nesse processo. Barreto (2012) traz o exemplo do Cruzeiro Esporte

Clube, em Belo Horizonte, onde também, através de um convênio com uma escola particular, o ensino é oferecido dentro do Centro de Treinamento do clube. Lá os atletas que moram nos alojamentos treinam e estudam no mesmo local. Salvo raras exceções, podemos afirmar que o sistema de formação esportiva fixa seus objetivos e rotinas de forma independente ao processo de escolarização. Tanto o clube quanto a escola lidam de forma autônoma em relação às necessidades desses jovens que procuram a carreira esportiva.

Alguns países da União Europeia criaram estratégias em âmbito nacional para lidar com as demandas dos estudantes-atletas de elite. Um exemplo que encontramos em Van Rens et al. (2012) é o da Holanda, que criou as *Topsport Talent Schools (TTS)* em 1991, escolas especiais destinadas aos atletas de elite, com o objetivo de ajudá-los a obter bons resultados tanto no esporte quanto na escola. Na Dinamarca, como nos mostra Christensen e Sørensen (2009), existe uma instituição chamada *Team Danmark*, responsável por lidar com os atletas de elite e suas demandas. Essa instituição garante aos atletas um currículo adaptado, com menos horas de aulas semanais, que se adequa às demandas esportivas sem prejuízo ao processo de escolarização, pois, os três anos do ensino secundário se transformam em quatro. Emrich (2009) apresenta o caso da Alemanha onde algumas escolas que atendem aos critérios estabelecidos por um comitê especial, recebem o selo de *Elite School of Sport (ESS)*. Tais escolas proporcionam aos atletas estudarem e treinarem, além de garantir um suporte, através de diversos profissionais, para lidar com os diversos aspectos da dupla carreira. Na França, as políticas esportivas têm como característica a forte intervenção do Estado. Vimos em Burlot et al. (2016) que além dos centros de treinamentos e de escolas nacionais para atletas da equitação, esqui e vela, existe uma instituição multi-esportiva chamada *National Institute of Sport, Expertise and Performance (INSEP)* que conta com 25 centros de treinamento públicos, dependentes do Ministério do Esporte da França. Não é apenas um local de treinamento, é também um centro de atendimento médico, de educação e de residência para grande parte dos atletas, além de oferecer cursos de educação secundária e também de nível superior.

As *EU Guidelines* (2012)⁵ também citam como um exemplo de boa prática o Centro de Alto Rendimento (CAR) de *Sant Cugat*, localizado em Barcelona, na Espanha, que possui, dentro do centro multiesportivo, uma escola pública de ensino médio que oferece aulas com horários adaptados para os diferentes grupos esportivos. Além disso conta com o Centro de Atendimento ao Atleta (SAE), que oferece ajuda profissional aos atletas nas fases de transição das etapas acadêmicas e da aposentadoria, facilitando também, através de acordos com algumas empresas, a experiência do primeiro emprego.

O objetivo das iniciativas citadas acima é oferecer aos jovens atletas todo atendimento que precisam em um só lugar, sem que se desperdice o potencial esportivo e consigam estudar sem abandonar o esporte. Todavia, essas experiências, em maior ou menor grau, não podem ser consideradas totalmente exitosas, pois, várias dessas estratégias não resolvem a questão de maximizar o desempenho esportivo e nem melhorar o desempenho escolar, como nos mostra Wartenberg et al. (2014) ao constatarem que o rendimento escolar dos alunos das *Elite Schools of Sport (ESS)* da Alemanha não era diferente dos alunos-atletas das escolas regulares.

Observe-se que lá, uma das demandas dessas políticas é manter os atletas na carreira esportiva, visto que muitos abandonam o esporte para seguirem a carreira de formação acadêmica (LANDA, 2015). A possibilidade que o atleta abandone o esporte para poder se dedicar prioritariamente ao seu objetivo de profissionalização através da formação acadêmica é latente, portanto a prevenção ao abandono do esporte se tornou um desafio na Europa. Pesquisas indicam que cerca de 30% dos jovens europeus abandonam o esporte entre os 10 e 17 anos de idade por dificuldades na conciliação com as demandas escolares (LANDA, 2015; BARON-THIENE E ALFERMANN, 2015).

Buscando entender melhor o processo da dupla carreira, foi realizada uma revisão sistemática afim de identificar como se dá o debate sobre esse tema na União Europeia, nos últimos 5 anos. A escolha da União Europeia como campo de investigação justifica-se em primeiro lugar por ser um conjunto de países que tem um sistema esportivo desvinculado do sistema escolar, assim como o Brasil. Com isso, apesar das diferenças

⁵ Documento publicado pela Comissão Europeia que traz orientações para a elaboração de políticas que atendam as demandas dos estudantes-atletas.
http://ec.europa.eu/assets/eac/sport/library/documents/dual-career-guidelines-final_en.pdf

econômicas e culturais, poderemos estabelecer comparações e observar as políticas em curso naqueles países que adotaram estratégias de conciliação. Estudar um conjunto de países que possui um sistema educacional e esportivo parecido com o brasileiro faz mais sentido para a nossa pesquisa, visto que pretendemos comparar e discutir novas políticas para tratar deste tema no Brasil. É por essa razão que o nosso campo de investigação não está voltado para países como os Estados Unidos, onde o sistema educacional é estreitamente vinculado ao esportivo.

Outro motivo para essa escolha é a existência de uma iniciativa da União Europeia em estimular o debate e a criação de políticas públicas que orientem seus países membros a lidar com esse fenômeno, como pode ser atestado através do documento "Diretrizes da União Europeia para a dupla carreira de atletas" (EUROPEAN COMMISSION, 2012). Tal documento traz, guardadas as devidas diferenças econômicas, culturais e do campo esportivo, contribuições para a discussão dessas políticas no Brasil.

As questões a serem respondidas no capítulo 2 desta dissertação, onde se inserem os resultados encontrados na revisão sistemática são: a) Quais temas estão sendo abordados nos estudos sobre a dupla carreira? b) Quais aspectos e fatores são tratados para entender como esse fenômeno é administrado nos diferentes países da União Europeia? c) Quais as contribuições destas publicações para entender o fenômeno e fornecer subsídios para as políticas públicas educacionais e esportivas?

No capítulo 3 desta dissertação apresentaremos um estudo empírico com atletas de elite, com a finalidade de obtermos resultados comparáveis com os estudos internacionais, visto que, através da revisão de literatura, encontramos a categoria "atleta de elite" como a mais estudada. Indicamos que não trataremos de atletas de forma geral, e sim dos atletas envolvidos com a elite do judô brasileiro. As questões a serem respondidas nessa etapa são: a) Como os atletas de elite do judô conciliam ou conciliavam⁶ a carreira esportiva com a escolarização básica ou a formação de nível superior? b) Como esses jovens justificam o investimento na dupla carreira? c) O grau de investimento na escolarização está associado ao nível socioeconômico e capital

⁶ Considerando que podemos entrevistar atletas que não estejam mais estudando.

cultural dos atletas? d) Quais são as características intrínsecas dessa modalidade esportiva que determinam o investimento e a dedicação à carreira escolar?

A escolha dos atletas de judô das seleções brasileiras, sub-18 e sub-21, como objeto de investigação se deu porque ainda não encontramos nenhum estudo nacional tratando sobre o tema da dupla carreira através do trabalho com um grupo de atletas de elite desta modalidade esportiva. Um atleta de elite é aquele que é reconhecido pela organização esportiva de seu esporte como tal, e participa de competições a nível nacional ou internacional (EUROPEAN COMMISSION, 2012). A maior parte dos artigos encontrados na revisão sistemática tratam da dupla carreira de atletas de elite, portanto, para efeitos de comparação se torna muito interessante estudar essa categoria aqui no Brasil. Além disso devemos reconhecer que contamos com poucos trabalhos do LABEC com atletas que praticam esportes individuais, sendo assim, entender as peculiaridades do judô e como elas podem influenciar as escolhas de carreira desses atletas pode ampliar a percepção sobre o fenômeno no Brasil, visto que não são encontradas publicações nacionais sobre dupla carreira a respeito dessa modalidade.

A hipótese que vem sendo trabalhada no projeto mais amplo⁷ do LABEC é que, a relação entre origem social e modalidade esportiva incide no projeto individual de carreira do jovem atleta podendo determinar suas escolhas por uma maior dedicação à escola ou ao esporte. Além desta, outra hipótese inicial a ser testada é a que, o nível socioeconômico e o capital cultural do estudante-atleta podem determinar o grau de investimento na escolarização.

⁷ Esse projeto de pesquisa chama-se “Escolarização e formação de jovens atletas” e é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ).

1.2 UMA INTRODUÇÃO ÀS QUESTÕES EDUCACIONAIS QUE TANGENCIAM O DEBATE SOBRE A DUPLA CARREIRA NO BRASIL

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996, a educação é direito do cidadão, dever da família e do Estado e, segundo o Art. 3º, o ensino deve ser ministrado com base em onze princípios, incluindo o da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Apesar desse direito ser garantido pela legislação brasileira, precisamos abordar o problema da desigualdade de oportunidades escolares no Brasil, problematizando questões relativas à justiça escolar, ao direito à educação e à equidade. Esse debate se faz necessário para que possamos entender alguns fatores que podem direcionar o projeto individual de carreira dos jovens atletas e suas escolhas de investir mais ou menos nos bancos acadêmicos.

A escolarização na contemporaneidade é vista como um instrumento para a emancipação social, através da qualificação para o mundo do trabalho e da formação do cidadão crítico, proporcionando uma possibilidade de ascensão social (SCHULTZ, 1971; SAVIANI, 2000; Freire, 1997). Porém, esta possibilidade não está igualmente distribuída para todos, visto que o sistema de ensino no Brasil ainda se mostra muito desigual, apesar da universalização do ensino fundamental e do aumento da oferta e acesso ao ensino médio.

Segundo Boudon (1981) a mobilidade social (ou imobilidade) está estritamente conectada às desigualdades de oportunidades no ensino. A educação assumiu gradativamente o papel de distribuição das oportunidades sociais, através das certificações acadêmicas, que são uma forma de distinção frente aos outros indivíduos para obter melhores posições no mercado de trabalho.

O acúmulo de certificações, acadêmicas ou não, é chamado por Bourdieu (1998) de capital cultural institucionalizado, e para o autor, o retorno desse investimento não está ligado apenas ao pleito de melhores vagas no mercado de trabalho, mas também aos diferentes mercados simbólicos que são valorizados pela nossa sociedade.

A sociologia da educação nos mostra a ligação direta entre o nível de escolaridade e as taxas de empregabilidade, média salarial e consequentemente a mobilidade social.

Entretanto não podemos afirmar que todos têm a opção de escolha pela educação e pelas suas certificações. Apesar de todas as conquistas em direção a um sistema escolar mais democrático, ainda não podemos dizer que há igualdade de oportunidades e justiça escolar para todos os brasileiros. Nossa sistema, voltado para a meritocracia, muitas vezes não leva em consideração as diferenças de *background* familiar dos estudantes, tornando-se apenas um reproduutor das desigualdades sociais. Uma escola justa deve tratar de forma desigual os desiguais para que possa, de alguma forma, compensar as diferenças do *background* familiar.

Bourdieu (1998) afirma que o acúmulo de capital cultural pode afetar as diferentes trajetórias dos indivíduos na carreira escolar, o que não é completamente dependente das condições socioeconômicas mas pode estar a ela relacionada. Quem são as famílias que, na maioria das vezes, proporcionam aos jovens mais oportunidades de acesso aos bens culturais, materiais e aos diversos "diplomas" educacionais? Em que contexto se insere a realidade dos jovens atletas investigados pelas pesquisas que tratam sobre a dupla carreira?

Os conceitos de justiça escolar e equidade também são importantes nessa discussão. A equidade educacional é "[...] definida como sua capacidade de acirrar ou amortecer o efeito do nível socioeconômico no desempenho dos alunos" (SOARES; ANDRADE, 2006, p.4). Ribeiro (2014), analisando as ideias de Dubet, diz que "[...] devido à massificação escolar, a justiça na escola é vivenciada como tragédia: os princípios que a regem expressam intensos conflitos sociais, uma vez que a chamada "questão social" está dentro dos muros institucionais" (p.1099). Ou seja, nosso sistema de ensino ainda enfrenta problemas relacionados à equidade, justiça escolar, desigualdade de oportunidades e falta de representatividade.

Em seu livro Desigualdade de Oportunidades no Brasil, Ribeiro (2009) traz dados que comprovam a existência de desigualdades de oportunidades educacionais em nosso país, tanto em relação à classe social de origem quanto à raça, embora a primeira seja mais forte do que a segunda. O autor analisou as transições de: entrada na escola; conclusão da 4^a série do ensino fundamental (atualmente 5^º ano); conclusão da 8^a série do ensino fundamental (atualmente 9^º ano); conclusão do ensino médio; entrada na

universidade e conclusão da universidade. Ele mostra que os indivíduos cujas mães têm maior escolaridade e cujos pais ocupam posições de alto prestígio no mercado de trabalho, têm maior possibilidade de conseguir alcançar a transição para os níveis de escolarização mais elevados. Ou seja, podemos afirmar que o sistema educacional brasileiro contribui para a manutenção das desigualdades de oportunidades e, portanto, para as desigualdades sociais.

Neri (2009b) em um estudo sobre os motivos da evasão escolar no Brasil questiona: “Se a educação gera um retorno privado tão alto, por que os brasileiros investem tão pouco nela?” (NERI, 2009b, p. 33). Buscando responder a esta pergunta, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2004 e 2006, Neri (2009b) identifica quatro grandes grupos de fatores que motivam a evasão até os 17 anos de idade: dificuldade de acesso à escola, que responde por 10,9% dos abandonos; necessidade de trabalho e geração de renda, associado à 27,1% das evasões; falta intrínseca de interesse, responsável pelo abandono de 40,3% dos alunos; e outros motivos, expressos na taxa de 21,7%. A respeito da elevada proporção de estudantes que deixaram de frequentar a escola por motivo de “falta de interesse”, o autor argumenta que, talvez, isso ocorra em função do “desconhecimento dos potenciais prêmios oferecidos pela educação” (NERI, 2009b, p. 36).

Atualizando os dados trazidos por Neri (2009b), de acordo com a PNAD contínua 2017, os motivos alegados pelos respondentes que relacionavam o trabalho com a evasão aumentaram de 27,1% para 39,7%. Ou seja, essa é uma necessidade que faz parte da realidade de muitos jovens e que precisa ser encarada como um desafio para as ações públicas voltadas para a educação. Além da questão da necessidade do trabalho para a geração de renda imediata existente nas classes sociais mais desfavorecidas, outro fator apontado por 40,3% dos respondentes como o motivo da evasão era a falta de interesse na escola, esse número, por outro lado, diminuiu para 20,1% em 2017.

O cenário da educação brasileira se mostra mais positivo em diversos aspectos relacionados à evasão, distorção idade-série, rendimento escolar, desde a publicação de Neri em 2009. Porém atualmente apenas 46,1% da população adulta possui o ensino

médio completo e 15,7% um diploma do ensino superior (PNAD, 2017). Esses números nos mostram que os caminhos de carreira oferecidos por um diploma escolar e universitário ainda não são para todos.

Analizando o lugar onde se coloca um jovem em dupla carreira, esportiva e acadêmica, vemos que o esporte, por um lado, exige tempo e dedicação de um jovem atleta, porém muitas vezes lhe oferece uma possibilidade de ascensão social próxima da sua realidade. Além disso lhes oferece retornos financeiros imediatos através de bolsas e patrocínios. Por outro lado, a escola também exige um grande investimento, mas muitas vezes é vista apenas como uma obrigação social. Muitos jovens não enxergam na escola uma possibilidade de ascensão econômica talvez porque os benefícios a serem obtidos estejam distantes de seus horizontes.

A opção pela escola ou pelo esporte, ou ambos, é feita a partir de uma escolha racional do jovem ao analisar o campo de possibilidades que lhe é apresentado pela sua rede de sociabilidade, levando em conta também seus desejos pessoais. Se o jovem não enxerga ao seu redor, através de exemplos de pessoas próximas que conseguiram uma posição no mercado formal de trabalho através da escolarização, ele acaba cultivando baixas expectativas em relação às possibilidades materiais e simbólicas do diploma. As condições de origem social do sujeito e o modo como ele encara a escolarização são elementos importantes para interpretarmos suas escolhas. É dentro do contexto apresentado que procuramos compreender o investimento na dupla carreira, ou no esporte em detrimento da escola e vice-versa.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 *Objetivo geral*

- Entender como se dá o processo de conciliação da dupla carreira de atletas da elite do judô no Brasil.

1.2.2 *Objetivos específicos*

- Mapear e analisar a produção acadêmica dos últimos 5 anos que trata sobre a dupla carreira de estudantes-atletas na União Europeia.
- Analisar como se dá, ou se deu, a conciliação da dupla carreira dos atletas de elite das seleções brasileiras sub-18 e sub-21 de judô.
- Identificar as estratégias adotadas pelos atletas e instituições para a conciliação das carreiras esportiva e acadêmica.
- Identificar e descrever os motivos pessoais dos atletas para o investimento na dupla carreira.
- Identificar o nível socioeconômico dos atletas e descrever o grau de investimento dos mesmos na escolarização.
- Descrever as características intrínsecas do judô e as oportunidades percebidas pelos atletas.

1.3 METODOLOGIA

1.3.1 *Metodologia da revisão sistemática*

Para escrever o capítulo 2 desta dissertação sobre a dupla carreira de jovens atletas na União Europeia foi realizada uma revisão sistemática da literatura, cuja busca se deu no dia 29/08/2017 nas bases de dados Scopus (Elsevier), PsycArticles (APA), SPORTdiscus, Web of Science e SAGE Journals. A escolha das bases se deu pela relevância consolidada de publicações sobre o tema estudado. Foram utilizados os termos "dual career" AND ("student" OR "school") AND ("athlete" OR "sport") restringindo os resultados a artigos científicos e capítulos de livros publicados entre 2012 e 2017, em inglês, espanhol ou português. Excluindo os artigos duplicados que estavam em mais de uma base de dados, foram encontrados 43 artigos⁸. Para serem considerados elegíveis para a revisão sistemática, os estudos também tiverem que cumprir os seguintes critérios: a) tratar sobre a dupla carreira de estudantes-atletas b) situar-se no contexto da União Europeia. Os artigos foram analisados de forma independente por dois revisores, e após a leitura dos resumos foram excluídos 10 artigos que não tratavam sobre a dupla carreira de estudantes-atletas, 6 estudos de validação de questionário, 3 estudos que se situavam fora do contexto da União Europeia e uma revisão sistemática. Foram considerados elegíveis, portanto, um total de 23 artigos e 1 capítulo de livro.

1.3.2 *Metodologia do trabalho empírico com os atletas de judô*

Com a finalidade de obter dados relacionados à experiência da dupla carreira de atletas da elite do judô em nosso país, realizamos uma investigação com atletas que representavam as seleções brasileiras, masculinas e femininas, sub-18 e sub-21. Este público foi escolhido pois, através da revisão sistemática, foi possível perceber que os estudos internacionais utilizam a categoria "atleta de elite" para tratar dos atletas que já competiram ou competem em competições nacionais e internacionais, além de serem reconhecidos pela organização esportiva de seu esporte como tal. Portanto, para efeito

⁸ A busca foi feita através do portal de periódicos da CAPES, portanto é possível que alguns artigos mais recentes possam não ter aparecido nos resultados por conta dos limites de acesso às bases.

de comparação dos resultados de nossos estudos com a literatura internacional, a estratégia de investigar esta categoria parece ser fecunda.

O contato inicial foi realizado através Confederação Brasileira de Judô. Apresentamos aos dirigentes nossa proposta de estudo, explicitando a necessidade de investigar a dupla carreira no âmbito esporte/escola, para que possamos gerar subsídios para futuras políticas que facilitem e melhorem a qualidade de vida de estudantes-atletas. No período de 09 a 14 de setembro de 2018, ocorreu um treinamento de campo para os atletas mais bem posicionados nos *rankings*⁹, masculino e feminino, da Confederação Brasileira de Judô (CBJ), das categorias sub-18 e sub-21. Durante essa semana, atletas do Brasil inteiro ficaram alojados no município de Pindamonhangaba, estado de São Paulo, onde participaram de treinamentos físicos, táticos e técnicos, palestras e sessões de fisioterapia. Esses treinamentos são frequentes e ocorrem, atualmente, dentro de um hotel com o qual a CBJ possui um convênio e disponibiliza toda a estrutura necessária. Os treinamentos de campo costumam ser realizados como forma de preparação, antecedendo competições importantes, tanto com as seleções sênior quanto com as seleções sub-18 e sub-21. Nesse caso, antecedeu os Jogos Olímpicos da Juventude e o Campeonato Mundial sub-21.

Nosso primeiro contato com os atletas foi realizado no início da palestra de abertura do treinamento, momento em que nos foi disponibilizado um espaço de fala. Nos apresentamos a todos falando a respeito de nossa formação, do grupo de pesquisa (LABEC) e brevemente das pesquisas realizadas até o momento. Enfatizamos a importância da pesquisa que estamos realizando, e de como os resultados poderiam nos auxiliar a pensar políticas públicas que impactassem de forma positiva a vida deles como estudantes e atletas. Deixamos claro que a participação era voluntária e poderia ser interrompida a qualquer momento, e que os dados seriam tratados com sigilo, não havendo identificação em nenhuma publicação.

Depois da apresentação do projeto e de como ele seria realizado, foi disponibilizado um link¹⁰, redirecionado aos atletas através da comissão técnica, na

⁹ Classificação dos atletas ordenada pelos resultados obtidos em competições.

¹⁰ <https://pt.surveymonkey.com/r/judobr>

plataforma *Survey Monkey*, onde os atletas responderiam a um questionário online semiaberto contendo 85¹¹ questões¹². Além de traçar o perfil do atleta, esse questionário continha questões que tratam sobre a dupla carreira, a rotina de treinamento e de estudos, história individual, organização da rotina diária, projeto individual de carreira e perspectivas de futuro. Ao final foi incluído um questionário socioeconômico que nos permitiu identificar a que classe social cada atleta pertencia através da pontuação estimada pelo "Critério de Classificação Econômica Brasil"¹³ da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), revisado em abril de 2018.

Permanecemos no local para observar os treinamentos durante 3 dias e, em todos eles nos foi dado um espaço de fala para que relembrássemos aos atletas sobre a importância do preenchimento do questionário. Estavam presentes um total de 65 atletas, sendo que 6 deles não iniciaram o questionário, e 4 não concordaram com o termo de consentimento presente no início do questionário, condição necessária para dar continuidade no preenchimento do mesmo. Com isso, nossa amostra total foi de 55 atletas participantes.

A análise estatística foi feita através do banco de dados gerado em uma planilha no Excel pelo próprio programa utilizado para a aplicação do questionário, o *Survey Monkey*. Para analisar estes dados foi utilizado o programa "R - versão 3.3.2". Os testes utilizados foram: "*Fisher's Exact Test for Count Data*", "*Pearson's Chi-squared test*", "*Spearman's rank correlation*" e "*Kruskal-Wallis rank sum test*". Estes testes foram escolhidos segundo as características específicas das variáveis analisadas, e o nível de significância considerado foi de 0.05 ($p=0.05$).

1.3.3 Aspectos éticos

O projeto com os atletas de judô das seleções brasileiras, masculinas e femininas, sub-18 e sub-21, foi aprovado na Plataforma Brasil pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro

¹¹ O número de questões a serem respondidas variava de acordo com as respostas.

¹² Anexo A desta dissertação.

¹³ www.abep.org/Servicos/Download.aspx?id=14

(CAAE: 90563018.1.0000.5582). Como indicado no termo de consentimento e ao iniciar o preenchimento do questionário online, a participação foi voluntária e a identidade tratada com padrões profissionais de sigilo, não havendo identificação em nenhuma publicação. Os atletas estavam cientes dos objetivos da pesquisa e nenhum deles foi coagido a participar da mesma.

1.3.4 Definição dos conceitos da pesquisa

A interpretação dos dados desta pesquisa irá levar em consideração alguns conceitos fundamentais que nos auxiliarão a compreender melhor a relação entre o investimento na escola ou no esporte e as características econômicas, sociais e afetivas dos jovens atletas. Esses conceitos já foram apresentados em pesquisas anteriores do LABEC (ROCHA, 2013, 2017; CORREIA, 2014, 2018), e serão aqui definidos pois aparecerão ao longo desse estudo, dando sentido aos argumentos apresentados.

O primeiro conceito é o de projeto individual de carreira e, para explicá-lo, baseamo-nos na obra de Gilberto Velho (1997, 2003 e 2010). Velho define esse conceito como o modo que os indivíduos adotam uma meta a ser atingida dentro de um determinado espaço e tempo. Isso, porém, não significa que tais metas não sejam alteradas nas trajetórias individuais, familiares e dos grupos, de acordo com contingências, interações, frustrações, oportunidades e as demais possibilidades que a vida apresenta aos atores sociais, como nos mostra Giacomini (2006). Esse conceito auxilia a estruturar uma narrativa que dê inteligibilidade às trajetórias de pessoas, famílias, grupos e instituições. Portanto, a ideia da consolidação de um projeto de carreira, construído no seio de uma sociedade complexa e contemporânea, implica a compreensão de que as escolhas realizadas nesse contexto resultam de um conflito constante entre o desejo pessoal e a intensidade dos estímulos e das oportunidades reconhecidas nessa sociedade. As redes de sociabilidade são tão importantes para a percepção das oportunidades de carreira quanto as características de origem social e econômica, isto é, o *ethos* de classe.

Em nossa sociedade complexa, moderno-contemporânea, são percebidas uma infinidade de signos e valores que cabem ao indivíduo julgar ser compatível com seu

projeto individual de carreira ou não. A escola, por exemplo, tem um forte apelo por parte da sociedade e da família. Além de ser uma obrigação legal, ela é vista com bons olhos, como uma forma de conquistar prêmios no futuro, como melhores empregos e salários. No campo esportivo, o futebol por exemplo, apesar de estar fortemente presente na cultura brasileira e fazer parte da afirmação da identidade masculina, ainda assim disponibiliza poucas vagas para quem almeja melhores salários. Segundo dados divulgados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2016, 82,40% dos jogadores profissionais em nosso país recebem um salário mensal de até R\$ 1.000, 13,68% recebem entre R\$ 1.000 e R\$ 5.000 mensais e apenas 3,92% recebem acima de R\$ 5.000 por mês¹⁴. Apesar dos números apresentados, o esporte se tornou, a partir da modernidade, um local de estruturação de projetos individuais e familiares, como meio de busca de prestígio e/ou mobilidade econômica e/ou social, em vários países que possuem mercados esportivos profissionalizados.

Nesse contexto os jovens traçam seus caminhos e fazem suas escolhas para alcançarem seus objetivos de vida. Partimos do pressuposto, apoiados em Jon Elster (1994, 2009), que essas escolhas não são irracionais. O autor definiu o conceito de escolha racional, outro conceito que trataremos no escopo deste estudo, como sendo fruto de um processo de análise interna e individual das oportunidades e/ou dos desejos humanos. Ou seja, o indivíduo realizaria um cálculo racional entre os desejos e as oportunidades para tomar suas decisões. No caso do jovem atleta, ele analisa de forma perceptiva as oportunidades oferecidas na escola e no esporte para tomar suas decisões de investimentos e prioridades, além de levar em conta seus desejos e pressões sociais e familiares.

Outro conceito amplamente utilizado nesta dissertação é o da dupla carreira. Este termo foi introduzido pela primeira vez em um documento oficial, na União Europeia, em 2007, para indicar os desafios específicos de atletas de elite em combinar as demandas escolares e esportivas (EUROPEAN COMMISSION, 2007). Entendemos dupla carreira como a manutenção sistemática de duas atividades dentre estas: a prática esportiva de

¹⁴ Dados divulgados pela CBF em 2016 em seu site oficial obtidos através do link: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WwGKW6QvzIW> em 10/03/2018.

alto rendimento, o estudo e o trabalho. Essas práticas demandam tempo e dedicação, podendo gerar certas tensões e dificuldades para esses jovens. A discussão sobre os jovens esportistas em dupla carreira é eixo principal do estudo em tela.

O capital cultural é outro conceito a ser definido nesta seção. Podemos acumular capital social, cultural, econômico e simbólico, sendo o cultural amplamente conectado à educação. Bourdieu (1998) definiu o capital cultural em três estados, a saber: o capital cultural objetivado – que seria aquele aspecto em que o indivíduo pudesse consumir de forma objetiva o saber, como livros, revistas, música, oportunidades de frequentar museus, consumir arte e etc.; o capital cultural institucionalizado – processo de legitimação do capital herdado através da obtenção de credenciais ao frequentar a escola, cursos, universidade e etc.; e o capital cultural incorporado – que lida com a valorização e o tempo de investimento do indivíduo no consumo dos demais capitais. Ainda há uma quarta definição de capital que também, segundo Bourdieu (1998), contribui para que as oportunidades escolares sejam melhores aproveitadas pelos indivíduos – o capital social. Esse tipo de capital tem relação íntima com a capacidade dos indivíduos de formar redes de conhecimento e influência. O capital social está atrelado diretamente ao conjunto de oportunidades associado a cada indivíduo. O autor não coloca a dimensão de cultura subordinada à dimensão socioeconômica, e sim como uma outra forma de poder, embora possa estar relacionada a ela. O autor utiliza esse conceito com enorme abrangência indicando como a cultura pode atuar sobre as condições de vida dos indivíduos, inclusive, atribuindo as probabilidades de sucesso na escola ao acúmulo de capital cultural.

Os conceitos apresentados nesta seção serão trabalhados de forma mais ampla conforme forem citados ao longo do texto.

CAPÍTULO II: O DEBATE SOBRE A DUPLA CARREIRA DE JOVENS ATLETAS NOS ESTADOS MEMBROS DA UNIÃO EUROPEIA E NO BRASIL

Os países membros da União Europeia estão tratando a respeito da questão da dupla carreira há anos, fazendo, portanto, com que o debate esteja bem mais avançado do que no Brasil, onde a questão ainda não está na agenda das políticas públicas.

Uma das iniciativas europeias para incitar esse debate e para que o olhar do poder público e das instituições começasse a se voltar para este público, foi a criação das “*EU Guidelines on Dual Careers of Athletes*”, que pode ser livremente traduzido como, “Diretrizes da União Europeia para a dupla carreira de atletas”. O documento foi publicado em 2012 pela Comissão Europeia e traz orientações para a elaboração de políticas que atendam as demandas dos estudantes-atletas.

A inclusão do termo “dupla carreira”, indicando os desafios específicos de atletas de elite em combinar as demandas escolares e esportivas, no *EU White Paper on Sport*¹⁵ (EUROPEAN COMMISSION, 2007) foi uma iniciativa que trouxe grande avanço para esse campo de estudo pois, com a inserção desse termo nos descritores dos artigos, teses, dissertações e livros é possível encontrar facilmente e reunir todas as pesquisas que tratam sobre o assunto.

Como descrito na metodologia e justificado na introdução, buscando entender melhor o processo da dupla carreira de estudantes-atletas, foi realizada uma revisão sistemática, a fim de mapear e analisar o debate sobre esse tema na União Europeia nos últimos 5 anos. Com isso, apesar das diferenças econômicas e culturais, poderemos estabelecer comparações e observar as políticas em curso naqueles países que adotaram estratégias de conciliação, podendo assim, comparar e discutir novas políticas para tratar esse tema no Brasil. A seguir apresentaremos uma categorização, criada de acordo com os temas abordados a partir da leitura dos artigos selecionados, e logo em seguida, os principais resultados encontrados dentro de cada categoria.

¹⁵ O documento, EU White Paper on Sport, regulamenta as carreiras esportivas e a educação, considerando a importância do estudo para uma oportunidade de carreira após o esporte. Commission of the European Communities, White Paper on Sport, Brussels, 11 July, 2007, COM (2007), 391, page 6.

2.1 RESULTADOS

Tabela 1 – Categorização das pesquisas a partir dos temas abordados

TEMA	ARTIGO
Instituições, programas e escolas especiais para atletas	<p>12 - The European athlete as student network (EAS): prioritizing dual career of European student-athletes (Capranica, L. et al., 2015)</p> <p>14 - Supporting dual career in Spain: elite athletes' barriers to study (Subijana, C. L. et al., 2015)</p> <p>15 - Searching for an optimal balance: dual career experiences of Swedish adolescent athletes (Stambulova, N. B. et al., 2014)</p> <p>17 - Developing young athletes: the role of private sport schools in the Norwegian sport system (Kristiansen, E. et al., 2017)</p> <p>22 - A longitudinal assessment of adolescent student-athletes school performance (Wartenberg, J. et al., 2014)</p> <p>23 - Comparative analysis: support for student-athletes and the guidelines for the universities in southeast Europe (Caput-Jogunica, R. et al., 2012)</p>
As motivações e as percepções dos estudantes-atletas sobre a dupla carreira	<p>05 - Seguimiento de la transición a la universidad en mujeres deportistas de alto rendimiento (Perez-Rivases, A. et al., 2017)</p> <p>06 - Motivation toward dual career of Italian student-athletes enrolled in different university paths (Lupo, C. et al., 2016)</p> <p>09 - European student-athletes perceptions on dual career outcomes and services (Fuchs, P. X. et al., 2016)</p> <p>16 - Personal characteristics as predictors for dual career dropout versus continuation – A prospective study of adolescent athletes from German elite sport schools (Baron-Thiene, A. et al., 2015)</p> <p>20 - Dual career motivation and athletic identity on elite athletes (Subijana, C. L. et al., 2015)</p> <p>21 - Motivation towards dual career of European student-athletes (Lupo, C. et al., 2015)</p> <p>24 - Motivation for a dual-career: Italian and Slovenian student-athletes (Corrado, L. et al., 2012)</p>

Planejamento da dupla carreira	02 - Competencias para la planificación de la carrera dual de deportistas de alto rendimiento (Moya, S. L. M. et al., 2017) 03 - Students athletes perceptions of four dual career competencies (Brandt, K. et al., 2017) 04 - Events of athletic career: a comparison between career paths (Ramos, J. et al., 2017) 13 - A study of the relationship between elite athletes educational development and sporting performance (Aquilina, D., 2013) 18 - Dual career pathways of transnational athletes (Ryba, T. V. et al., 2014)
Percepções e práticas dos pais, técnicos e professores em relação à dupla carreira	01 - 'School, family and then hockey!' Coaches views on dual career in ice hockey (Ronkainen, N. J. et al., 2017) 07 - A person-oriented approach to sport and school burnout in adolescent student-athletes: the role of individual and parental expectations (Sorkkila, M. et al., 2017) 19 - Italian teachers perceptions regarding talented atypical students; a preliminary study (Guidotti, F. et al., 2014)
Facilitadores e barreiras para a dupla carreira	08 - Remando contracorriente - facilitadores y barreras para compaginar el deporte y los estudios (Gómez, G. et al., 2014) 10 - The life of high-level athletes: the challenge of high performance against the time constraint (Burlot, F. et al., 2016) 11 - Walking the line how young athletes balance academic studies and sport in international competition (Kristiansen, E., 2016)

Como visto na tabela acima, os artigos foram inseridos em 5 diferentes categorias temáticas: "Instituições, programas e escolas especiais para atletas", "As motivações e as percepções dos estudantes-atletas sobre a dupla carreira", "Planejamento da dupla carreira", "Percepções e práticas dos pais, técnicos e professores em relação à dupla carreira" e "Facilitadores e barreiras para a dupla carreira". Os principais resultados encontrados em cada categoria serão apontados nas tabelas que seguem.

Tabela 2 - Resultados da 1^a categoria

TEMA	ARTIGOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
Instituições, programas e escolas especiais para atletas	12, 14, 15, 17, 22, 23.	<ul style="list-style-type: none"> - A intervenção ou não do Estado na regulamentação de políticas públicas destinadas aos estudantes-atletas, e na oferta de escolas especiais para atletas, varia de acordo com cada país pertencente à União Europeia. - Grande parte dos países da União Europeia conta com programas flexíveis nas Universidades e bolsas de estudos para atletas. - As escolas do esporte, além de oferecerem estrutura de treinamento no mesmo local dos estudos, costumam oferecer serviços médicos e de fisioterapia. Algumas também contam com local de residência para os atletas. - Na opinião da maioria dos pais e atletas, as escolas do esporte são a melhor forma de conciliar ambas as carreiras. - Há uma falta de suporte psicológico aos estudantes-atletas através das instituições escolares e esportivas. - O rendimento escolar e esportivo dos alunos das escolas especiais do esporte não se mostra diferente do rendimento de estudantes-atletas das escolas regulares. - Os atletas enfrentam barreiras para estudar independentemente de estarem participando de um programa de assistência ou não.

Além de fazerem uma análise sobre certos programas e escolas especiais para atletas, alguns artigos explicam brevemente a estrutura ou a forma de funcionamento de tais centros e/ou programas. Apenas o artigo número 12 não traz uma análise, e sim uma apresentação, de como funciona a *EAS*, "European Athlete as Student Network", uma rede, que tem como objetivo reunir parceiros envolvidos no esporte de alta performance e na educação para gerar uma troca das melhores práticas de suporte à dupla carreira entre países e instituições, melhorando as condições da alta performance esportiva e educacional e desenvolvendo projetos e pesquisas sobre a dupla carreira (EAS, 2015).

Tabela 3 - Resultados da 2^a categoria

TEMA	ARTIGOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
As motivações e as percepções dos estudantes-atletas sobre a dupla carreira	05, 06, 09, 16, 20, 21, 24.	<ul style="list-style-type: none"> - Os atletas que praticam esportes mais profissionalizados em seus países investem mais na carreira esportiva e, os praticantes de esportes com menores chances de profissionalização, investem mais nos estudos. - O nível motivacional dos estudantes-atletas para a dupla carreira pode ser influenciado pelo gênero, modalidade esportiva, nível competitivo, área acadêmica e ano escolar. - Uma das motivações mais citadas para a manutenção da carreira acadêmica durante a formação como atleta, é a possibilidade de uma alternativa de carreira quando a esportiva chegar ao fim. - As fases de transição, tanto das etapas acadêmicas quanto esportivas, são as de maior vulnerabilidade e estresse. - A falta de suporte institucional e psicológico para a conciliação de ambas as carreiras é percebida como problemática para os estudantes-atletas. Os jovens que recebem maior suporte institucional demonstram maior motivação para ambas as carreiras. - Motivação e habilidades decisórias são importantes fatores para a continuidade da dupla carreira.

As motivações para perseguir um caminho de carreira ou para alcançar um objetivo são muito pessoais e, portanto, muito variáveis nos contextos analisados. No caso da motivação para a dupla carreira, os artigos desta categoria relatam que ela pode variar, ou seja, os estudantes-atletas podem demonstrar-se mais ou menos motivados, de acordo com o gênero, modalidade esportiva, nível competitivo, área acadêmica e ano escolar. Ter uma outra opção de carreira após o término da carreira esportiva é, apesar de todos os motivos pessoais, a resposta encontrada com maior frequência ao investigar os motivos para a continuidade dos estudos. Por conta desse apontamento, esta será uma das questões que pretendemos responder ao investigar a realidade dos atletas de elite do judô brasileiro.

Tabela 4 - Resultados da 3^a categoria

TEMA	ARTIGOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
Planejamento da dupla carreira	02, 03, 04, 13, 18.	<ul style="list-style-type: none"> - As competências percebidas pelos atletas como importantes para um bom planejamento e manutenção da dupla carreira são: dedicação, capacidade decisória, resistência mental, inteligência social e adaptabilidade. - Não há uma estratégia ideal de planejamento para garantir o sucesso da dupla carreira, porém, para serem bem-sucedidos os estudantes-atletas precisam aprender a priorizar o tempo de suas tarefas. - A justificativa mais citada para a manutenção da dupla carreira é ter um "plano B" caso a carreira esportiva não funcione conforme o planejado, bem como promover a inclusão no mercado de trabalho após a aposentadoria esportiva. - Alguns atletas europeus acabam migrando para as universidades dos Estados Unidos por conta da possibilidade de profissionalização através do esporte, do sistema de bolsas, e pelo fato do sistema educacional ser atrelado ao esportivo, proporcionando um maior suporte institucional.

As chances de alcançar um objetivo aumentam efetivamente quando conseguimos realizar um bom planejamento do caminho a ser trilhado. Um planejamento significa fazer uma análise da situação atual, definir metas, traçar um plano de ação e ao longo da jornada ir fazendo os ajustes necessários a partir das contingências, desejos e oportunidades. Como vimos nos artigos inseridos nesta categoria, não existe uma estratégia ideal de planejamento para o sucesso na dupla carreira esportiva e acadêmica, porém, é unanimidade a percepção da necessidade de um bom ajuste do uso do tempo, das horas diárias disponíveis e das metas a serem perseguidas. Diversas competências pessoais podem ajudar nesse processo de gestão, porém, ter um auxílio profissional também pode ser bastante útil para entender as opções e fazer escolhas ajustadas aos objetivos traçados a curto, médio e longo prazo.

Tabela 5 - Resultados da 4^a categoria

TEMA	ARTIGOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
Práticas dos pais, técnicos e professores em relação à dupla carreira	01, 07, 19.	<ul style="list-style-type: none"> - Apesar dos técnicos adotarem o discurso oficial de que a escola deve ser prioridade sobre o esporte, não são identificadas práticas diárias condizentes com esse discurso. - O suporte familiar impacta diretamente na continuidade e motivação para ambas as carreiras, principalmente quando falamos dos atletas menores de idade. - O suporte financeiro, logístico e afetivo dos pais costuma ser essencial para a manutenção da dupla carreira. - A confiança é um fator de proteção contra o <i>burnout</i> (estresse e esgotamento físico e psicológico), portanto, quanto maior o suporte familiar, menores as chances de desenvolver esse distúrbio. - Estudantes-atletas são menos reconhecidos pelos professores do que os estudantes trabalhadores no que diz respeito à flexibilização e ao suporte.

A família é uma esfera muito importante da vida dos jovens atletas e os caminhos de carreira podem ser amplamente influenciados pela mesma. Apesar disso, raros são os estudos que abordam esse tema sob a ótica familiar. Foi encontrado apenas um artigo específico sobre o tema, e ele fala sobre influência das expectativas parentais sobre a síndrome de *burnout*¹⁶ de estudantes-atletas. Nenhum dos artigos encontrados nesta revisão investiga profundamente a influência da família no investimento na dupla carreira, apenas mostram a importância do suporte financeiro recebido em alguns países e que, na percepção dos atletas, o apoio dos pais é essencial. Os técnicos e professores também podem ter grande influência nas escolhas e caminhos de carreira percorridos pelos jovens atletas, e novamente foi encontrado apenas um artigo para tratar de cada um desses temas.

¹⁶ Distúrbio psíquico que gera exaustão e esgotamento físico e mental estando intimamente conectado à vida profissional.

Tabela 6 - Resultados da 5^a categoria

TEMA	ARTIGOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
Facilitadores e barreiras para a dupla carreira	08, 10, 11.	<ul style="list-style-type: none"> - A falta de tempo é uma das maiores barreiras para a dupla carreira. Os maiores problemas são relacionados aos horários de aulas obrigatórias e exames. - O apoio da família, amigos, técnicos e companheiros é um dos fatores facilitadores essenciais para que os atletas deem continuidade à dupla carreira. - Os horários de treinamento e os períodos de competição e concentração são uma grande barreira para a manutenção da carreira acadêmica. - O cansaço acumulado, o estresse e a falta de tempo ocioso são prejudiciais à concentração em sala de aula. - A proximidade entre o local de treinamento e o local de estudo é um grande facilitador para a manutenção da dupla carreira.

Ao investigar a rotina de jovens que estão estudando e ao mesmo tempo são atletas, geralmente encontramos uma maior quantidade de barreiras do que de facilitadores para a dupla carreira, como podemos ver na tabela acima. Diversos são os recursos que podem ser utilizados tanto pelas escolas, quanto pelos clubes, famílias e próprios atletas para facilitar essa conciliação, porém, antes de mais nada, se faz necessário entender como funciona o dia a dia dos estudantes-atletas, identificando suas dinâmicas para, desta forma, poder pensar em estratégias a serem adotadas. Através desta categoria é possível identificar alguns facilitadores e as principais barreiras enfrentadas pelos jovens em dupla carreira, indicando uma direção de onde se faz necessário agir.

2.2 DISCUSSÃO

Considerando os dados apresentados até o momento, observamos que as pesquisas analisadas mostram que o maior obstáculo enfrentado pelos estudantes-atletas é a gestão do tempo e das rotinas, sendo necessária uma maior participação dos agentes da família, da escola e do clube para auxiliar tal conciliação. Verificou-se que as políticas públicas que orientam a elaboração de programas específicos para a gestão da dupla carreira visam aproximar os centros de treinamento do ambiente escolar, minimizando o tempo de deslocamento entre as atividades. Nesse sentido, a percepção dos estudantes-atletas e dos familiares é de que essa talvez seja a melhor forma de conciliar a rotina do esporte de alto rendimento com as obrigações escolares.

Ainda que os programas de gestão da dupla carreira possam amenizar problemas relacionados ao gasto de tempo em deslocamentos, por exemplo, é quase consensual que, ainda assim, há uma certa dependência de fatores relacionados às redes de sociabilidade que afetam diretamente o melhor aproveitamento da dupla carreira. A citada falta de profissionais que dão suporte psicológico aos estudantes-atletas, a ausência da família na participação da gestão da dupla carreira e a exigência exacerbada dos agentes do esporte por resultados satisfatórios nas competições podem gerar estresse extremo, *burnout* e, possivelmente, o abandono do esporte ou dos estudos. Por outro lado, as incertezas do mercado esportivo influenciam o desejo dos estudantes-atletas pela manutenção da dupla carreira e permanência nos bancos acadêmicos, com objetivo de inserção no mercado de trabalho após o fim da carreira esportiva.

Os problemas de ordem objetiva da dupla carreira esportiva (gestão e organização do tempo; resultados acadêmicos e esportivos etc.) são evidentes e transparecem nos resultados das pesquisas. Porém, não se pode ignorar a importância dos elementos subjetivos para entender como ocorre o processo de investimento no esporte ou na escola, ou até mesmo a insistência na dupla carreira. Talvez o planejamento de políticas públicas ou institucionais possa se basear em um melhor equilíbrio entre as atividades do esporte e as obrigações escolares, mas não pode ignorar o suporte aos projetos de vida e orientação vocacional do estudante-atleta.

2.2.1 Instituições, programas e escolas especiais para atletas

Como podemos ver nas tabelas acima, grande parte dos artigos encontrados nesta revisão (nº 12 - Capranica, L. et al., 2015, nº 14 - Subijana, C. L. et al., 2015, nº 15 - Stambulova, N. B. et al., 2014, nº 17 - Kristiansen, E. et al., 2017, nº 22 - Wartenberg, J. et al., 2014, nº 23 - Caput-Jogunica, R. et al., 2012) tratam sobre instituições, programas ou escolas especiais para atletas, iniciativas raras no Brasil.

Na União Europeia, apesar das orientações das "*EU Guidelines*", a intervenção do Estado na criação de políticas públicas para a dupla carreira varia muito de acordo com cada país. Alguns países têm a regulamentação centrada no Estado como: França, Hungria, Luxemburgo, Espanha, Polônia e Portugal; outros têm o Estado como patrocinador/facilitador: Bélgica, Dinamarca, Estônia, Finlândia, Alemanha, Letónia, Lituânia e Suécia; alguns possuem as federações esportivas nacionais e/ou instituições representando os interesses educacionais dos atletas, como: Grécia e Reino Unido; e os que não possuem uma estrutura formal (*Laisser Faire*) são: Itália, Irlanda, Malta, Áustria, República Tcheca, Eslováquia e Eslovênia (AQUILINA et al., 2010).

As escolas do esporte existem em diversos países do mundo como Alemanha, China, Canadá, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Singapura, Itália e Holanda (DE KNOP et al., 1999; RADKTE et.al, 2007; WAY et al., 2010). Essas escolas buscam facilitar a rotina dos estudantes-atletas incluindo diversos serviços dentro de uma mesma estrutura, como: local de treinamento, local de estudo, médicos, fisioterapeutas, dentre outros, que variam de instituição para instituição.

Para o governo sueco, por exemplo, a ideia básica em relação à dupla carreira é que os atletas de elite devem estar habilitados a ter uma vida normal na sociedade quando a carreira esportiva acabar¹⁷, e as escolas do esporte facilitam esse processo. Um dos grandes benefícios dessas escolas especializadas é a oferta de salas de aula e estrutura de treinamento em um mesmo local, ou em lugares muito próximos, o que facilita a gestão objetiva da dupla carreira. Porém, colocado desta forma, o esporte como instituição formativa pode se situar como um tipo de instituição total, para usarmos um

¹⁷ http://www.riksdagen.se/sv/dokument-lagar/dokument/proposition/en-idrottspolitik-for-2000-talet--folkhalsa_GM03107/html

termo de Goffman (1987), que limita a vida dos atletas aos objetivos esportivos, de modo que pode se tornar uma barreira para o desenvolvimento de sociabilidade de forma mais ampla na vida social. Assim, essas estratégias acabam por revelar os limites que a formação esportiva pode impor aos atletas.

O *National Institute of Sport, Expertise and Performance (INSEP)* na França, onde as políticas esportivas têm como característica uma forte intervenção do Estado, é um exemplo desse tipo de instituição. Ele conta com 25 centros de treinamento públicos, dependentes no Ministério do Esporte Francês onde, além do local de treinamento, também é oferecida educação secundária e superior, residências para a maioria dos atletas e centros de atendimento médico (BURLOT et al. 2016). Na Holanda, vemos o exemplo das *Topsport Talent Schools (TTS)*, escolas especiais destinadas aos atletas de elite que existem desde 1991. Na Alemanha, algumas escolas que atendem aos critérios estabelecidos por um comitê especial, recebem o selo de *Elite School of Sport (ESS)*. Tais escolas proporcionam aos atletas estudarem e treinarem em um mesmo local, além de oferecerem suporte profissional para esses jovens lidarem com os diversos aspectos da dupla carreira.

Na Espanha podemos citar o exemplo do Centro de Alto Rendimento (CAR) de *Sant Cugat*, que possui, dentro do centro multiesportivo, uma escola pública de ensino médio que oferece aulas com horários adaptados para os diferentes grupos esportivos. Além disso, conta com o Centro de Atendimento ao Atleta (SAE) que oferece ajuda profissional aos atletas nas fases de transição das etapas acadêmicas e na aposentadoria, facilitando também, através de acordos com algumas empresas, a experiência do primeiro emprego. Na Suécia existem as *RIGs*¹⁸, escolas nacionais do esporte de elite, onde estudantes-atletas de ponta que têm entre 16 e 18 anos de idade podem praticar o esporte, ir à escola e viver no *campus*. Esses são apenas alguns exemplos, visto que inúmeras são as escolas especializadas no atendimento de jovens atletas espalhadas pelos países da União Europeia.

Em relação às instituições e programas, na Dinamarca existe uma instituição chamada *Team Danmark*, responsável por lidar com os atletas de elite e suas demandas.

¹⁸ Em 2013 eram 51 RIGs, livres de cobranças, espalhadas pelo país.

Essa instituição garante aos atletas um currículo adaptado, com menos horas de aulas semanais, que se adequa às demandas esportivas sem prejuízo ao processo de escolarização, pois, os três anos do ensino secundário se transformam em quatro. Na Espanha existe um programa chamado *Programa de Ayuda al Deportista (PROAD)*, que objetiva aconselhar atletas de elite em relação aos estudos, emprego e problemas pessoais. O programa tem acordo com diversas empresas e facilita a experiência do primeiro emprego. O contato é estabelecido através da internet, em uma página mantida pelo Conselho Nacional de Esportes espanhol. Na Bélgica, atletas que estiveram no *ranking* olímpico recebem uma bolsa de 20.000 euros para conciliar o esporte e os estudos e contam com o suporte do programa *STEP*, através do qual têm acesso a palestras sobre gerenciamento financeiro, habilidades de comunicação, prevenção de lesões, reabilitação, dentre outros assuntos. Outro benefício é que os atletas de elite nesse país podem estender o ano acadêmico de 1 para 2 anos ou mais.

No caso brasileiro, Rocha (2017) nos mostra que não existe uma figura jurídica na legislação, no que diz respeito à juventude e ao trabalho, que categorize o jovem atleta como um trabalhador, o que pode dificultar a relação desse jovem na conciliação da dupla carreira. Essa condição traz ao atleta a necessidade de negociar individualmente as estratégias de conciliação da dupla carreira junto às instituições acadêmicas/escolares, podendo não ter suas demandas atendidas. Todavia, ainda que existisse uma política pública para a mediação da dupla carreira esportiva, os casos mostrados nas pesquisas dos países da União Europeia indicam que nem sempre essas estratégias são eficazes.

Em nosso país poucas são as instituições que buscam meios de conciliar as demandas da dupla carreira. De modo geral essa negociação acaba sendo feita de maneira direta entre os atletas/responsáveis e a escola, pois não existe nenhum mecanismo formal mediando essas demandas. Vemos estratégias isoladas de conciliação, como nos mostra Correia (2014), por exemplo, a realidade do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, que criou uma escola particular própria, dentro do clube, a fim de facilitar esse processo e do Cruzeiro Esporte Clube, em Belo Horizonte, que também optou por ter uma instituição de ensino dentro do Centro de Treinamento, como nos apresenta Barreto (2012), em sua dissertação de mestrado.

Podemos afirmar que, salvo as poucas iniciativas isoladas, o sistema de formação esportiva fixa seus objetivos e rotinas de forma independente ao processo de escolarização. Tanto o clube quanto a escola lidam de forma autônoma em relação às necessidades desse jovem que procura a carreira esportiva.

Como vimos, diversos são os exemplos de instituições, programas e escolas especiais para atletas espalhados pela União Europeia, que têm como objetivo facilitar a gestão objetiva demandada pela dupla carreira de jovens atletas, e elas vão muito além dos exemplos citados pelos artigos encontrados nesta revisão. Parte dos artigos encontrados apenas explanam sobre essas instituições, programas e escolas especiais. Sentimos falta de estudos que captam a dimensão subjetiva das escolhas individuais dos jovens em dupla carreira. Além disso, esses artigos não dão conta de responder a respeito da eficácia dessas iniciativas, são necessários estudos que analisem de maneira mais detalhada os pontos positivos e negativos e os limites desses programas, escolas e instituições. Os estudos que avaliam alguma dimensão presente na discussão sobre essas instituições estarão presentes, conforme o contexto, nos tópicos que seguem.

2.2.2 Gestão objetiva das demandas da dupla carreira

Diversos são os fatores que facilitam e/ou dificultam a organização do dia a dia dos jovens atletas em dupla carreira. O tempo de deslocamento é um desses fatores, e ele pode causar um impacto positivo ou negativo na rotina dos estudantes-atletas, visto que, além do tempo de dedicação às aulas e tarefas escolares, as horas de treinamento esportivo consomem mais uma boa parte das horas disponíveis diariamente. No caso brasileiro, Melo (2010) ao realizar um estudo com jovens atletas de futebol na cidade do Rio de Janeiro, apontou que a média do tempo de treino diário é de 2 horas e 50 minutos, totalizando uma média semanal de 14 horas e 20 minutos (considerando os 5 dias úteis da semana), sem contar com o tempo destinado aos jogos, que geralmente são realizados aos finais de semana, ocupando uma manhã ou tarde.

Já no cenário escolar, segundo dados do Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)¹⁹ de 2017, a média nacional de horas-aula diárias nas escolas públicas e privadas, era de 5 horas no ensino médio e 4,6 horas no ensino fundamental. Somando o tempo de aula, mais o tempo de treinamento e o tempo de deslocamento para ambos, sobram poucas horas diárias para a realização de tarefas escolares, rotinas pessoais e para o lazer. No caso brasileiro, o maior problema é que não há política, instituições e nem orientações governamentais para a gestão da dupla carreira no esporte e em outros tipos de formação que não dependem diretamente da certificação escolar.

Voltando à realidade da União Europeia, Stambulova et al. (2014) ao estudarem as escolas nacionais do esporte de elite na Suécia (*R/Gs*), percebeu que a maioria dos estudantes-atletas que desistiam da carreira esportiva eram praticantes de esportes de inverno de uma mesma escola. A autora afirma que isso pode ocorrer devido à distância do local de treinamento, nas montanhas, que diferentemente das modalidades de verão, se encontra em lugares afastados das instituições acadêmicas. Perez-Rivases et al. (2017), ao estudarem a transição da escola para a universidade, através de mulheres esportistas de alto rendimento na Espanha, também perceberam o deslocamento como um fator chave na escolha da instituição acadêmica.

Observemos que todos esses estudos sugerem que a distância entre o local de treinamento, o local de moradia e a escola/universidade podem ser fatores decisivos tanto na escolha pela instituição esportiva ou acadêmica quanto para a desistência do esporte, entretanto, tais estudos não mapeiam a dimensão subjetiva da permanência e da desistência. Além disso, os artigos não apresentam dados estatísticos significativos correlacionando as duas variáveis. Os estudos sugerem essa correlação, porém, não buscam uma explicação mais consistente.

De acordo com os artigos presentes nesta revisão, balancear o tempo necessário para todas as tarefas diárias é uma das maiores barreiras enfrentadas por estudantes-

¹⁹ Autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, responsável por promover estudos, pesquisas e avaliações periódicas sobre o sistema educacional brasileiro, com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área. <http://www.inep.gov.br/>.

atletas. Subijana et al. (2015) ao analisarem o *PROAD*²⁰ (*Programa de Ayuda al Deportista*) chegaram à conclusão que, para a maioria dos atletas, manter a dupla carreira é uma tarefa difícil, e a maior barreira está relacionada à administração do tempo. Tanto os atletas do *PROAD* quanto os que não participam do programa encontraram as mesmas barreiras para estudar, e os maiores problemas são relativos aos horários das aulas obrigatórias e dos exames. Uma das críticas dos autores foi justamente a ineficácia do programa em relação ao ensino da administração do tempo, fator fundamental para uma carreira acadêmica e esportiva de sucesso. Stambulova et al. (2014), ao investigarem as escolas nacionais do esporte de elite na Suécia (*RIGs*), também encontraram uma insatisfação por parte dos estudantes-atletas em relação à demanda de tempo, às tarefas escolares e à falta de contato com os amigos e suas casas.

Fuchs et al. (2016) perceberam que os atletas que participavam de esportes individuais conseguiam adaptar melhor seus horários relativos aos compromissos esportivos com os horários dos estudos do que os atletas praticantes de esportes coletivos. Enquanto isso, Subijana et al. (2015) mostram que os atletas praticantes de esportes individuais treinam mais horas por semana do que os que praticam esportes coletivos. Esse é um tipo de paradoxo que merece uma análise que leve em consideração as características específicas dos esportes individuais e coletivos e dos atletas, bem como a cultura de cada modalidade esportiva na formação do *ethos* esportivo.

No Brasil, Melo (2010) indica que para lidar com essa falta de tempo, conforme vão ficando mais velhos, os atletas em idade escolar acabam migrando para o ensino noturno, onde a carga horária de aula é menor do que no ensino diurno. Além disso, muitos deles mudam de instituição acadêmica, buscando a que melhor se adapte às suas necessidades e lhes garanta algumas estratégias de flexibilização (MELO, 2010; ROCHA, 2013). Isso pode ser um problema para a trajetória acadêmica desses estudantes, visto que, o ensino noturno no Brasil ainda é precarizado e, além dos problemas de infraestrutura e menos tempo de aula nesse turno escolar, esses jovens chegam à escola já desgastados fisicamente e mentalmente de suas jornadas diárias, como apontam os referidos estudos. Rocha (2017) mostra o cansaço físico gerado pelo

²⁰ Programa de assistência aos esportistas, criado em 2009 pelo Conselho Nacional de Esportes da Espanha.

treinamento como um fator que reduz a capacidade de concentração durante a aula. Apontando na mesma direção, Gómez et al. (2016) mostram que uma das barreiras para a dupla carreira apontadas por remadores profissionais na Espanha é o cansaço acumulado, a falta de tempo para estudar e a falta de tempo ocioso.

Além do cansaço, outra barreira enfrentada na conciliação do tempo da dupla carreira são os períodos de competição. Muitas vezes os jovens atletas têm que se afastar da instituição acadêmica por dias ou até semanas, sendo necessária alguma forma de flexibilização e/ou estratégia curricular por parte da escola/universidade para que o aluno possa acompanhar ou repor o conteúdo perdido.

Algumas escolas do esporte na União Europeia organizam seu calendário de acordo com o calendário esportivo, e muitas universidades já oferecem a possibilidade de tutoria online e horários de aulas e de provas flexíveis para estudantes-atletas (KRISTIANSEN et al., 2015; AQUILINA et al., 2010). Outra possibilidade para facilitar essa gestão seria a organização do calendário esportivo de acordo com o calendário escolar. Kristiansen (2016), ao realizar um estudo durante o Festival Olímpico Europeu da Juventude de 2015, percebeu que a organização da rotina escolar era um fator de estresse para os estudantes-atletas que estavam participando da competição, apesar da maioria dos jovens atletas relatarem condições de flexibilização por parte da escola.

Os estudos internacionais citados anteriormente neste tópico trazem alguns dados a respeito da dimensão objetiva da dupla carreira, e sugerem algumas associações, porém nenhum deles problematiza sociologicamente a dimensão subjetiva a fim de entender os projetos individuais e familiares de investimento no esporte e na escola. Um dos caminhos de investigação que poderiam ajudar a entender essas questões a respeito da permanência/desistência do esporte ou dos estudos, das percepções das barreiras, dentre outras questões importantes, seria analisando, como em Correia (2018), a trajetória familiar e dos indivíduos, buscando entender os elementos e ações que estruturam os projetos de vida.

2.2.3 Dupla carreira e incentivos à formação acadêmica dos atletas de elite

Entre os países da União Europeia diversos são os incentivos para que os atletas não só cumpram os anos de escolaridade básica, como continuem investindo na carreira

acadêmica, visto que a carreira esportiva tem um limite de desenvolvimento imposto pelas limitações do corpo ao envelhecer. Atletas profissionais geralmente se aposentam entre os 30 e 35 anos de idade (RYBA et al. 2016) e, às vezes, antes mesmo de atingirem essa idade podem se aposentar precocemente por diversos motivos, como por exemplo por conta de lesões, performance abaixo do exigido e problemas psicológicos.

A carreira do esportista é muito específica se comparada às outras carreiras convencionais. Sua aposentadoria em média é muito precoce, com aproximadamente trinta e cinco anos. Desde o início da carreira, o jovem atleta participa de árduos treinamentos nos clubes, realiza repetições de movimentos e submete-se a trabalhos físicos extenuantes (DAMO, 2007, p.43).

Além das razões citadas acima, fatores de natureza subjetiva podem influenciar a aposentadoria ou saída precoce da carreira esportiva, tais como a percepção de não ter o sucesso de desempenho alcançado, frustração com o estilo de vida, problemas familiares, dentre diversos outros motivos pessoais, como em qualquer outro tipo de carreira. As causas mais comuns de aposentadoria esportiva identificadas pela literatura são a idade, lesões, escolha própria e o processo seletivo (MARQUES et al., 2009).

Devido à essa curta duração, diversos países adotaram estratégias para que os atletas tenham uma outra possibilidade de carreira, através dos estudos. Um desses países, por exemplo, é a Hungria, onde os medalhistas olímpicos têm direito a serem admitidos em qualquer *college*²¹ ou universidade sem necessidade de prova de admissão. Para os atletas que são beneficiários do acordo entre o comitê olímpico e as universidades, eles oferecem um programa flexibilizado que permite faltas e um horário mais flexível, além de material extra para os períodos de competição.

Na Espanha, a legislação obriga as universidades a reservarem 3% das vagas para atletas de elite que cumpram os mínimos requisitos acadêmicos. Além disso elas oferecem diversos serviços especiais como: tutoria individual, reserva de vagas nas residências universitárias, horários de aulas flexíveis, monitoria, flexibilidade de horários para a realização de provas, entre outros. Na Alemanha, existe um contrato entre a

²¹ Educação de nível superior.

Federação Nacional do Esporte, a Associação Universitária de Esportes e as instituições de ensino superior que garante alguns serviços e benefícios como: horários de aulas e de provas flexíveis, tutoria individual, flexibilidade para assistir as aulas das disciplinas obrigatórias, além de disponibilizarem um conselheiro estudantil.

Na Bélgica, atletas que estiveram no *ranking* olímpico podem estender o ano acadêmico de 1 para 2 anos ou mais. Além disso, eles recebem uma bolsa de 20.000 euros por ano e contam com o suporte do programa *STEP*, através do qual têm acesso a palestras sobre gerenciamento financeiro, habilidades de comunicação, prevenção de lesões, reabilitação, dentre outros assuntos. Na Finlândia, 65% dos atletas olímpicos estão estudando. Desde 2001, o Ministério da Educação finlandês financia a contratação, através do comitê olímpico, de um conselheiro de carreira esportiva e educacional para promover assistência aos atletas nos assuntos acadêmicos e de carreira, além de coordenar o diálogo entre a instituição educacional e a esportiva.

Uma grande diferença entre a preocupação existente, no que tange a dupla carreira, na União Europeia e no Brasil é que, por aqui, estamos preocupados com o público de jovens atletas que abandona ou posterga os estudos por conta do esporte. Por lá a preocupação é o oposto, o abandono da prática esportiva por conta do investimento na vida acadêmica. Na Inglaterra²², por exemplo, existe um fundo do governo chamado *Talented Athlete Scholarship Scheme (TASS)* que oferece bolsas de estudos para evitar que os atletas larguem o esporte devido a problemas acadêmicos e financeiros.

Aqui no Brasil ainda não encontramos reservas de vagas ou programas especiais para jovens atletas, porém, muitos jovens conseguem bolsas universitárias em instituições privadas ou migram para o exterior através do esporte. Costa (2012) realizou um estudo com atletas das categorias sub-15 e sub-20, que faziam parte da elite do futsal feminino em Santa Catarina, competindo a nível regional, nacional e internacional. O autor mostra as peculiaridades desta modalidade, na qual as mulheres tinham baixa expectativa de profissionalização no esporte, e almejavam alcançar patamares

²² Em Aquilina (2013), um dos estudos presentes nesta revisão sistemática o país ainda fazia parte da União Europeia.

acadêmicos mais altos através do esporte. A baixa expectativa de profissionalização pode ser explicada pela limitação do mercado do futsal feminino no Brasil, sendo um esporte pouco profissionalizado por aqui. No caso dessas atletas, portanto, o vínculo esportivo visava garantir bolsas em instituições privadas de ensino e, ao mesmo tempo, permitia que elas praticassem um esporte que guarda relação com suas identidades.

Em contrapartida, Rocha (2013) nos mostra o exemplo dos atletas em idade escolar praticantes do turfe no Rio de Janeiro, que secundarizam a escolarização talvez por essa modalidade oportunizar uma geração de renda alta e imediata²³, ou por outros motivos. Segundo o autor, o jóquei-aprendiz mais bem posicionado na estatística de 2012 garantiu uma renda anual de R\$109.108,78, a qual que não é obtida tão cedo na maioria das modalidades esportivas, salvo raras exceções.

Voltando ao cenário da União Europeia, Stambulova (2014) percebeu que atletas que praticavam esportes com maiores chances de profissionalização (ex. golfe) investiam mais no esporte, e os que praticavam esportes menos profissionalizados no país²⁴ (ex. vôlei) investiam mais nos estudos. Não podemos, portanto, generalizar os efeitos da dupla carreira na vida acadêmica, visto que eles variam muito de acordo com a modalidade esportiva estudada, discussão que será trazida ao longo desta dissertação. A inexistência de um padrão é mais um motivo para realizarmos estudos com diferentes modalidades esportivas, individuais e coletivas. Assim poderemos observar se os vínculos ou recrutamento dos atletas de tais modalidades apresentam corte de classe social, de distribuição de capital cultural, de gênero e de outras variáveis que podem influenciar na dupla carreira e nos projetos de vida dos atletas.

Contrariando as expectativas de que o esporte pode prejudicar a continuidade dos estudos, Merikoski-Silius (2006) apontou que os estudantes-atletas seguem os mesmos caminhos acadêmicos que os não atletas, e que os atletas de elite finlandeses entre 20 e 29 anos de idade têm uma qualificação acadêmica ainda maior do que a população da mesma idade. O autor não trata sobre a origem social destes jovens pois, diferentemente

²³ O Jockey Club Brasileiro (JCB) destina aos seus jovens atletas 10% do prêmio de cada competição vencida. Por exemplo, em um páreo cujo prêmio é de R\$ 4.000,00, o jovem aprendiz recebe R\$ 400,00 em caso de vitória. Destacamos que um jovem aprendiz pode correr mais de 10 páreos por semana, podendo receber uma quantia relativamente alta para sua idade e origem social (ROCHA, 2013, p.234).

²⁴ O estudo se deu na Suécia.

da realidade brasileira, as oportunidades educacionais são distribuídas igualmente entre as classes sociais. A Finlândia é referência mundial quando o assunto é educação. Nas três primeiras edições do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA)²⁵ o país ocupou o primeiro lugar no *ranking* e, até hoje em dia, se mantém em posições bastante elevadas. Atualmente, 99% dos jovens deste país concluem o ensino médio.

Ao realizarem um estudo na Alemanha, Wartenberg et al. (2014) constataram que o rendimento escolar dos alunos das *Elite Schools of Sport (ESS)* não foi diferente dos alunos das escolas regulares e o rendimento dos alunos que permaneceram nas *ESS* também não foi diferente dos que saíram do programa de alta performance esportiva. Chegaram a conclusão, portanto, que frequentar uma *ESS* não pode ser vista como uma desvantagem educacional.

Corroborando com esses estudos, Melo (2010) mostrou que jogadores de futebol da base do Rio de Janeiro apresentavam uma média de anos de escolaridade mais alta do que a população da mesma idade dessa cidade. Todavia, o autor reconheceu que não fez um pareamento de classe para comparar esses dados, e também informou que parte desse resultado acadêmico era garantido por mecanismos de flexibilização das normas escolares, o que poderia sugerir algum prejuízo educacional aos estudantes-atletas. Correia (2018) também reforça em seu estudo que o futebol, para os jogadores da base investigados, não é uma barreira em relação à escola e nem no que diz respeito aos resultados acadêmicos.

Tais dados podem indicar que esses jovens pertencem a classes sociais e/ou famílias educógenas²⁶ ou, talvez, que os mesmos possuam algum tipo de flexibilização das normas e desempenhos escolares conferidos a partir da discricionariedade de professores e dirigentes educacionais. Além disso, apesar dos achados destes autores, não podemos reduzir o processo educativo apenas às notas escolares ou à frequência, devemos levar em conta e nos questionar quais são as condições as quais esses jovens atletas estão sendo submetidos para continuar estudando, qual a qualidade das

²⁵ Programme for International Student Assessment (PISA) – Coordenado pela OCDE, é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental.

²⁶ Castro (1976) define esse termo como "famílias que se caracterizam por oferecer certo tipo de ambiente familiar favorável à educação" (p. 73).

instituições acadêmicas que estão frequentando e quais meios de flexibilização estão sendo utilizados para que esse processo seja viável. Além disso, como dito anteriormente, os dados não devem ser analisados sem levar em conta a dimensão subjetiva das escolhas feitas por esses jovens em dupla carreira, e como eles estruturam seus projetos de vida, tanto em relação ao esporte quanto em relação à escola. A literatura internacional encontrada nesta revisão sistemática não dá conta de analisar a questão através desta perspectiva.

2.2.4 Família, treinadores, rede social e dupla carreira

Outro aspecto de extrema importância no que diz respeito à dupla carreira de estudantes-atletas é a família, porém, raros são os estudos que abordam esse tema sob a ótica familiar. Na revisão realizada foi encontrado apenas um artigo sobre o tema, ele fala sobre influência das expectativas parentais na síndrome de *burnout*²⁷ de estudantes-atletas. Nenhum dos artigos encontrados explana sobre a influência da família no investimento na dupla carreira, sobre a importância do apoio logístico e financeiro, do suporte psicológico ou alguma outra vertente envolvendo família e dupla carreira.

Correia (2018) percebeu essa lacuna na literatura nacional e internacional, e realizou um estudo acompanhando famílias de atletas na estruturação dos projetos de vida de filhos atletas da base do futebol do Rio de Janeiro e dos filhos não-atletas. O autor buscou compreender quais eram os impactos dos elementos que estruturavam esses projetos sobre a formação esportiva e escolar. Ele chegou à conclusão que o papel da família no projeto de carreira esportiva é fundamental para consolidação da profissionalização no futebol. Em todos os casos a família foi responsável pela socialização precoce do indivíduo com o esporte e, além disso, ela desempenha papel fundamental na organização das estratégias e ações para a conciliação da carreira esportiva com a escolar, bem como suporte logístico e financeiro para o desenvolvimento no esporte.

²⁷ Distúrbio psíquico que gera exaustão e esgotamento físico e mental, intimamente conectado à vida profissional.

Em alguns países da União Europeia onde as escolas do esporte são privadas, esse suporte financeiro familiar se torna fundamental. Kristiansen et al. (2015), em estudo realizado na Noruega, mostraram que, para a maioria dos pais e dos atletas as escolas do esporte são consideradas uma grande solução para os seus problemas. A maioria dos atletas e familiares disseram que não conseguiram dar conta do processo da dupla carreira se as escolas especializadas não existissem. Porém, a maioria tem preocupações em relação aos custos e, além disso, algumas famílias tiveram que se mudar para morar mais perto das escolas, pois elas não existem em todas as cidades. O fato dessas escolas serem pagas vem gerando grandes discussões por ir contra o próprio lema do país, visto que desde 1889 as políticas educacionais norueguesas se baseiam no princípio das oportunidades iguais, corroborando fortemente com os valores sociais democráticos, e esse tipo de estratégia pode ser considerada privilégio ao falar em concorrência igualitária.

Apesar de muitos jovens atletas não estudarem em escolas privadas ou receberem bolsa acadêmica, existem muitos gastos, que, quando não existe algum tipo de bolsa esportiva, dependendo da idade do atleta, são supridos pela família. Os custos com transporte, moradia, alimentação adequada, equipamentos esportivos, profissionais (psicólogo, treinador pessoal, nutricionista e médicos), entre outros, podem ser muito elevados.

Kristiansen (2016), ao realizar um estudo durante o Festival Olímpico Europeu da Juventude²⁸ de 2015, cita a importância do suporte dos pais, e afirma que todos os atletas relataram que eles são seus maiores apoiadores e que seria muito difícil balancear a dupla carreira sem eles. Para muitos dos atletas, a presença dos pais nas competições é muito importante, o que é um resultado esperado visto que são atletas que têm entre 14 e 18 anos e, como a maioria dos jovens nessa idade, ainda dependem da família em diversos aspectos, como o emocional e financeiro. A autora cita a importância dos pais, mas assim como todos os outros artigos encontrados nessa revisão, não vai muito além da identificação sobre o esperado papel da família na carreira esportiva, bem como em qualquer outra atividade que envolva seus filhos. Devemos marcar que esse tipo de

²⁸ Evento bianual que acontece desde 1991 e é organizado pelo Comitê Olímpico Europeu. Em 2015 foram 45 países participantes e 900 atletas entre 14 e 18 anos que competiram durante 6 dias.

observação de bom senso pouco revela sobre a especificidade do agenciamento familiar de apoio, negociação e gestão da dupla carreira dos filhos.

Nesse mesmo artigo, Kristiansen (2016), cita a importância dos técnicos na percepção dos atletas. As "*EU Guidelines*" consideram os atletas, pais e técnicos como um triângulo, no qual todos os vértices são fundamentais. Gómez et al. (2016) ao investigarem os facilitadores percebidos pelos atletas para a dupla carreira aponta que o apoio da equipe, amigos, família e companheiro é importante e o apoio do técnico é considerado como pedra angular. Em alguns países o técnico acaba sendo até mesmo um dos responsáveis pelo diálogo com a escola na conciliação das duas carreiras. Na Finlândia, por exemplo, alguns clubes estabelecem um protocolo de comunicação entre os técnicos e a escola (RONKAINEN et al., 2017).

Além da família e dos amigos próximos, o técnico é uma das peças centrais que impactam na autopercepção e na motivação dos jovens atletas, logo, a visão dele também é importante no que diz respeito à educação. As análises realizadas por Ronkainen et al. (2017) no contexto do hóquei na Finlândia revelaram que, apesar dos técnicos adotarem o discurso oficial de que a escola deve ser prioridade sobre o hóquei, a maioria deles demonstra poucos exemplos práticos em seu dia a dia sobre como aplicam essa ideia. Fica claro que eles recebem informações a respeito das políticas oficiais sobre a importância da dupla carreira, apesar da discrepância entre o discurso e a prática. Todos dizem que o investimento na escola é importante tanto como um "plano B", quanto para a transição para o mercado de trabalho após a aposentadoria no esporte, porém, no caso específico analisado pelos autores, o discurso dos técnicos não parece conseguir atrair o interesse e o engajamento dos atletas com a educação.

A função dos técnicos é auxiliar os atletas a desenvolverem as habilidades necessárias para a prática esportiva de alto rendimento, porém não podemos esquecer do papel social dos mesmos, visto que muitos deles trabalham com crianças e adolescentes. Não podemos responsabilizar os técnicos pelas escolhas dos caminhos de carreira dos estudantes-atletas, mas poderíamos pensar em estratégias para torná-los mais preparados para lidar com as situações adversas que a dupla carreira apresenta

e os dilemas que os jovens, nessa fase da vida, experimentam em relação às próprias expectativas esportivas, escolares, afetivas e sociais.

Stambulova et al. (2014) perceberam na fala de estudantes-atletas que frequentavam as *R/Gs* (escolas nacionais do esporte de elite na Suécia) uma grande necessidade do suporte social vindo dos técnicos, família, amigos e profissionais. As barreiras percebidas para a continuidade da dupla carreira entre a amostra estudada foram: o estresse, a pressão por parte de pessoas importantes para esses atletas e as dificuldades de gestão/estilo de vida. O nível de estresse foi percebido como baixo no começo do ano letivo e muito elevado ao final do ano, e os jovens afirmavam sentir falta de um suporte psicológico profissional. Baron-Thiene et al. (2015), ao investigarem as escolas do esporte de elite da Alemanha, também apontaram em seus resultados a necessidade de um maior suporte psicológico aos estudantes-atletas, principalmente no aspecto motivacional.

Gómez et al. (2016) mostram que algumas das barreiras enfrentadas por estudantes-atletas no nível psicológico são o estresse extremo, a pressão e o medo, sobretudo antes de provas e competições. As fases de transição dos níveis acadêmicos são as fases mais estressantes e de maior vulnerabilidade (GALL et al., 2000; PEREZ-RIVASES et al., 2017). Os autores sugerem que os sujeitos tenham um maior suporte psicológico e sejam preparados para lidar com as adversidades dessas fases através de informações sobre o que vão experimentar, as características de cada etapa e o ensino de competências que ajudem a lidar com o estresse da conciliação em momentos de muita exigência.

O estresse e a falta de suporte psicológico também podem causar a síndrome de *burnout*, um distúrbio psíquico que gera exaustão e esgotamento físico e mental intimamente conectado à vida profissional (SORKKILA et al., 2017). As expectativas individuais e parentais podem colaborar ou amenizar os fatores associados às causas dessa síndrome. A pressão associada aos esportes competitivos e o progressivo aumento da carga de treinamento podem pré-dispor jovens atletas ao *burnout* esportivo, por isso o suporte psicológico profissional seria essencial para manter a saúde mental de estudantes-atletas. Algumas escolas e clubes contam com psicólogos que trabalham

para auxiliar os jovens nesse processo, mas o ideal seria que todos pudessem contar com esse apoio.

Entendemos, portanto, a necessidade do suporte profissional e do apoio da rede social. Porém é preciso investigar de forma mais profunda, saindo apenas do conhecimento de senso comum, o papel desses atores na vida de um jovem atleta e de que forma eles exercem suas influências no processo da dupla carreira. Raros são os estudos que tratam do tema da dupla carreira sob a ótica da família, dos amigos, técnicos e outros profissionais envolvidos nesse processo.

A maioria dos artigos encontrados nesta revisão trata da dimensão objetiva da conciliação da dupla carreira. Sentimos falta de estudos que captam a dimensão subjetiva das escolhas individuais dos estudantes-atletas, como eles estruturam seus projetos de vida e como os diversos atores sociais exercem influência sobre essa trajetória. Nenhum deles problematiza sociologicamente a dimensão subjetiva para entender os projetos individuais e familiares de investimento no esporte e na escola.

Além desta, outra lacuna encontrada nos artigos de revisão analisados neste capítulo é a avaliação da eficácia das instituições, programas e escolas especiais. Muitos artigos explanam sobre essas iniciativas, porém não investigam a fundo de que forma e o quanto elas são realmente eficazes na manutenção da dupla carreira. Precisamos entender os aspectos positivos e negativos dessas iniciativas para que, assim, possamos pensar as formas mais eficazes de suporte aos estudantes-atletas, a fim de fornecer subsídios para a criação de políticas públicas voltadas para este público específico.

Como vimos, ainda é preciso avançar muito na discussão sobre os diversos aspectos da dupla carreira. Muitos dos problemas que já estão sendo levantados pelos autores ainda carecem de um debate mais profundo, e outros ainda não foram nem explorados superficialmente. Esperamos que novas perspectivas de análise explorem novas vertentes e respondam a algumas questões que ainda não foram respondidas pela literatura nacional e internacional.

CAPÍTULO III: A DUPLA CARREIRA DE ATLETAS DA ELITE DO JUDÔ BRASILEIRO

Neste capítulo apresentaremos um estudo empírico realizado com atletas da elite do judô nacional. Através de uma parceria com a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), foi aplicado um questionário à alguns atletas que representavam as seleções brasileiras, masculinas e femininas, sub-18 e sub-21, afim de obtermos dados relacionados à experiência da dupla carreira dos mesmos. Como justificado anteriormente, a escolha dos atletas de elite como objeto de investigação foi feita com o objetivo de obtermos dados comparáveis aos apontamentos feitos pela literatura internacional.

Pretendemos através deste estudo entender como os atletas de elite do judô conciliam ou conciliavam a carreira esportiva com a escolarização básica e a formação de nível superior, como eles justificam o investimento na dupla carreira, a relação entre o grau de investimento na escolarização e o nível socioeconômico, e quais as características intrínsecas dessa modalidade esportiva que podem ou não determinar o investimento e a dedicação à carreira escolar.

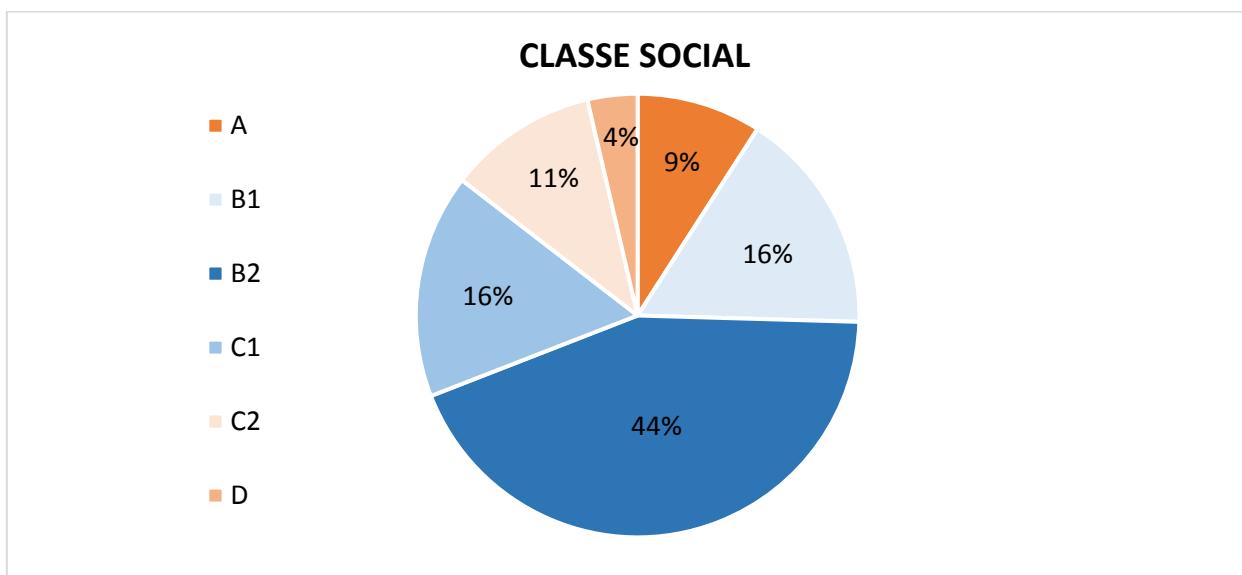
3.1 RESULTADOS

3.1.1 A amostra

Um total de 55 atletas, que estão entre os mais bem posicionados no *ranking* da Confederação Brasileira de Judô nas categorias sub-18 e sub-21, responderam ao questionário. Destes, 29 (53%) são do sexo feminino e 26 (47%) do sexo masculino.

De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa)²⁹, a maioria dos respondentes pertencem à classe social B2 (24 atletas). 5 atletas pertencem à classe A, 9 deles à classe B1, mais 9 à classe C1, 6 estão na classe C2 e apenas 2 pertencem à classe D.

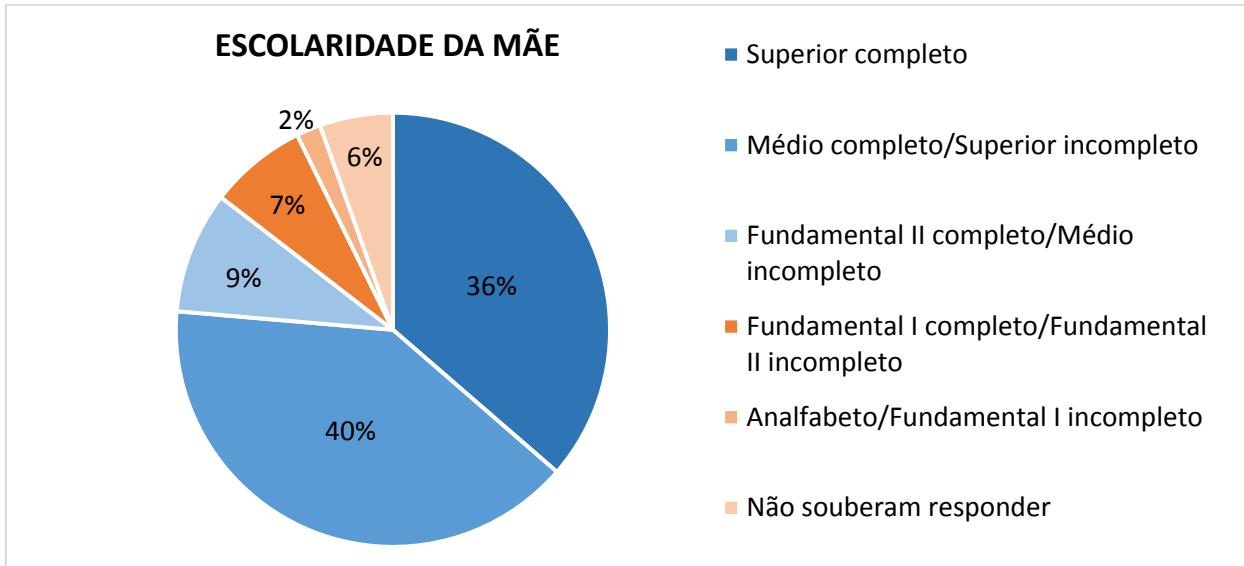
Gráfico 1 – Classe Social da amostra



Em relação à escolaridade da mãe, 76% possuem pelo menos o ensino médio completo. A maioria possui o ensino médio completo ou Superior incompleto (22 mães), seguido de ensino superior completo (20 mães). Apenas um atleta afirmou que a mãe era analfabeto ou possuía apenas o ensino fundamental I incompleto. 4 disseram que a mãe possuía o ensino fundamental I completo ou fundamental II incompleto, 5 o fundamental II completo ou ensino médio incompleto, e 3 deles não souberam responder.

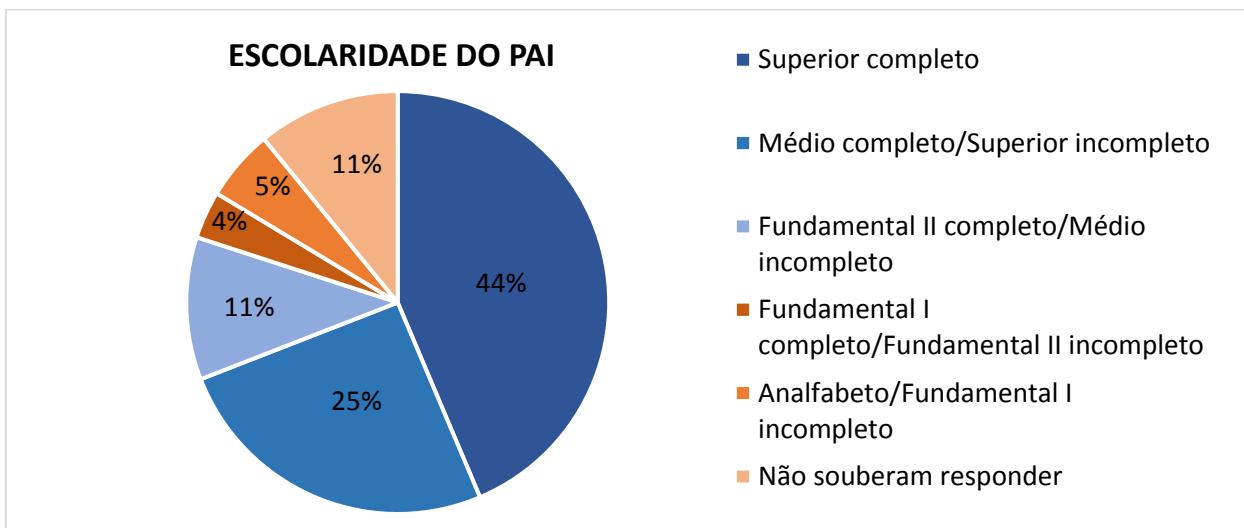
²⁹ www.abep.org/Servicos/Download.aspx?id=14

Gráfico 2 – Escolaridade da mãe



Já em relação à escolaridade do pai, a maioria possui ensino superior completo (24 pais), seguido de ensino médio completo ou Superior incompleto (14 pais), ou seja, 69% concluíram pelo menos o ensino médio. Apenas 3 atletas afirmaram que o pai era analfabeto ou possuía apenas o ensino fundamental I incompleto. 2 pais possuem o ensino fundamental I completo ou fundamental II incompleto, 6 o ensino fundamental II completo ou ensino médio incompleto, e 6 atletas não souberam responder.

Gráfico 3 – Escolaridade do pai



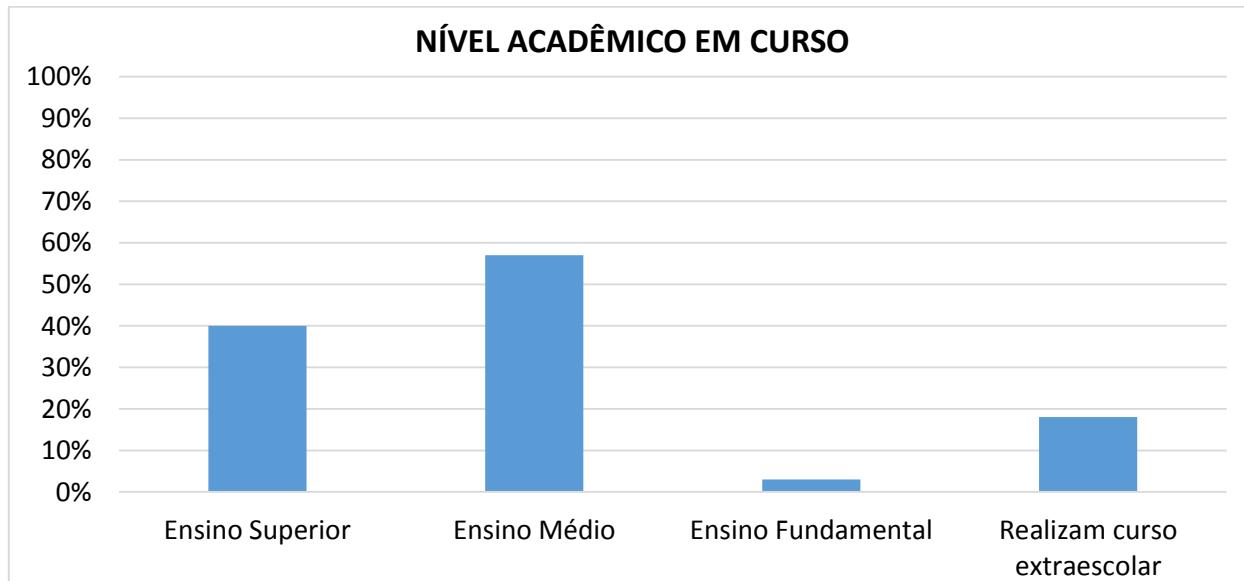
Aproximadamente 73% destes jovens atletas moram com os pais ou responsáveis. 65% deles não arcam com nenhum custo de moradia. Apenas 2 atletas arcam com todos os custos de casa e 16 deles ajudam com até 60% do valor das despesas de casa. 9 atletas moram em um alojamento do clube.

3.1.2 Dados educacionais

Dos 55 atletas respondentes, apenas 2 não estavam estudando quando responderam ao questionário, ou seja, aproximadamente 96% da amostra é composta por jovens em dupla carreira no momento da pesquisa. Esses dois atletas concluíram o 3º ano do ensino médio e afirmaram pretender voltar a estudar. Dos que estão estudando, 60% frequentam instituições particulares de ensino.

40% dos atletas que estão estudando frequentam uma faculdade, 57% estão no ensino médio e 2 atletas mais novos, que têm 13 e 15 anos, cursam, respectivamente, o 8º e 9º ano do ensino fundamental. Apenas 18% da amostra realiza algum tipo de curso extraescolar como por exemplo línguas, informática, reforço escolar e música.

Gráfico 4 – Nível acadêmico em curso



Os alunos permanecem, em média, 22 horas por semana dentro da escola ou faculdade. Os estudantes-atletas que recebem algum tipo de remuneração financeira

através do esporte permanecem, em média, 4 horas a mais por semana na instituição de ensino do que os que não recebem.

O tempo de permanência na escola ou faculdade não está associado ao nível de escolaridade da mãe ($p=0.929$) nem do pai ($p=0.326$), porém o fato de ter familiares ou amigos próximos que tentaram a carreira no mesmo esporte está ($p=0.0102$). Os estudantes que têm familiares ou amigos que também tentaram a carreira no judô estudam, em média, 6 horas a menos por semana do que os que não possuem.

O turno no qual o aluno está matriculado também está associado ao tempo de permanência na instituição de ensino ($p=0.0209$). Os estudantes do turno da manhã permanecem na escola/faculdade em média 22 horas por semana, enquanto os da tarde permanecem 29 horas e os da noite apenas 13 horas. A maioria (85%) dos estudantes-atletas da amostra frequentam o turno da manhã.

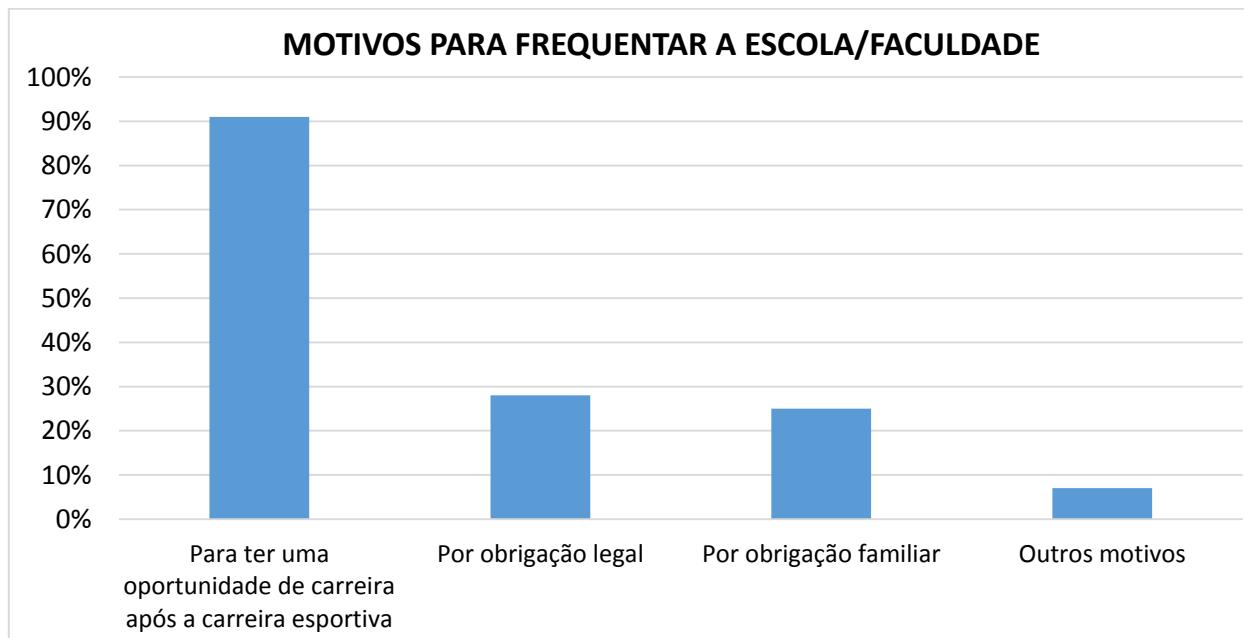
Aproximadamente 74% dos atletas da amostra nunca repetiram nenhum ano da escola básica, 23% repetiram de ano apenas uma vez e somente dois deles repetiram duas vezes de ano na escola. Em relação ao ensino superior, apenas 13% dos atletas que estão frequentando uma faculdade já repetiram alguma disciplina. Os estudantes-atletas avaliam seu próprio nível de dedicação aos estudos em 54 ao responder a uma escala de 0 a 100. Durante o mês anterior à aplicação do questionário os alunos faltaram, em média, 7 dias de aula.

Gráfico 5 – Repetições na escola básica



Ao serem questionados sobre os possíveis motivos para frequentar uma instituição de ensino, com a possibilidade de marcar múltiplas opções, 28% dos estudantes-atletas responderam que era por obrigação legal e 25% por obrigação por parte da família. 91% deles dizem estar estudando para ter uma oportunidade de carreira após o término da carreira esportiva.

Gráfico 6 – Motivos para frequentar uma instituição acadêmica



Todos os participantes da pesquisa pretendem estudar pelo menos até a conclusão do ensino superior. Destes, 22% pretendem obter um título de doutor, 18% de mestre, 31% esperam realizar uma pós-graduação/especialização e, 29% pretendem garantir um diploma de graduação. Quase todos os atletas (95%) têm alguém na família ou algum amigo que concluiu o ensino superior.

Pouco mais da metade (53%) dos respondentes tiveram que trocar de instituição de ensino em função da carreira esportiva, e 29% deles trocaram de turno na escola/faculdade por conta do esporte.

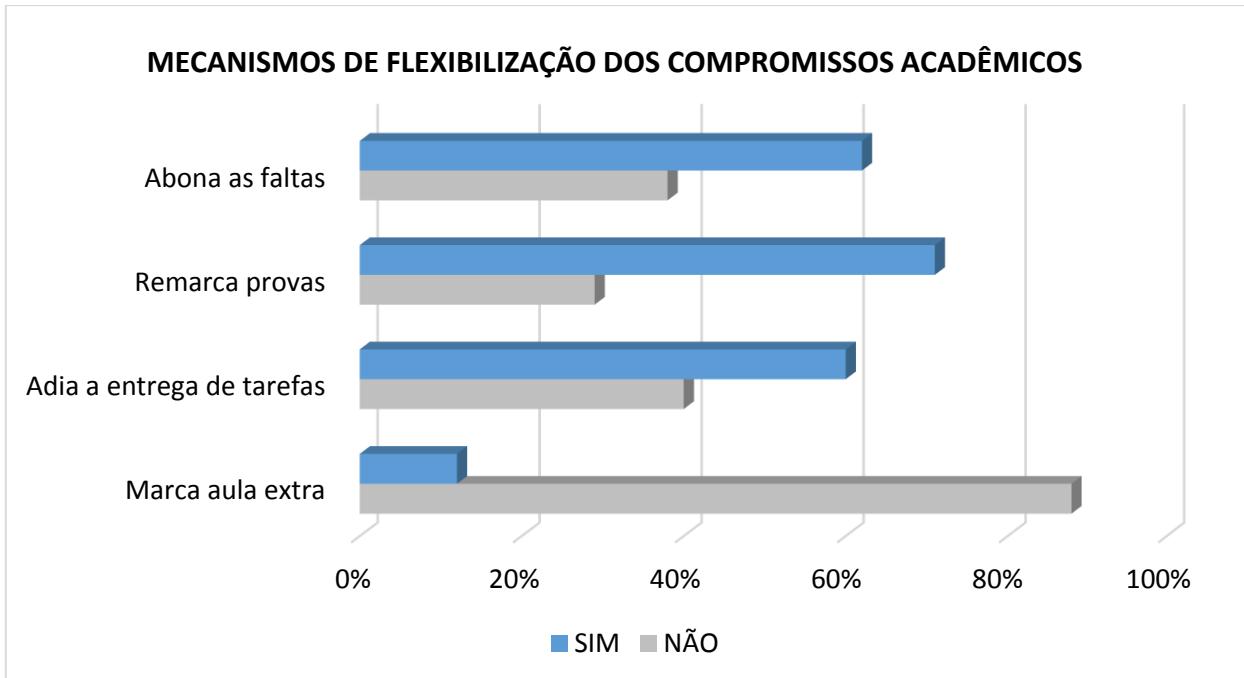
A maioria dos estudantes-atletas, 75% da amostra, afirma que a rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica. Os motivos citados são: cansaço, falta de tempo para estudar, conciliação dos horários e das viagens para competir. 44% deles também afirmam que a cobrança no esporte atrapalha a concentração na escola/faculdade.

Gráfico 7 – A rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica?



Em relação aos mecanismos de flexibilização utilizados pelas instituições acadêmicas, 62% dos estudantes-atletas afirmam que a escola/faculdade abona as faltas ocasionadas pelo esporte, 71% afirmam ter a possibilidade de provas remarcadas, 60% dizem que a escola/faculdade adia a entrega de tarefas, e apenas 12% disseram ter a possibilidade de marcar aulas extras.

Gráfico 8 – Mecanismos de flexibilização dos compromissos acadêmicos



Diversas associações foram testadas em relação ao sexo do sujeito e indicadores do nível de investimento na escolarização para observarmos se havia alguma diferença entre os homens e as mulheres, porém, nenhuma delas atingiu o nível mínimo de relevância ($p=0.05$). As variáveis testadas foram: tempo de permanência na instituição de ensino ($p=0.374$), número de faltas ($p=0.1858$), número de repetências na escola básica ($p=0.9966$) e escala da autopercepção de dedicação aos estudos ($p=0.5241$).

A classe social a qual o sujeito pertence também não teve associação com nenhuma das variáveis que indicam o nível de investimento na educação. Sendo elas: tempo de permanência na instituição de ensino ($p=0.716$), número de faltas na escola/faculdade ($p=0.8925$), número de repetências na escola básica ($p=0.8193$), número de repetências na faculdade ($p=0.091$), escala da autopercepção do nível de dedicação aos estudos ($p=0.6682$).

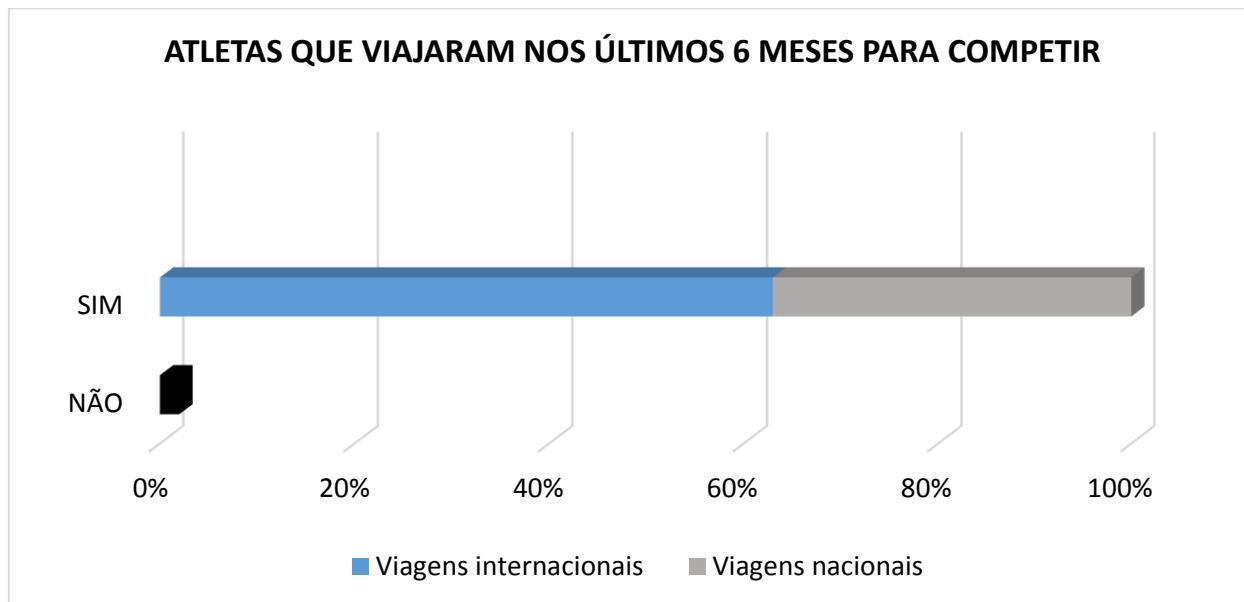
Outra variável que não teve associação com o nível de investimento na educação foi a escolaridade dos pais. Relacionamos os dados da escolaridade da mãe com: o tempo de permanência na instituição de ensino ($p=0.929$), o número de faltas na escola/faculdade ($p=0.3352$), o número de repetências na escola básica ($p=0.07331$), o número de repetências na faculdade ($p=0.1047$), e a escala da autopercepção do nível de dedicação aos estudos ($p=0.3631$). Nenhuma delas alcançou o nível mínimo de relevância. Também foram relacionados os dados da escolaridade do pai com: o tempo de permanência na instituição de ensino ($p=0.326$), o número de faltas na escola/faculdade ($p=0.1528$), o número de repetências na escola básica ($p=0.1249$), e a escala da autopercepção do nível de dedicação aos estudos ($p=0.5927$) e, novamente, o nível de significância considerado relevante não foi alcançado.

3.1.3 A carreira esportiva

Os atletas investigados treinam, em média, 21 horas por semana. O turno no qual eles estudam não influencia esse tempo de treinamento ($p=0.9159$). Dos 55 atletas que responderam ao questionário, apenas 6 tinham faltado algum dia de treinamento no mês anterior por motivo alheio à carreira esportiva. Em uma escala de 0 a 100 os respondentes avaliam seu próprio nível de dedicação ao esporte, em média, como 94. A classe social a qual o sujeito pertence não está associada a esta escala ($p=0.4731$).

Apenas 24% da amostra total de jovens atletas disseram que a rotina acadêmica atrapalha a dedicação aos esportes, número baixo quando comparado ao número de atletas que responderam que a rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica (75%). Os motivos citados foram: cansaço, conciliação de horários e tarefas, pressão para estudar e falta de tempo. Apenas um atleta não tinha viajado nos 6 meses anteriores à aplicação do questionário para competir, sendo que 63% das viagens foram internacionais.

Gráfico 9 – Porcentagem de atletas que viajaram nos últimos 6 meses para competir

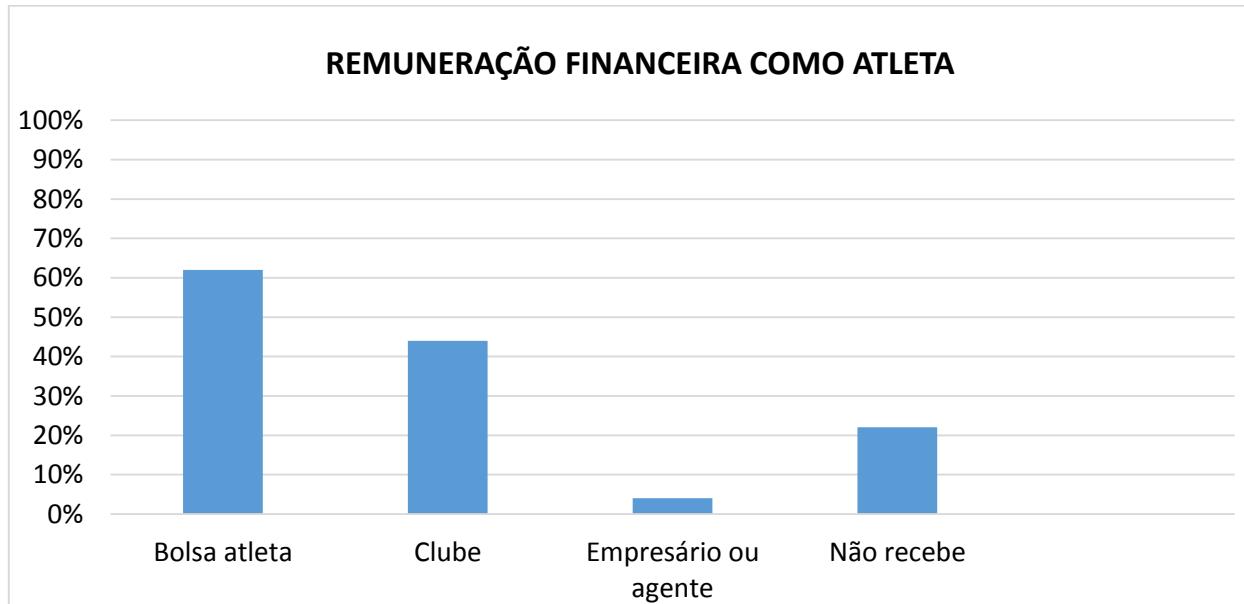


55% dos atletas têm familiares ou amigos próximos que também tentaram carreira no judô. Destes, 73% afirmaram que foi essa pessoa que lhe incentivou a começar a praticar o esporte. 58% dos jovens da amostra pretendem trabalhar com o esporte ao final de suas carreiras como atletas.

Metade dos atletas possuem algum tipo de contrato com o clube ou patrocinador e apenas 16% dos atletas desta amostra contam com algum tipo de empresário ou agente para cuidar de suas carreiras. 78% dos jovens investigados recebem algum tipo de remuneração financeira por ser atleta, alguns deles recebem do clube, outros do empresário e a maioria recebe Bolsa-Atleta³⁰.

O nível de escolaridade dos pais não tem associação com nenhuma das variáveis que indicam o nível de investimento do atleta no esporte. O fato de receber uma bolsa através do esporte ou ter um contrato também não está associado a nenhum indicador de investimento e expectativa sobre a carreira esportiva. As variáveis testadas foram: tempo de treinamento ($p=0.2526$), faltas no último mês de treinamento ($p=1$ e $p=0.6314$, respectivamente), escala da autopercepção de dedicação ao esporte ($p=0.05388$ e $p=0.0513$, respectivamente) e a vontade de trabalhar com o esporte após a carreira esportiva ($p=0.3211$ e $p=0.909$, respectivamente). A classe social a qual o atleta pertence também não está associada à vontade de trabalhar ou não com o esporte após o término da carreira esportiva ($p=0.6531$).

Gráfico 10 – Remuneração financeira como atleta



³⁰ Programa do Governo Federal brasileiro, gerido pelo Ministério do Esporte, que tem como objetivo auxiliar os atletas de alto rendimento na manutenção de suas carreiras esportivas, desde 2004 (Lei nº 10.891, de 09 de julho de 2004 e pelo Decreto Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005 – BRASIL, 2004).

Foram testadas algumas associações entre o sexo do sujeito e indicadores do nível de investimento na carreira esportiva para observarmos alguma possível diferença entre os homens e as mulheres. Apenas uma delas atingiu o nível mínimo de relevância ($p=0.05$) mostrando as mulheres com mais tempo de treinamento do que os homens ($p=0.4688$). Essa diferença, entretanto, é irrelevante quando a traduzimos em tempo diário, o que mostra equidade na distribuição da carga de treinamento. As variáveis testadas que não atingiram este nível mínimo foram: faltas no último mês de treinamento ($p=0.1966$), escala da autopercepção de dedicação ao esporte ($p=0.4406$) e o desejo de trabalhar com o esporte após o término da carreira esportiva ($p=0.7313$). A idade do indivíduo e a classe social a qual ele pertence também não possuem associação com o tempo de treinamento ($p=0.6798$ e $p=0.8032$, respectivamente).

3.2 DISCUSSÃO

Os dados apresentados apontam indícios de que a percepção sobre as oportunidades no esporte e a rede social dos estudantes-atletas podem influenciar seu investimento na carreira esportiva. Pensamos essa assertiva a partir das respostas da pesquisa: 1) estamos lidando com atletas da elite do judô nacional e, portanto, muitos destes jovens atletas já recebem algum tipo de remuneração financeira, fato que nos leva a acreditar que eles podem já vislumbrar meios de sustento através desse esporte; 2) grande parte dos estudantes-atletas participantes da pesquisa foi levada ao esporte através de algum amigo ou familiar que também tentou a carreira no judô.

Considerando os dados obtidos nessa pesquisa, indicamos a possibilidade das condições subjetivas associadas ao desejo individual, as percepções sobre as oportunidades de profissionalização e a influência da rede social confluírem para um projeto de carreira voltado para o mercado esportivo. Observemos que, apesar da pouca variação nos indicadores de classe social – o que não nos permite confirmar a influência dessa variável no projeto esportivo desses jovens –, há um desejo fortemente marcado pelo o investimento na carreira como atleta de judô.

Destaque-se, por fim, que mesmo as condições adversas da dupla carreira esportiva apresentando uma condição semelhante às vistas nas pesquisas realizadas nos países da União Europeia, os estudantes-atletas da elite do judô brasileiro remetem seus projetos individuais a um alto investimento no esporte. Esses indícios reforçam a necessidade de continuar a explorar esse campo de pesquisa, buscando uma base de dados maior e mais diversificada entre os estudantes-atletas do Brasil e do exterior.

3.2.1 O Judô: Princípios filosóficos e algumas características desta modalidade esportiva

O judô é um esporte, em sua essência, cercado por filosofias, rituais e símbolos, "os quais foram idealizados visando o desenvolvimento do praticante de maneira integral, indo além da prática de movimentos complexos e repetitivos [...] de maneira a desenvolver potencialidades intrínsecas dos praticantes" (SILVA; SANTOS, 2005, p.1).

As máximas deste esporte idealizadas por Jigoro Kano (fundador do judô) são conhecidas como: *Seiryoku Zen'yo* - máxima eficiência com o mínimo de esforço; *Jita Kyoei* - prosperidade e benefícios mútuos. Os nove princípios base, segundo Virgílio (1986), são:

- Conhecer-se é dominar-se, e dominar-se é triunfar;
- Quem teme perder já está vencido;
- Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade;
- Quando verificares, com tristeza, que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado;
- Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário; quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância;
- O judoca não se aperfeiçoa para lutar; luta para se aperfeiçoar;
- O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus companheiros;
- Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem, é o caminho do verdadeiro judoca;
- Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como ensinar o corpo a obedecer corretamente. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência.

Com a modernização e ocidentalização deste esporte originalmente oriental, alguns de seus princípios foram se perdendo e a manutenção dos valores e costumes

acabam ficando a cargo dos professores. Porém, para muitos praticantes, o judô ainda é mais do que um esporte, é um estilo de vida.

Como podemos ver através dos princípios em que se baseiam esta prática, e pela rotina de treinamento de um atleta de alto rendimento, os atletas de judô precisam apresentar um nível de concentração e autocontrole físico e mental muito elevados. Segundo Carmeni (1998), duas condicionantes essenciais relacionadas a este esporte são o equilíbrio emocional e as capacidades cognitivas. Além disso a ética e o respeito pelos mestres, companheiros de treinamento, familiares e amigos são valores fundamentais para um judoca³¹.

Os esportes de alto rendimento em geral já exigem um nível de disciplina muito elevado para que a excelência seja alcançada e o judô, em especial, trabalha com este conceito desde a sua gênese. "O judô favorece o equilíbrio físico e psíquico-afetivo daqueles que o praticam, afinando as qualidades de concentração, aplicação, perseverança e abnegação." (VILLIAUMEY, 1981 apud RUSSO; MATARUNA, 2001, p.3)

Todas as qualidades citadas acima: autocontrole, equilíbrio emocional, concentração e disciplina também são habilidades necessárias no âmbito acadêmico. É possível que os jovens inseridos em nossa amostra, principalmente por já estarem em um nível competitivo tão alto, estejam levando os ensinamentos da carreira esportiva também para a carreira acadêmica. Diversos estudos demonstram os benefícios das atividades extracurriculares para a escolarização (FREDRICKS; ECCLES, 2005; SHULRUF; TUMEN; TOLLEY, 2008; BARBER; ECCLES; STONE; HUNT, 2003).

Acreditamos que alguns resultados positivos em relação à carreira acadêmica dos atletas investigados, como por exemplo a quase totalidade da amostra estar estudando e pretender alcançar níveis educacionais mais elevados, podem estar relacionados também à prática do judô e seus ensinamentos.

³¹ Pessoa que pratica o judô.

3.2.2 Aspectos da carreira acadêmica

A amostra de nossa pesquisa foi composta por um grupo restrito de 55 atletas, do sexo masculino e feminino, das categorias sub-18 e sub-21 que representam a elite do judô brasileiro. Esse grupo se mostrou homogêneo em alguns aspectos estudados e um desses aspectos foi o nível socioeconômico.

A maioria dos respondentes se concentram na classe social B2 (24 atletas). 5 atletas pertencem à classe A, 9 deles à classe B1, mais 9 à classe C1, 6 estão na classe C2 e apenas 2 pertencem à classe D. Ou seja, podemos dizer que a grande maioria desses atletas são de classe média. Quando comparamos esses números com a realidade da população brasileira podemos constatar que eles fazem parte de um grupo seletivo e privilegiado. De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa)³², apenas 16,4% da população de nosso país pertence a classe B2, 4,6% a classe B1 e, 21,6% a classe C1.

No mesmo documento em que traz os dados citados anteriormente, a ABEP, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) 2017, apresenta, na tabela a seguir, as estimativas de renda domiciliar mensal para cada estrato socioeconômico:

Tabela 7 - Estimativa de Renda Média Domiciliar dos estratos do Critério Brasil

ESTRATO SOCIOECONÔMICO	RENDA MÉDIA DOMICILIAR
A	R\$ 23.345,11
B1	R\$ 10.386,52
B2	R\$ 5.363,19
C1	R\$ 2.965,69
C2	R\$ 1.691,44
D – E	R\$ 708,19

Fonte: APEB (2018)

³² www.abep.org/Servicos/Download.aspx?id=14

A relação entre o nível socioeconômico e a trajetória escolar dos indivíduos vem sendo estudada há muitos anos (COLEMAN et al., 1966; PLOWDEN et al., 1967; JENCKS et al., 1972; BOURDIEU, 1998). Apesar das inúmeras críticas sofridas por Coleman et al. (1996) a respeito do tratamento dos dados, este foi um estudo pioneiro sobre o efeito da escola na trajetória dos alunos e teve grande importância para o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema. O estudo apontou que as condições socioeconômicas dos alunos eram o fator que determinava sua trajetória escolar, confirmando o que a teoria da reprodução social já havia dito. Rocha (2017) afirma que a sociologia da educação, mesmo com o avanço das pesquisas sobre efeito-escola³³, ainda considera que a maior explicação para o desempenho e trajetória dos alunos nas suas escolas está relacionada às suas características de origem socioeconômica.

Alves et al. (2016) realizaram um estudo sobre as desigualdades educacionais no ensino fundamental no Brasil levando em consideração as variáveis: sexo, cor e nível socioeconômico. A maior diferença de resultado de desempenho escolar encontrada foi entre os diferentes estratos socioeconômicos. Estudos anteriores do LABEC também nos mostraram que a dedicação aos estudos variava quando se fazia um controle pela renda familiar. Por exemplo, o índice de abandono escolar entre os jovens atletas mais pobres se mostrou mais alto quando comparado ao mesmo indicador nas faixas de renda familiar mais altas (MELO, 2010; MELO, SOARES, ROCHA, 2014).

Não podemos ignorar as outras variáveis que podem influenciar na trajetória escolar de um indivíduo, como por exemplo as redes de socialização, sua relação com a sociedade, a motivação intrínseca e extrínseca, o efeito-escola, as oportunidades que lhes são ofertadas, a escolaridade dos pais, dentre diversos outros fatores que fazem com que cada percurso individual seja diferente e único. Porém, ao saber que a condição socioeconômica é um fator que tem grande influência, é preciso tentar reduzir a distância entre os sujeitos de alguma forma.

Dubet (2004) argumenta que igualdade e justiça não são a mesma coisa quando tratamos desses conceitos dentro do contexto escolar. A igualdade de condições e

³³ Segundo Soares e Candian (2007), esse conceito "foi originalmente introduzido para caracterizar o impacto da organização escolar no desempenho de seus alunos". (p.4)

acesso para indivíduos provenientes de famílias com realidades distintas só mantém a reprodução das desigualdades sociais. Uma escola justa deve tratar de forma desigual os desiguais para que possa, de alguma forma, compensar as diferenças do *background* familiar. A equidade educacional é “[...] definida como sua capacidade de acirrar ou amortecer o efeito do nível socioeconômico no desempenho dos alunos”. (SOARES; ANDRADE, 2006, p.4)

Como vimos anteriormente, no caso dos atletas participantes desta investigação, ao correlacionar as variáveis que indicam o nível de investimento na escolarização ao nível socioeconômico, o nível mínimo de relevância não foi atingido. Porém acreditamos que essa associação não foi encontrada, em primeiro lugar, por se tratar de um grupo homogêneo, em que a maioria dos jovens estão concentrados em um mesmo estrato socioeconômico ou próximo a ele, e no qual a maioria possui uma trajetória escolar linear. Para que fosse possível fazer um estudo comparativo associando o nível socioeconômico a um alto ou baixo investimento na escolarização, precisaríamos de um grupo heterogêneo, de classes sociais distintas e com diferentes trajetórias acadêmicas.

Além disso, os números apresentados na seção anterior nos mostram que o nível socioeconômico desses atletas é bem mais alto do que a média da população brasileira, o que pode explicar o nível de escolaridade dos mesmos ser alto quando comparamos à realidade de nosso país. 96% dos atletas investigados estão estudando, sendo que 40% deles estão na faculdade, 57% no ensino médio e dois atletas mais novos que têm 13 e 15 anos estão, respectivamente, no 8º e 9º ano do ensino fundamental. Apenas dois atletas da amostra não estão estudando e os mesmos já concluíram o ensino médio e pretendem voltar a estudar. No Brasil, apenas 46,1% da população adulta possui o ensino médio completo e 15,7% um diploma do ensino superior (PNAD, 2017)³⁴. Ao fazer uma comparação entre esses números podemos sugerir que o alto nível de investimento na educação está sim associado ao nível socioeconômico destes atletas.

Além do nível socioeconômico muitos estudos sugerem que a escolaridade dos pais tem forte impacto na trajetória escolar de um sujeito. Ribeiro (2009, 2011) aponta uma forte correlação entre as desigualdades sociais e o rendimento escolar dos alunos

³⁴ https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf

no sistema educacional brasileiro. O autor mostra que alunos cujos os pais possuem um maior nível de escolaridade, maior nível socioeconômico e melhor ocupação profissional têm maiores probabilidades de conclusão e transição de um nível de ensino para o outro. Evidenciou também que estes jovens, além de terem maiores chances de permanecer no sistema educacional, concluem etapas mais elevadas de ensino.

Vieira e Tenório (2014) ao avaliarem informações do sistema de educação básica do estado da Bahia, também mostram o efeito da educação dos pais sobre os resultados escolares dos filhos, relacionando o nível educacional dos pais ao nível socioeconômico da família. Jerrim e Micklewright (2011) através de informações do PISA³⁵ mostram que, quanto maior o nível de escolaridade dos pais, melhores as habilidades dos filhos na disciplina de Matemática. Marbuah (2016) também encontra resultados mostrando que níveis mais elevados de renda e escolaridade dos pais estão associados a maiores níveis de educação dos filhos. Os estudos de Boudon (1981), Ribeiro (2009) e Neri (2009) também tratam da importância do nível de escolaridade e da ocupação profissional dos pais como elementos que afetam as oportunidades educacionais.

Além dos citados acima, são incontáveis os estudos a nível nacional (BARROS et al., 2001; BARROS; LAM, 1993; MELO; ARAKAWA, 2016; MENDES; KARRUZ, 2016) e internacional (GLICK; SAHN, 2000; CHEN, 2009; JERRIM; MICKLEWRIGHT, 2011) sobre o *background* familiar e as trajetórias escolares que evidenciam a associação entre o nível de escolaridade dos pais e os resultados escolares dos filhos.

Apesar de diversas pesquisas comprovarem essa relação direta entre o nível de escolaridade dos pais e o investimento na formação acadêmica, em nosso estudo não foi encontrada nenhuma associação entre o nível de escolaridade dos pais e as variáveis que indicavam o grau de investimento na escolarização. Acreditamos que isto se explica por se tratar de um grupo muito homogêneo e com o nível de escolaridade dos pais elevado, bastante acima da média da população brasileira. 76% das mães possuem pelo menos o ensino médio completo sendo que, dentre estas, 36% possuem um diploma de

³⁵ Programme for International Student Assessment (PISA) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental. O PISA é coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), havendo uma coordenação nacional em cada país participante. No Brasil, a coordenação do PISA é responsabilidade do INEP. <<http://inep.gov.br/pisa>>

ensino superior. Em relação aos pais, 69% concluíram pelo menos o ensino médio, sendo que 44% deles concluíram o ensino superior. No Brasil, apenas 46,1% da população adulta possui o ensino médio completo e 15,7% um diploma do ensino superior (PNAD, 2017)³⁶.

Como não existe muita discrepância entre os níveis de escolaridade dos pais, não foi possível obter uma relação significativa entre a escolaridade dos pais e os outros indicadores que nos mostram o grau de investimento dos atletas na escolarização. Porém, os números acima nos mostram que o nível de escolaridade dos pais desses atletas é alto quando comparados à média da população brasileira, o que ajuda a explicar o fato da quase totalidade dos atletas estarem estudando, e os dois que não estão já terem concluído o ensino médio e pretendem voltar a estudar. Isto indica que sim, o nível de escolaridade dos pais pode estar associado ao grau de investimento desses jovens atletas na educação.

Outro fator que também influencia diretamente a trajetória escolar de um sujeito é a rede de sociabilidade, a qual "desempenha papel importante na sua visão de mundo e na construção do projeto de vida, pois a partir dela o sujeito comprehende seu campo de possibilidades e quais ações possuem a maior chance de sucesso" (CORREIA, 2018, p.52). É através da nossa rede social que conhecemos alguns dos possíveis caminhos de carreira a serem trilhados e é também, através dela, que muitas oportunidades nos são apresentadas. As escolhas que o sujeito faz ao construir seu projeto de carreira são resultado de um conflito constante entre o desejo pessoal e as oportunidades que ele enxerga no seu campo de possibilidades.

Quase todos (95%) os jovens participantes desta pesquisa têm alguém na família ou algum amigo que concluiu o ensino superior, o que podemos relacionar diretamente ao fato de todos os participantes terem respondido que pretendem estudar pelo menos até completar o ensino superior. Muitos vão além, 22% pretendem obter um título de doutor, 18% de mestre, 31% esperam realizar uma pós-graduação/especialização. Ou seja, a expectativa em relação à trajetória acadêmica é alta.

³⁶ https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf

Segundo Rocha (2013), a rede de sociabilidade é tão importante para a percepção das oportunidades de carreira quanto as características de origem social e econômica do sujeito. Os jovens inseridos em nossa amostra, portanto, ao terem o exemplo de pessoas próximas que concluíram o ensino superior passam a enxergar a possibilidade de conclusão deste nível de ensino, e até mesmo de profissionalização através das vias acadêmicas, que poderia não lhes ser apresentada caso esta rede social estivesse estruturada de outra forma.

3.2.3 Aspectos da carreira esportiva

Ao mesmo tempo que a rede de sociabilidade influencia a trajetória escolar, ela também tem influência, assim como em todas as escolhas individuais, na trajetória esportiva. Rocha (2013) apontou a influência da história familiar e da rede de sociabilidade dos atletas do turfe do Rio de Janeiro na formação do projeto de carreira dos mesmos. O apoio familiar e as oportunidades percebidas para a profissionalização neste esporte eram fatores que influenciavam a escolha destes jovens pelo turfe.

55% dos atletas que responderam ao nosso questionário têm familiares ou amigos próximos que também tentaram carreira no judô. Destes, 73% disseram que essa pessoa foi a responsável por lhe incentivar a começar a praticar o esporte. Este número ajuda a confirmar, corroborando com Rocha (2013, 2017) e Correia (2018) a importância da rede social na trajetória e nas escolhas de carreira feitas pelos sujeitos.

Os estudantes que têm familiares ou amigos que também tentaram a carreira no judô estudam, em média, 6 horas a menos por semana do que os que não possuem. Este fato pode indicar, de certa forma, a influência da rede de sociabilidade no processo de investimento na carreira esportiva em detrimento dos estudos.

Além da rede de sociabilidade, Rocha (2017) nos mostra, em sua tese de doutorado, que o nível socioeconômico também é um dos fatores que influencia o processo de investimento no esporte. No caso do futebol masculino brasileiro, o autor sugere que os estratos socioeconômicos mais extremos (tanto os mais ricos quanto os mais pobres) tendem a não permanecer nesse esporte. O investimento no projeto

futebolístico é comumente encontrado nas classes médias, principalmente na classe média baixa da sociedade brasileira (CORREIA, 2014; SPAGGIARI, 2015; ROCHA, 2017). Os dados relativos à nossa amostra corroboram com as afirmações destes autores.

A presença mais discreta das classes sociais mais baixas pode ser justificada pelo custo da manutenção de uma carreira esportiva. Sustentar um projeto no esporte profissional custa caro, seja qual for a modalidade praticada. Alguns esportes podem requisitar maiores investimentos por conta dos caros equipamentos exigidos para a prática, como por exemplo a canoagem, o tênis, a esgrima, o golfe e muitos outros. Além da despesa com o material necessário para a prática esportiva, se faz necessário o investimento em uma alimentação específica, médicos, fisioterapeutas, e outros profissionais que podem precisar se envolver no processo, também existe o custo relativo ao transporte e até mesmo à moradia em certos casos.

No caso dos atletas investigados, a maioria (73%) mora com os pais ou responsáveis. 65% deles não arcam com nenhum custo de moradia. Apenas 2 respondentes arcam com todos os custos de casa e 16 deles ajudam com até 60% do valor das despesas de casa. Nove atletas moram em alojamentos dos clubes. Segundo os artigos da categoria "Práticas dos pais, técnicos e professores em relação à dupla carreira", presentes na revisão sistemática contida nesta dissertação, o suporte financeiro familiar é um dos pilares fundamentais para a sustentação da carreira atlética.

Com o objetivo de auxiliar os atletas de alto rendimento em relação a esse aspecto financeiro, no Brasil, temos um programa do Governo Federal, gerido pelo Ministério do Esporte, chamado Bolsa Atleta, existente desde 2004 (Lei nº 10.891, de 09 de julho de 2004 e pelo Decreto Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005 – BRASIL, 2004). Os atletas que cumprem os pré-requisitos³⁷ se inscrevem no programa e, a partir do momento que são selecionados, passam a receber um auxílio mensal pelo período de um ano, passível de prorrogação. Os atletas apoiados pelo programa são os mais bem posicionados nos rankings nacionais de suas modalidades e categorias.

³⁷ <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/prerequisitos.jsp>

Existem cinco categorias distintas do programa Bolsa-Atleta: Atleta de Base (valor mensal: R\$ 370), Atleta Estudantil (valor mensal: R\$ 370), Atleta Nacional (valor mensal: R\$ 925), Atleta Internacional (valor mensal: R\$ 1.850) e Atleta Olímpico/Paralímpico (valor mensal: R\$ 3.100). Em 2013 foi criada, pela Lei 12.395/2011, a categoria Atleta Pódio com o objetivo de patrocinar atletas com chances de medalhas e de disputar finais nos Jogos Rio 2016. Podem ser contemplados os atletas que estejam entre os 20 primeiros do *ranking* mundial de sua modalidade ou prova específica. O valor mensal recebido por essa categoria varia entre R\$ 5.000 e R\$ 15.000, dependendo da posição do atleta no *ranking* internacional³⁸. A Câmara dos Deputados está analisando o Projeto de Lei 8906/17³⁹, que prevê o reajuste dos valores que estão congelados há mais de seis anos. A única categoria de bolsa que exige que o jovem atleta esteja regularmente matriculado em uma instituição de ensino é a categoria "Atleta Estudantil".

A maioria dos atletas de nossa amostra (62%) são beneficiários do programa Bolsa-Atleta. 78% dos jovens investigados recebem algum tipo de remuneração financeira por ser atleta. Além do Bolsa-Atleta, 24 jovens são remunerados pelo clube e 2 pelo empresário. Metade dos atletas possuem um contrato com o clube e apenas cinco deles possuem um contrato com um empresário.

Constatamos que os estudantes-atletas de judô que recebem algum tipo de remuneração financeira através do esporte permanecem, em média, 4 horas a mais por semana na instituição de ensino do que os que não recebem. Isso pode estar relacionado ao fato de alguns desses atletas receberem algum tipo de desconto ou compensação financeira pela instituição privada de ensino para competir tendo que, ao mesmo tempo, apresentar um rendimento acadêmico satisfatório para a manutenção do benefício. Outra possibilidade é a exigência de alguns clubes em relação aos resultados acadêmicos.

No cenário do futebol brasileiro, alguns clubes já estão controlando a frequência e rendimento escolar de seus jogadores por conta da criação do Certificado do Clube Formador, resolução sancionada pela CBF em 2012. Para obter o certificado os clubes

³⁸http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snear/bolsaAtleta/atletaPodio/Criterios_de_Valor_da_Bolsa_Podio_30-05-2018.pdf

³⁹<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/ESPORTES/553436-PROJETO-REAJUSTA-VALORES-DO-PROGRAMA-BOLSA-ATLETA.html>

devem cumprir diversos requisitos, como por exemplo: prestar assistência aos estudos do atleta compatibilizando os horários, realizando sua matrícula, controlando sua frequência e o aproveitamento escolar; apresentar o cronograma de atividades dos atletas, assegurando-lhes compatibilidade com a faixa etária, bem como a conciliação com a formação escolar; proporcionar assistência médica, psicológica, fisioterápica e alimentar; possuir a infraestrutura necessária para atender as necessidades básicas dos atletas; assegurar a convivência com a família; garantir a presença de profissionais capacitados, dentre outras exigências (CBF, 2012). Os clubes que cumprem os requisitos mínimos garantem, em contrapartida, benefícios contratuais e financeiros em relação ao primeiro contrato dos atletas menores de idade.

As exigências presentes nesta resolução podem parecer básicas e a maioria são direitos fundamentais da criança e do adolescente. Porém, infelizmente, iniciativas como essa ainda são necessárias para proteger e garantir assistência aos jovens atletas em formação. Podemos, portanto, considerar essa iniciativa da CBF um avanço no campo da dupla carreira que pode ser visto como um exemplo de boa prática a ser adotado por outras modalidades e instituições.

3.2.4 Gestão objetiva da dupla carreira

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional garante aos atletas das categorias de base o direito à educação, sendo um dever da família e do Estado. Afirma ainda, no Art. 3º, que o ensino deve ser ministrado com base em alguns princípios, sendo o primeiro deles o da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (LDB, BRASIL, 1996).

Além do direito à educação básica, todos os atletas deveriam ter as mesmas oportunidades que os não atletas têm de continuar estudando, visto que a carreira esportiva geralmente é curta. Segundo Ryba et al. (2016) atletas profissionais geralmente se aposentam entre os 30 e 35 anos de idade. Além dos atletas que conseguem se manter no nível profissional até essa idade, também existem atletas que acabam saindo do esporte precocemente por diversos motivos, como por exemplo por conta de lesões,

doenças psicológicas, baixo rendimento esportivo, dentre diversas outras razões subjetivas e pessoais.

Mostramos anteriormente que 91% dos estudantes-atletas que participaram deste estudo dizem estar estudando para ter uma oportunidade de carreira após o término da carreira esportiva. Menos de 30% deles afirmou ser apenas por obrigação legal ou da família. 40% dos estudantes-atletas da amostra já estão cursando o ensino superior e todos os participantes da pesquisa pretendem garantir, no mínimo, um diploma de nível superior. Esses números nos mostram que a preocupação com o futuro após a aposentadoria esportiva é latente entre os jovens atletas.

Ocasionalmente após o término da carreira esportiva alguns ex-atletas acabam trabalhando como técnicos, gestores, comentadores esportivos, ou ocupam algum outro posto que esteja relacionado ao esporte. Pouco mais da metade dos atletas da nossa amostra (58%) pretendem trabalhar com o esporte após o término de suas carreiras esportivas. Porém, nem sempre é possível fazer com que essa vontade se torne realidade. Segundo Mëtsa-Tokila (2002) a maioria dos ex-atletas acaba exercendo alguma função fora do âmbito esportivo. A tendência é conseguir um emprego que corresponda ao último grau acadêmico obtido (SAGE, 1991). Quanto mais elevado for o último nível acadêmico concluído, as chances de conseguir uma boa posição no mercado de trabalho aumentam.

Como mostramos anteriormente, 96% dos jovens de nossa amostra estão estudando, os únicos dois atletas que estão fora dos bancos acadêmicos concluíram o 3º ano do ensino médio e pretendem voltar a estudar. Melo (2010) também encontrou um número muito baixo de abandono escolar, menos de 7% da amostra total, e percebeu que a jornada escolar de estudantes-atletas das categorias de base do futebol do estado do Rio de Janeiro era muito similar as dos alunos não atletas. A hipótese de que os atletas não estudam foi refutada por esta e outras pesquisas do LABEC (MELO, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013, 2017; CORREIA, 2014, 2018).

Apesar da hipótese ter sido refutada, Melo (2010) indica que essas condições são conquistadas por meio de adaptações, como por exemplo a migração para o ensino noturno que, no Brasil, tem uma carga horária 20% menor do que o ensino diurno, ou

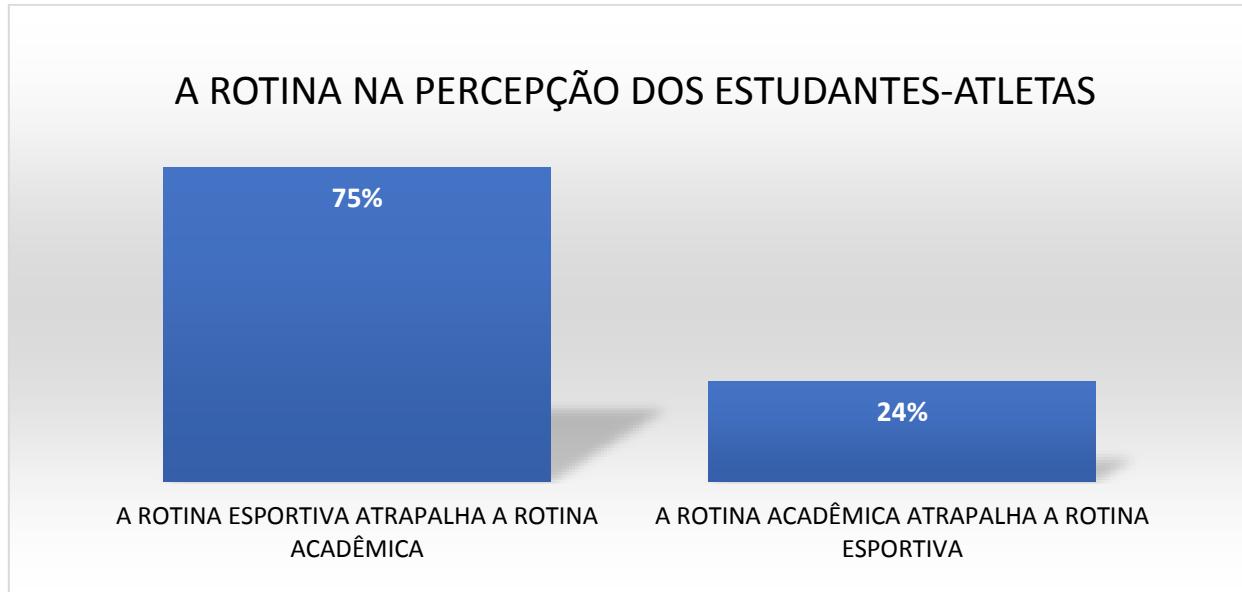
para escolas que flexibilizam suas normas de acordo com as necessidades esportivas. Em nossa amostra vimos que mais da metade (53%) dos atletas participantes do estudo tiveram que trocar de instituição de ensino em função da carreira esportiva, e 29% deles trocaram de turno na escola/faculdade por conta do esporte. Ou seja, corroborando com a fala dos outros autores sobre essa migração, constatamos que 82% dos respondentes garantiu a continuidade dos estudos através de alguma adaptação.

Um dado que ajuda a explicar a migração para o ensino noturno é o tempo de permanência na instituição de ensino. Os números encontrados em nossa pesquisa foram muito discrepantes entre os turnos. Os estudantes do turno da manhã permanecem na escola/faculdade em média 22 horas por semana, enquanto os da tarde permanecem 29 horas e os da noite apenas 13 horas.

Não existe um consenso ou uma definição exata sobre o que seria uma educação de qualidade. Porém esse conceito tem sido utilizado principalmente a partir de três dimensões: acesso à escola, permanência e aprendizado adequado (GUSMÃO, 2013; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2005). Como é possível notar, se faz necessário refletir sob quais condições esses jovens estão se mantendo dentro das instituições acadêmicas. 71% dos estudantes-atletas desta pesquisa afirmaram que a escola/faculdade flexibiliza de alguma forma suas exigências, como por exemplo, abonando faltas, adiando a entrega de tarefas e remarcando provas, porém, apenas 12% afirmam que a escola remarca aulas para repor o conteúdo perdido. Esses números vão ao encontro dos resultados obtidos na revisão sistemática sobre a dupla carreira na União Europeia, que também nos mostram grande flexibilidade por parte das instituições acadêmicas.

Acreditamos que seja por conta dessas flexibilizações que apenas 24% da amostra total de estudantes-atletas do nosso estudo disseram que a rotina acadêmica atrapalha a dedicação aos esportes, número baixo quando comparado ao número de atletas que responderam que a rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica (75%).

Gráfico 11 - A rotina na percepção dos estudantes-atletas



O gráfico acima pode indicar também a flexibilização das exigências acadêmicas *versus* a rigidez das demandas esportivas. Como vimos na revisão sistemática, atletas que participam de esportes individuais reportam conseguir adaptar melhor seus horários relativos aos compromissos esportivos com os horários dos estudos do que atletas praticantes de esportes coletivos (FUCHS et al., 2016). Acreditamos que este número (75%) poderia ser ainda mais elevado caso estivéssemos investigando a realidade de praticantes de um esporte coletivo. Isto porque, por se tratar de um grupo de pessoas e não de apenas um indivíduo, poderia existir uma menor flexibilidade em relação aos horários de treinos e compromissos relacionados à prática esportiva.

Nos 6 meses anteriores à aplicação do questionário, apenas um atleta não tinha viajado para competir, sendo que 63% dessas viagens foram internacionais, o que ocasiona, na maioria das vezes, um período mais longo de afastamento. Ou seja, como esses alunos estão aprendendo a matéria dada nas aulas que foram abonadas por conta de algum compromisso esportivo? Como visto na revisão bibliográfica internacional, algumas escolas e universidades da União Europeia disponibilizam uma ferramenta de aprendizagem *online* e tutoria extra para repor o conteúdo perdido. Nos resta saber se isto está sendo feito aqui no Brasil, pois se não, se o mecanismo for somente abonar as faltas sem ensinar o conteúdo perdido, este ato se torna apenas um meio de legalizar a

ausência nos bancos acadêmicos e não traz nenhum benefício aos jovens como estudantes.

Além da ausência, outras questões preocupantes quando falamos da conciliação entre essas duas carreiras são: o cansaço, a falta de tempo para estudar e a conciliação dos horários. 75% dos estudantes-atletas afirmam que a rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica e 44% deles também afirmam que a cobrança no esporte atrapalha a concentração na escola/faculdade. Esses números vão ao encontro dos resultados encontrados nos artigos da revisão sistemática, que apontam que o cansaço acumulado, o estresse extremo e a falta de tempo ocioso são prejudiciais à concentração em sala de aula.

Os jovens atletas de nossa amostra permanecem, em média, 22 horas por semana dentro da escola ou faculdade e treinam, em média, 21 horas por semana. O tempo de treinamento encontrado foi superior ao descrito por Melo (2010) que, em seu estudo com jovens atletas de futebol na cidade do Rio de Janeiro, aponta uma média semanal de 14 horas e 20 minutos dedicados aos treinos. Quando somamos a essas horas de treino e estudo o tempo de deslocamento entre a residência, o local de estudo e o local de treino, resta pouquíssimo tempo para o descanso, para a realização de tarefas escolares feitas em casa e para estudar para as provas, isso sem contar com o tempo gasto nas competições.

Apenas 18% dos jovens investigados realizam algum tipo de curso extraescolar como por exemplo línguas, informática, reforço escolar e música. Estudos sobre atividades extracurriculares apresentam uma relação positiva entre a participação neste tipo de atividade e a melhora do nível de aprendizagem (FREDRICKS; ECCLES, 2005; SHULRUF; TUMEN; TOLLEY, 2008; BARBER; ECCLES; STONE; HUNT, 2003). A prática do judô já é um tipo de atividade extracurricular realizada pelos jovens investigados e, como citado anteriormente, acreditamos que ela lhes traz diversos benefícios como estudantes. Porém esses outros cursos, além de serem complementares na formação acadêmica, também são muito valorizados no mercado de trabalho. Acreditamos que a porcentagem tão baixa de atletas que participam deste tipo de atividade se dê justamente pela falta de tempo exposta acima.

Somente a entrada no sistema de ensino não garante ao indivíduo os benefícios propagados pela escolarização. A quase universalização do ensino básico e o aumento do acesso aos outros níveis educacionais no Brasil faz com que, cada vez mais, os indivíduos tenham que obter uma qualificação mais elevada para garantir um diferencial e, assim, conquistarem melhores vagas no mercado de trabalho.

Bourdieu (1983) define esse processo da seguinte forma:

Quanto mais amplo for o acesso a um título escolar, maior a tendência a sua desvalorização. Esse fenômeno de massificação/banalização do diploma (associado à extensão de certos bens escolares a públicos anteriormente deles excluídos) e de sua correlativa perda de valor, Bourdieu chamou de "inflação de títulos escolares" (NOGUEIRA, M.; NOGUEIRA, C., 2002, p.55-56).

Essa "inflação de títulos escolares" faz com que os jovens atletas, para conseguirem uma vaga no mercado de trabalho após o término da carreira esportiva, busquem também por um diploma de nível superior. Atualmente o Exame Nacional do ensino médio (ENEM) é a principal porta de entrada para as instituições de ensino superior, tanto as públicas quanto as privadas, apesar de algumas ainda manterem seus próprios métodos de seleção. Com a nota do ENEM o estudante pode pleitear uma vaga em uma faculdade privada ou se inscrever no Sistema de Seleção Unificada (SISU)⁴⁰, sistema informatizado do Ministério da Educação por meio do qual os participantes do ENEM concorrem com estudantes do Brasil inteiro a uma vaga nas instituições públicas de ensino superior.

As vagas no ensino superior são muito disputadas, principalmente nas instituições públicas e nas instituições particulares de mais prestígio, portanto, para conquistar um espaço é necessário muita preparação e tempo de estudo. Os estudantes-atletas, bem como os integrantes de alguns outros grupos, como por exemplo os estudantes-trabalhadores, acabam saindo em desvantagem quando disputam uma vaga com um aluno que tem tempo para se dedicar somente aos estudos. Portanto, além da

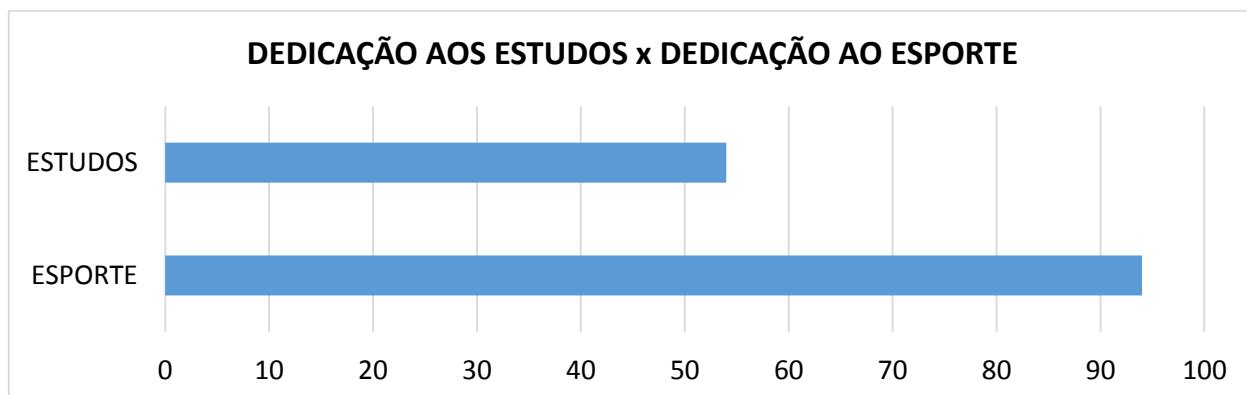
⁴⁰ <http://sisu.mec.gov.br/>

manutenção, o acesso a certos níveis de ensino se torna mais complicado para a categoria em questão.

Um acontecimento que ilustra o dilema vivenciado por estudantes-atletas foi a realização dos Jogos Escolares da Juventude, o maior e principal evento esportivo estudantil do país, que, em 2014, aconteceu entre os dias 6 e 15 de novembro⁴¹, coincidindo com a data do ENEM daquele ano (8 e 9 de novembro). O Comitê Olímpico do Brasil (COB) escolheu esta data para a disputa da etapa de 15 a 17 anos, que reuniu cerca de 4 mil atletas no município de João Pessoa. Ou seja, os estudantes que estavam cursando o 3º ano do ensino médio naquele ano, e ao mesmo tempo eram talentos esportivos, tiveram que escolher entre ir à competição ou fazer a prova para pleitear uma vaga no ensino superior.

Ao questionarmos os estudantes-atletas participantes de nossa pesquisa a respeito da percepção deles a respeito do próprio nível de dedicação aos estudos e ao esporte, a prioridade fica clara. Eles avaliam seu próprio nível de dedicação aos estudos em 54 ao responder a uma escala de 0 a 100, já o nível de dedicação ao judô é avaliado em 94. Além disso, no mês anterior à aplicação do questionário os estudantes faltaram, em média, 7 dias de aula, e apenas 6 deles não perderam nenhum dia de aula. Enquanto que, em relação ao esporte, inversamente ao contrário, apenas 6 atletas tinham faltado algum dia de treinamento no mês anterior por motivo alheio à carreira esportiva. A tabela abaixo traduz as prioridades destes jovens atletas.

Gráfico 12 - Escala da autopercepção de dedicação aos estudos e ao esporte



⁴¹ <https://www.cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=4811>

Um dos motivos que também pode influenciar os jovens atletas a se dedicarem mais ao projeto esportivo do que ao acadêmico é a ideia de que o projeto acadêmico é adiável e o esportivo não. O corpo impõe limites e durabilidade à carreira esportiva e, além disso, caso o atleta não comece a se dedicar ao esporte muito cedo, raramente conseguirá atingir o alto rendimento. Já os estudos não impõem esse limite de idade, o sujeito pode continuar a estudar, a partir do nível de ensino que concluiu, em qualquer momento da vida.

Ao investigar o assunto sob a ótica de jovens atletas da base do futebol brasileiro, Rocha (2018) afirma que "a percepção sobre as oportunidades na carreira de futebolista varia de atleta para atleta, mas eles acreditam que o projeto de profissionalização no futebol requer uma atenção mais urgente do que o projeto escolar." (ROCHA, 2018, p. 219)

Como já dito, existem diversos motivos de ordem subjetiva e objetiva que podem influenciar as escolhas e prioridades de um sujeito. O desejo pessoal e o prazer pela prática esportiva são motivações de natureza subjetiva que podem influenciar os jovens a se dedicarem mais ao esporte do que aos estudos. A possibilidade de ascensão econômica e social através do esporte e a geração imediata de renda através de bolsas e patrocínios são razões de ordem objetiva que exercem influência sobre essa priorização. Já a influência da rede de sociabilidade e o que o sujeito enxerga como seu campo de possibilidades é uma questão híbrida e que pode interligar as duas dimensões, pois existe a parte objetiva das oportunidades, ou seja, o que a sociedade oferece para determinados grupos, mas também existe a forma como o indivíduo interage com essas possibilidades e cria suas expectativas em relação à possibilidade de sucesso em uma determinada carreira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre a dupla carreira de estudantes-atletas que vêm sendo realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) nos permitem compreender que a origem social e a modalidade esportiva podem afetar o projeto individual de carreira do jovem atleta podendo determinar suas escolhas por uma maior dedicação à escola ou ao esporte. Essas pesquisas encontraram diferentes resultados nos diferentes cenários esportivos, e o argumento que vem sendo consolidado pelo grupo é que os resultados acadêmicos são fruto do nível socioeconômico, do capital cultural familiar e das crenças no que diz respeito às possibilidades de sucesso, no campo esportivo e escolar, sendo que, algumas modalidades esportivas, podem ou não gerar alguma dificuldade nessa conciliação.

Dado as divergências em relação às diferentes modalidades esportivas e com o objetivo de investigar uma categoria ainda não explorada pelo grupo e pelas pesquisas nacionais sobre o tema, a presente dissertação teve como objeto de pesquisa atletas de elite. Esta categoria é a mais estudada quando analisamos a literatura que trata sobre a dupla carreira na União Europeia, onde o debate sobre o assunto já está sendo estimulado há muitos anos através de documentos oficiais, iniciativas privadas e políticas públicas voltadas para este público específico. Esse conjunto de países, assim como o Brasil, também possui o sistema esportivo desvinculado do sistema escolar, portanto, apesar de todas as diferenças econômicas e culturais, foi possível estabelecer comparações e observar as estratégias de conciliação que estão sendo adotadas em certos países através da revisão sistemática, realizada no capítulo II da presente dissertação.

Pretendíamos neste capítulo mapear e analisar a produção acadêmica dos últimos 5 anos que trata sobre a dupla carreira de estudantes-atletas na União Europeia. A finalidade era identificar os temas que estão sendo abordados nesses estudos, quais aspectos e fatores estão sendo tratados para entender como esse fenômeno é administrado, e quais as contribuições dessas publicações para entender o processo da dupla carreira e fornecer subsídios para as políticas públicas.

Identificamos que os artigos mais recentes sobre a dupla carreira na União Europeia estão abordando 5 grandes temas: "Instituições, programas e escolas especiais para atletas", "As motivações e as percepções dos estudantes-atletas sobre a dupla carreira", "Planejamento da dupla carreira", "Percepções e práticas dos pais, técnicos e professores em relação à dupla carreira" e "Facilitadores e barreiras para a dupla carreira".

Os artigos inseridos na primeira categoria temática foram interessantes para que pudéssemos avaliar as iniciativas que já estão sendo tomadas em diversos países da União Europeia. Porém esses artigos carecem de análises mais profundas sobre a eficácia dos programas e escolas especiais para atletas, mostrando os pontos positivos e negativos, e até que ponto eles realmente podem auxiliar os estudantes-atletas na gestão da dupla carreira, a fim de fornecer informações que subsidiem a criação de políticas públicas realmente eficazes.

Em relação aos artigos que teriam uma perspectiva de análise voltada para o sujeito, os mesmos abordam muitas questões de senso comum, como por exemplo motivação, planejamento, barreiras de gestão e rede de apoio. Sentimos falta de estudos que captem a dimensão subjetiva das escolhas individuais dos estudantes-atletas, e que problematizem sociologicamente essa dimensão, a fim de entender os projetos individuais e familiares de investimento no esporte e na escola.

Por fim, outra lacuna identificada na revisão bibliográfica foi a abordagem do tema da dupla carreira sob a ótica da família, dos amigos, técnicos e outros profissionais envolvidos nesse processo. Alguns artigos citam a importância desses atores sociais de forma sucinta, porém é preciso investigar de forma mais profunda, o papel dos mesmos na vida de um estudante-atleta e de que forma eles exercem suas influências durante o processo da dupla carreira.

Como já dito, quase todos os artigos encontrados na revisão sistemática tratam da dupla carreira de atletas de elite, portanto, para efeitos de comparação, achamos interessante estudar essa categoria aqui no Brasil. Escolhemos os atletas de judô das seleções brasileiras, masculinas e femininas, sub-18 e sub-21, como objeto de investigação porque não encontramos nenhum outro estudo nacional tratando sobre o

tema da dupla carreira através do trabalho com um grupo de atletas de elite desta modalidade esportiva. Além disso, contamos com poucos trabalhos do LABEC que têm como objeto de investigação atletas praticantes de esportes individuais. Desta forma, entender as características específicas dessa modalidade esportiva nos ajudou a ampliar a percepção sobre esse fenômeno no Brasil.

No capítulo III desta dissertação foi então apresentado um estudo empírico com esses atletas. O objetivo geral era entender como se dá o processo de conciliação da dupla carreira de atletas da elite do judô no Brasil. Sendo assim, com a finalidade de obter dados relacionados à experiência desses atletas foi aplicado um questionário a fim de responder às seguintes questões: a) Como os atletas de elite do judô conciliam ou conciliavam⁴² a carreira esportiva com a escolarização básica ou a formação de nível superior? b) Como esses jovens justificam o investimento na dupla carreira? c) O grau de investimento na escolarização está associado ao nível socioeconômico e capital cultural dos atletas? d) Quais são as características intrínsecas dessa modalidade esportiva que determinam o investimento e a dedicação à carreira escolar?

Os resultados nos mostraram que a quase totalidade da amostra estava estudando no momento da aplicação do questionário. Apenas dois atletas não estavam estudando, porém eles concluíram o 3º ano do ensino médio e afirmaram pretender voltar a estudar. 40% dos atletas já estavam na faculdade e 57% no ensino médio, sendo que no Brasil, nem metade da população possui um diploma de ensino médio e menos de 16% concluiu uma faculdade. Além disso, todos eles pretendem concluir pelo menos o ensino superior e muitos pretendem até mesmo obter um título de doutorado. Esses números nos levam a constatar que o nível de escolaridade desse grupo de atletas é alto quando comparamos à média da população brasileira. Corroborando com pesquisas anteriores do LABEC (MELO, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013, 2017; CORREIA, 2014, 2018) e com os resultados encontrados na revisão sistemática apresentada no capítulo II desta dissertação, confirmamos que os atletas estudam e, até mesmo, alcançam níveis de escolaridade mais elevados do que a média da população.

⁴² Entrevistamos atletas que não estavam mais estudando.

Acreditamos, porém, que a manutenção da dupla carreira só se sustenta por conta da flexibilização das demandas exigidas pelas instituições acadêmicas, visto que a grande maioria dos estudantes-atletas responderam que a escola/faculdade flexibiliza de alguma forma suas exigências, como por exemplo, abonando faltas, adiando a entrega de tarefas e remarcando provas.

Além disso, assim como Melo (2010), constatamos que esse processo muitas vezes é facilitado através da migração para o ensino noturno, onde há uma notável redução da carga horária, visto que os estudantes-atletas de nossa amostra que frequentam o turno da manhã permanecem na escola/faculdade em média 22 horas por semana, enquanto os da tarde permanecem 29 horas e os da noite apenas 13 horas. A quantidade de horas que um estudante permanece em sala de aula não revela a qualidade do ensino, porém é necessário refletir sob quais condições estes jovens estão se mantendo estudando, dado o alto grau de flexibilização das normas encontrado.

Apesar dessa flexibilização, a grande maioria dos estudantes-atletas afirma que a rotina esportiva atrapalha a rotina acadêmica. Os motivos citados são o cansaço, a falta de tempo para estudar e a conciliação dos horários. O tempo de ócio e lazer são escassos quando somamos o tempo de treinamento e o tempo de estudo ao tempo de deslocamento entre instituição acadêmica, instituição esportiva e a moradia. Acreditamos também que, além da manutenção, o acesso a certos níveis de ensino pode se tornar mais complicado para a categoria em questão por conta da falta de tempo citada acima.

A hipótese inicial a ser testada era que, o nível socioeconômico e o capital cultural do estudante-atleta poderiam determinar o grau de investimento na escolarização. A hipótese que vem sendo trabalhada no projeto mais amplo do LABEC é que, a relação entre origem social e a modalidade esportiva incide no projeto individual de carreira do jovem atleta podendo determinar suas escolhas por uma maior dedicação à escola ou ao esporte.

Com a finalidade de testar essa hipótese e responder à questão que correlaciona o grau de investimento na escolarização com o nível socioeconômico, investigamos o nível socioeconômico desses atletas e identificamos que o grupo analisado se mostrou relativamente homogêneo em relação a este aspecto. A maioria dos respondentes se

concentrava na classe social B2 e a grande maioria do total de atletas era de classe média. Ao compararmos com a realidade brasileira podemos constatar que eles fazem parte de um grupo seleto e privilegiado.

Correlacionamos as variáveis que indicam o nível de investimento na escolarização ao nível socioeconômico, e o nível mínimo de relevância não foi atingido. Justificamos que essa associação não foi encontrada por se tratar de um grupo homogêneo que está concentrado em um mesmo estrato socioeconômico ou próximo a ele e que possui um alto nível de escolaridade. Além disso vimos que o nível socioeconômico desses atletas é bem mais alto do que a média da população brasileira, o que pode explicar o nível de escolaridade dos mesmos ser alto quando comparamos à realidade de nosso país.

Foi concluído, portanto, ao fazer uma comparação entre os números obtidos através do questionário e os dados relativos à população brasileira que o grau de investimento na escolarização está sim associado ao nível socioeconômico destes atletas. Além disso, acreditamos, corroborando com diversas pesquisas educacionais, que o elevado nível de escolaridade dos pais dos atletas de nossa amostra também está associado ao alto nível de escolaridade dos filhos.

Outro fator que constatamos ter influência direta tanto na trajetória escolar quanto na esportiva desses atletas é a sua rede de sociabilidade. Quase todos eles têm alguém na família ou algum amigo próximo que concluiu o ensino superior e a maioria conta com algum familiar que já tentou a carreira no judô. É através da rede social que o sujeito passa a enxergar as oportunidades em seu campo de possibilidades, e as escolhas que ele faz ao longo de seu projeto de carreira são resultado do conflito constante entre o desejo pessoal e essas oportunidades.

Além da rede de sociabilidade, vimos que o nível socioeconômico também é um dos fatores que influencia o processo de investimento no esporte. Corroborando com os autores apresentados na discussão do capítulo anterior (CORREIA, 2014; SPAGGIARI, 2015; ROCHA, 2017) também encontramos uma presença muito discreta dos estratos socioeconômicos mais extremos. A classe média foi a que ocupou o maior espaço. Justificamos a presença mais discreta das classes sociais mais baixas por conta do custo

de manutenção de uma carreira esportiva, seja ela em qualquer modalidade. Em relação a esses custos, a grande maioria dos jovens investigados recebem algum tipo de remuneração financeira por ser atleta e grande parte deles são beneficiários do programa Bolsa-Atleta, do Governo Federal.

A resposta à segunda questão deste estudo, "como esses jovens justificam o investimento na dupla carreira?", pode ser resumida em uma justificativa dada pela quase totalidade dos estudantes-atletas: garantir uma oportunidade de carreira após o término da carreira esportiva. 40% destes jovens já estão cursando o ensino superior e todos os participantes da pesquisa pretendem garantir, no mínimo, um diploma universitário. Os dados apresentados nos mostram que existe, entre os atletas, uma preocupação com o futuro após a aposentadoria esportiva. Esta preocupação também foi revelada pelos artigos presentes em nossa revisão sistemática, e pode ser justificada pelo fato da carreira atlética contar, em média, com um curto prazo de validade e as chances de reconversão das habilidades adquiridas durante os anos de formação como atleta profissional para o mercado de trabalho formal não serem altas.

Apesar dessa preocupação, os jovens atletas que estavam em dupla carreira no momento da aplicação do questionário avaliaram seu próprio nível de dedicação aos estudos em 54 ao responder a uma escala de 0 a 100, número bem abaixo do nível de dedicação ao judô que foi avaliado em 94. Existem diversos motivos que podem ajudar a explicar essa discrepância. Acreditamos que um deles seja a ideia de que o projeto acadêmico é adiável e o esportivo não, levando esses jovens a se dedicarem ao máximo à carreira esportiva no momento presente, deixando a escolarização em segundo plano. Outros motivos sugeridos são a influência da rede de sociabilidade e o que o sujeito enxerga como seu campo de possibilidades naquele momento, os fatores de natureza subjetiva como o desejo pessoal e o prazer pela prática esportiva, e também os de natureza objetiva como possibilidade de ascensão econômica e social através do esporte e a geração imediata de renda através de bolsas e patrocínios.

As motivações citadas acima nos ajudam a responder a última questão proposta neste estudo. Continuando a responder à esta questão no que diz respeito às características específicas do judô como modalidade esportiva apontamos, no capítulo

III, algumas características peculiares e princípios filosóficos deste esporte. Acreditamos que alguns resultados positivos em relação à carreira acadêmica dos atletas investigados, como por exemplo a quase totalidade da amostra estar estudando e pretender alcançar níveis educacionais mais elevados, podem estar relacionados à prática do judô, aos ensinamentos dos valores morais, à disciplina, ao autocontrole, ao equilíbrio emocional e à concentração que são exigidas dos atletas. Sugerimos que pesquisas posteriores testem a hipótese de que o *ethos* de algumas modalidades esportivas estimule e favoreça o investimento nos estudos, através de uma investigação que abranja campos esportivos diversos.

Alguns dos artigos revisados no capítulo II apontam que os esportes individuais podem ser mais flexíveis em relação ao tempo de treinamento e à conciliação dos horários. Porém, contrariando essa hipótese, vimos que os atletas de nossa amostra, mesmo sendo praticantes de um esporte individual, apontam dificuldades em relação à conciliação dos compromissos relativos à carreira esportiva e acadêmica. Além disso encontramos uma média bem elevada de tempo de treinamento: 21 horas por semana. Essa quantidade de horas é superior aos números encontrados por autores que investigaram o cenário de esportes coletivos, como por exemplo Melo (2010) que, em seu estudo com jovens atletas de futebol na cidade do Rio de Janeiro, aponta uma média semanal de 14 horas e 20 minutos dedicados aos treinos.

Este resultado vai ao encontro do que foi revelado pelos estudos de Subijana et al. 2015 e Baron-Thiene et al. (2015), presentes em nossa revisão sistemática. Estes autores apontam uma média de tempo de treinamento mais elevada para os praticantes de esportes individuais do que para os praticantes de esportes coletivos. Acreditamos que seja interessante que os próximos estudos continuem investigando os diferentes cenários esportivos, para que possamos ser capazes de compreender suas especificidades, as distâncias e em que ponto os resultados encontrados se assemelham.

Assim como todas as pesquisas científicas, esta tem suas limitações. Apontamos como sugestão para futuros estudos a investigação a respeito da dimensão subjetiva das escolhas dos sujeitos, dos projetos individuais e familiares, e como as trajetórias

esportivas e acadêmicas vão se moldando. Percebemos que essa lacuna também não foi preenchida pelos estudos revisados no capítulo II desta dissertação, porém não houve tempo hábil para a aplicação de entrevistas que gerassem informações para tratar dessa questão.

Identificamos algumas questões relativas à questão da dupla carreira que ainda devem ser adensadas e investigadas por outros estudos sobre o tema. Além dos tratados neste estudo, diversos outros aspectos que dizem respeito à conciliação da dupla carreira de estudantes-atletas ainda precisam ser explorados pelos próximos estudos. O debate sobre a dupla carreira de estudantes-atletas deve ser estimulado para que possamos gerar subsídios para a criação de políticas públicas voltadas para este público que ainda se mostra desassistido pelo Estado em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career Transitions and career termination. In: G. Tenenbaum e R. C. Eklund (Eds), **Handbook of Sport Psychology**, 3. ed. New York: Wiley, 2007.
- ALVES, M. T. G.; SOARES, J. F.; XAVIER, F.P. Desigualdades educacionais no ensino fundamental de 2005 a 2013: hiato entre grupos sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, v.4, n.7, 2016.
- AQUILINA, D.; HENRY, I. Elite athletes and university education in Europe: a review of policy and practice in higher education in the European Union Member States. **International Journal of Sport Policy**, v.2, p.25-47, 2010.
- AQUILINA, D. A study of the relationship between elite athletes' educational development and sporting performance. **The International Journal of the History of Sport**, v.30, n.4, p.374-392, 2013.
- BARBER, B.; ECCLES, J.; STONE, M.; HUNT, J. (2003). Extracurricular Activities and Adolescent Development. **Journal of Social Issues**, v. 59. p. 865-889, 2003.
- BARBOSA, M. L. de O.; SANT'ANNA, M. J. G. As classes populares e a valorização da educação no Brasil. IN: RIBEIRO, L. C. de Q. et al. (Orgs). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrópoles – IPPUR/UFRJ, p. 155-174, 2010.
- BARON-THIENE, A.; ALFERMANN, D. Personal characteristics as predictors for dual career dropout versus continuation - A prospective study of adolescent athletes from German elite sport schools. **Psychology of Sport and Exercise**, v.21, p. 42–49, 2015.
- BARROS, R. P.; LAM, D. Desigualdade de renda, desigualdade em educação e escolaridade das crianças no Brasil. **Pesq. Plan. Econ.**, v. 23, n.1, 1993.
- BARROS, R. P. et al. **Determinantes do desempenho educacional no Brasil**, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2160/1/TD_834.pdf>. Acesso em: dez. 2018.
- BURLOT, F. et al. The life of high-level athletes: the challenge of high performance against the time constraint. **International Review for the Sociology of Sport**, v.53, n.2, p.234-249, 2016.
- BRANDT, K. et al. Student-athletes perceptions of four dual career competencies. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 26, p. 28-33, 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases**

da educação nacional.

BRETTSCHEIDER, W. D. Risk and opportunities: Adolescents in top-level sport growing up with the pressure of school and training. **European Physical Education Review**, v.5, p.121-133, 1999.

CAPRANICA, L. et al. The european athlete as student network ("eas"): prioritising dual career of european student-athletes. **Kinesiologia Slovenica**, v.21, n.2, p.5-10, 2015.

Confederação Brasileira de Futebol. **Resolução da Presidência nº 1**. 2012. Disponível em: <<http://cdn.cbf.com.br/content/201210/520841145.pdf>>. Acesso em: nov. 2018.

CHEN, Q. Family background, ability and student achievement in rural China – identifying the effects of unobservable ability using famine-generated instruments. **Gansu Survey of Children and Families Papers**, 2009.

CHRISTENSEN, M. K.; SØRENSEN, J. K. Sport or school? Dreams and dilemmas for talented young Danish football players. **European Physical Education Review**, Denmark, v.15, p.115-137, 2009.

CORRADO, L. et al. Motivation for a dual-career: italian and slovenian student-athletes. **Kinesiologia Slovenica**, v.18, n.3, p.47-56, 2012.

CORREIA, C. A. J. **Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

COSSIO, M. B. Juventude, educação e emprego no Brasil. **Cadernos Adenauer - Geração Futuro**, Rio de Janeiro. v.7, n.2, p.51-65, 2007.

DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DELUCA, G.; OLIVEIRA, S. R.; CHIESA, C. D. Projeto e Metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 20, n.4, p. 458-476, 2016.

EMMERICK, D. C.; ALMEIDA, D. M. O. A. **Escolarização de jovens atletas: uma análise da produção acadêmica acerca das estratégias de conciliação entre o esporte e a escola**. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

EMRICH E.; FRÖHLICH M.; KLEIN M.; PITSCHE W. Evaluation of the elite schools of sport: empirical findings from an individual and collective point of view. **International Review for the Sociology of Sport**, v.44, n.2-3, 151–171, 2009.

EUROPEAN COMMISSION (2012). **Guidelines on dual careers of athletes**: Recommended policy actions in support of dual careers in high-performance sport. Brussels: Sport Unit, European Commission. Education, Culture and Sport. Disponível em: <http://ec.europa.eu/assets/eac/sport/library/documents/dual-career-guidelines-final_en.pdf>. Acesso em: julho de 2017.

FUCHS, P. X. et al. European student-athletes perceptions on dual career outcomes and services. **Kinesiologia Slovenica**, v.22, n.2, p. 31–48, 2016.

GAYLES, J. G.; HU, S. The influence of student engagement and sport participation on college outcomes among Division I student athletes. **Journal of Higher Education**, v.80, n.3, p.315–333, 2009.

GIACOMINI, S. M. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIULIANOTTI, R. 2004. **Sport**: A Critical Sociology. Cambridge: Polity Press.

GLICK, P.; SAHN, D. E. Schooling of girls and boys in a West African country: the effects of parental education, income, and household structure. **Economics of Education Review**, v.19, p.63–87, 2000.

GUIDOTTI, F. et al. Italian teachers' perceptions regarding talented atypical students: a preliminary study. **Kinesiologia Slovenica**, v.20, n.3, p.36-46, 2014.

GÓMEZ, G. et al. Remando contracorriente: facilitadores y barreras para compaginar el deporte y los estudios. **Revista Andaluza de Medicina del Deporte**, v. 11 .n. 2, 2016.

HICKEY, C.; KELLY, P. Preparing to *not* be a footballer: higher education and professional sport. **Sport, Education and Society**, v.13, n. 4, p. 477-494, 2008.

HOULIHAN, B. **Sport and Society**: A student introduction. 2nd edition. London: SAGE Publications Ltd, 2008.

HOWARD-HAMILTON, M. F.; SINA, J. A. How College Affects Student Athletes. **New Directions for Student Services**, San Francisco, v.2001, n.93, p.35-45, 2001.

IOC (International Olympic Committee). 2014. "Agenda 2020." **International Olympic Committee**. Disponível em: <http://www.olympic.org/documents/olympic_agenda_2020/olympic_agenda_2020-20->

20_recommendations-eng.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

JERRIM, J.; MICKLEWRIGHT, J. Children's cognitive ability and parents' education: distinguishing the impact of mothers and fathers. **Institute of Education, University of London**, 2011. Disponível em: <https://johnjerrim.files.wordpress.com/2013/07/jj_jm_madison_jan_26_2011_rsf.pdf>. Acesso em: nov. 2017.

JOGUNICA, R. C. et al. Comparative analysis: support for student-athletes and the guidelines for the universities in southeast Europe. **Sport Science**, v.5, n.1, p. 21-26, 2012.

KRISTIANSEN, E.; HOULIHAN, B. Developing young athletes: the role of private sport schools in the Norwegian sport system. **International Review for the Sociology of Sport**, v.52, n.4, p.447-469, 2017.

LAVALLEE, D. The effect of a life development intervention on sports career transition adjustment. **The Sport Psychologist**, v.19, n.2, p.193-202, 2005.

LEE, C. C. An investigation of the athletic career expectations of High School student athletes. **The personnel and Guidance**, v.61, n.9, p.544-5478, 1983.

LUPO, C. et al. Motivation towards dual career of European student-athletes. **European Journal of Sport Science**, v.15, n.2, p.151-160, 2015.

LUPO, C. et al. Motivation toward dual career of Italian student-athletes enrolled in different university paths. **Sport Sciences for Health**, v.13, n.3, p.485-494, 2017.

MARQUES, M.P.; SAMULSKI, D.M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.23, p.103-119, 2009.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n.4, p.617-628, 2014.

MENDES, B. D.; KARRUZ, A. P. **Background Familiar, Desigualdade Regional e o Desempenho no Exame Nacional do ensino médio (ENEM)**. 2016. Disponível em: <http://www.anepcp.org.br/redactor_data/20161128180922_st_03_bianca_drielly_mendes.pdf>. Acesso: nov. 2018.

METSÄ-TOKILA, T. Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland. **European Physical Education Review**, v.8, n.3, p.196-206, 2002.

MOYÀ, S. L. M. et al. Competencias para la planificación de la carrera dual de deportistas de alto rendimiento. **Revista de Psicología del Deporte**, v.26, n.4, p.51-56, 2017.

NERI, M. C. (coord.). **Tempo de Permanência na Escola**. Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS, 2009b. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/tpe/>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

NERI, M. C. O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. IN: VELOSO, F. et al. (Orgs.). **Educação básica no Brasil**: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009a, p.25-50.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu**. Educação e Sociedade, ano 23, 2002. p. 15-36.

PEREGRINO, M. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cad. Cedes**, v.31, n.84, p.275-291, 2011.

PEREZ-RIVASES, A. et al. Seguimiento de la transición a la universidad en mujeres deportistas de alto rendimiento. **Revista de Psicología del Deporte**, v.26, n.3, p.102-107, 2017.

RADTKE, S.; COALTER, F. **Sports Schools: An International Review (Report to the Scottish Institute of Foundation)**. Stirling: Department of Sport Studies, University of Stirling, 2007.

RAMOS, J. et al. Events of athletic career: A comparison between career paths. **Revista de Psicología del Deporte**, v.26, p.115-120, 2017.

RIBEIRO, C. A. C. **Desigualdade de oportunidades no Brasil**. Belo Horizonte/MG: Argumentum, 2009.

RIBEIRO, C. A. C. Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.54, n.1, p.41-87, 2011.

ROCHA, H. P. A. **A escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ROCHA, H. P. A. **O Futebol como Carreira, a Escola como Opção: o dilema do jovem atleta em formação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RONKAINEN, N. J. et al. 'School, family and then hockey!' Coaches views on dual career in ice hockey. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.13, n.1, p.38-45, 2017.

RUSSO, JR. W.; MATARUNA, S. L. J. O Judô como atividade pedagógica desportiva complementar, em um processo de orientação e mobilidade para portadores de deficiência visual. **Lecturas: Educación Física y Deportes - Revista Digital**, Buenos Aires, n.35, 2001.

RYBA, T. V. et al. A new perspective on adolescent athletes transition into upper secondary school: A longitudinal mixed methods study protocol. **Cogent Psychology**, v.3, 2016.

RYBA, T. V. et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v.21, p.125-134, 2015.

SCHWARTZMAN, S. O viés acadêmico na educação brasileira. Pensamiento Educativo, **Revista de Investigación Educacional Latinoamericana (PEL)**, Santiago de Chile, v.48, n.1, 2011.

SILVA, D.; SANTOS, S. G. Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano. **Lecturas: Educación Física y Deportes - Revista Digital**, Buenos Aires, n.86, 2005.

SOARES, J. F.; ANDRADE, R. J. Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte. **Ensaio: avaliação políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.107-126, 2006.

SOARES, J. F.; CANDIAN, J. F. O efeito da escola básica brasileira: as evidências do PISA e do SAEB. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.1-12, 2007.

SORKKILA, M. et al. A person-oriented approach to sport and school burnout in adolescent student-athletes: the role of individual and parental expectations. **Psychology of Sport and Exercise**, v.28, p.58-67, 2017.

STAMBULOVA, N. B. et al. Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, p.1-11, 2014.

SUBIJANA, C. L. Supporting dual career in Spain: Elite athletes barriers to study. **Psychology of Sport and Exercise**, v.21, p.57-64, 2015.

SUBIJANA, C. L. Dual career motivation and athletic identity on elite athletes. **Revista de Psicología del Deporte**, v.24, n.1, p.55-57, 2015.

TORREGROSA, M.; RAMIS, Y.; PALLARÉS, S.; AZÓCAR, F.; SELVA, C. Olympic

athletes back to retirement: A qualitative longitudinal study. **Psychology of Sport and Exercise**, v.21, p.50–56, 2015.

VAN RENS, F. E.; ELLING, A.; REIJGERSBERG, N. Topsport Talent Schools in the Netherlands: a retrospective analysis of the effect on performance in sport and education. **International Review for the Sociology of Sport**, v.50, n.1, p.64-82, 2012.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 7^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VIRGILIO, S. **A arte do judô**. 2^a ed. São Paulo: Papirus, 1986.

WARTENBERG, J.; BORCHERT, T.; BRAND, R. A longitudinal assessment of adolescent student-athletes' school performance. **Sportwiss**, v.44, p.78-85, 2014.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO⁴³

TERMO DE CONSENTIMENTO

O projeto intitulado "Escolarização de jovens atletas: a dupla carreira de atletas da elite do judô no Brasil" pretende discutir sobre a condição de dupla carreira de jovens que se dedicam simultaneamente à escola e ao esporte. Com o objetivo de entender esse processo iremos realizar uma pesquisa com atletas de elite do judô, em uma parceria entre o LABEC (Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo) e a CBJ (Confederação Brasileira de Judô), afim de obtermos resultados comparáveis com estudos internacionais. O projeto foi aprovado na Plataforma Brasil pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAAE: 90563018.1.0000.5582).

A sua participação é voluntária e a identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, não havendo identificação em nenhuma publicação. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar sua participação na pesquisa. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

1. CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIO (A)

Concordo

Discordo

DADOS BÁSICOS

2. Nome

3. Data de nascimento

4. Telefone (opcional)

⁴³ Algumas questões aparecem, ou não, no questionário de acordo com a resposta anterior do respondente.

5. E-mail (opcional)

6. Clube

7. Qual é o seu sexo?

Feminino

Masculino

8. Modalidade

Judô

9. Categoria:

10. Com que idade foi federado?

DADOS PESSOAIS

11. Em qual estado você nasceu?

12. Em qual cidade?

13. Você mora com seus pais ou responsáveis?

Sim

Não

MORADIA DOS PAIS

14. Em que estado moram seus pais?

15. Em que cidade moram seus pais?

16. Qual o CEP da casa dos seus pais?

17. Em que bairro seus pais moram?

18. Nome da rua que seus pais moram?

DADOS DE MORADIA

19. Em que estado você mora?

20. Em que cidade você mora?

21. Onde você mora?

- Casa/apartamento próprio
- Casa/apartamento alugado
- Casa/apartamento de parentes
- Casa/apartamento alugado com amigos
- Quarto alugado
- Alojamento do clube
- Hotel/pensão
- Outro (especifique)

22. Para morar no local citado na questão anterior:

- Você arca com uma quantia de até 30% dos custos gerais das despesas com moradia.
- Você arca com uma quantia entre 30% e 60% dos custos gerais das despesas com moradia.
- Você arca com uma quantia entre 60% e 90% dos custos gerais das despesas com moradia.
- Você arca com 100% da quantia dos custos gerais das despesas com moradia.
- Você não arca com custo algum

23. Qual o CEP?

24. Em que bairro?

25. Nome da rua que você mora?

ESCOLA

26. Você estuda atualmente?

Sim

Não

INFORMAÇÕES ESCOLARES

27. Em que TIPO de escola/faculdade estuda?

Federal

Estadual

Municipal

Particular

Outro (especifique)

28. Qual o nome da escola/faculdade que estuda?

29. Em que turno você estuda?

Manhã

Tarde

Noite

30. Que horas você entra e sai da escola/faculdade?

	Entrada	Saída
Segunda	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Terça	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Quarta	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Quinta	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Sexta	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Sábado	<input type="text"/>	<input type="text"/>

31. No último mês de aula, quantos dias você faltou à escola/faculdade?

32. Em que ano você está?

33. Por qual ou quais motivos você frequenta a escola/faculdade? (pode marcar mais de uma)

- Por obrigação legal
- Por obrigação familiar
- Para ter uma oportunidade de carreira após a carreira esportiva
- Outro (especifique)

34. Você já repetiu algum ano na escola básica (ensino fundamental ou Médio)?

- Não
- Uma vez
- Duas vezes
- Três vezes
- Quatro vezes
- Cinco vezes

35. Você já repetiu alguma disciplina na faculdade?

- Não
- Uma disciplina
- Duas disciplinas
- Três disciplinas
- Quatro disciplinas
- Cinco ou mais disciplinas

36. Qual o último ano que você completou?

37. Qual o nome da última escola que você estudou?

38. Você já repetiu algum ano na escola básica (ensino fundamental ou Médio)?

- Não
- Uma vez
- Duas vezes
- Três vezes
- Quatro vezes
- Cinco vezes

39. Qual o TIPO da sua última escola?

- Federal
- Estadual
- Municipal
- Particular
- Outro (especifique)

40. Em qual turno você estudava na última escola?

- Manhã
- Tarde
- Noite

41. Qual o nome da última faculdade que você estudou?

42. Você já repetiu alguma disciplina na faculdade?

- Não
- Uma disciplina
- Duas disciplinas
- Três disciplinas
- Quatro disciplinas
- Cinco ou mais disciplinas

43. Você já repetiu algum ano na escola básica (ensino fundamental ou Médio)?

- Não
- Uma vez
- Duas vezes
- Três vezes
- Quatro vezes
- Cinco vezes

44. Qual o TIPO da sua última faculdade?

- Federal
- Estadual
- Municipal
- Particular
- Outro (especifique)

45. Em qual turno você estudava na última faculdade?

- Manhã
- Tarde
- Noite

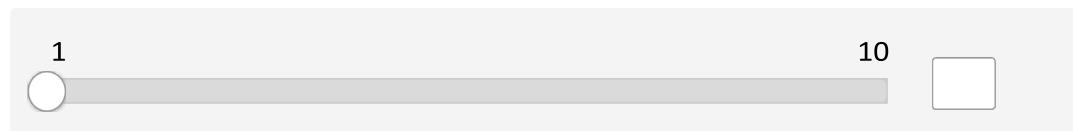
46. Você pretende voltar a estudar?

- Sim
- Não

47. Até que nível de ensino você pretende estudar?

- Fundamental
- Médio
- Faculdade/Superior/Universidade
- Pós-graduação Especialização
- Pós-graduação Mestrado
- Pós-graduação Doutorado

48. Em uma escala de 1 (baixo investimento) a 10 (alto investimento) como você avalia sua dedicação aos estudos?



49. Em função da sua carreira esportiva foi necessário trocar de escola/faculdade?

- Sim
- Não

50. Em função da sua carreira esportiva foi necessária a troca de turno na escola/faculdade?

- Sim
- Não

51. Você parou de estudar em algum momento da sua vida e perdeu o ano letivo?

- Sim
- Não

52. Qual o motivo?

- Trabalho
- Carreira esportiva
- Notas ruins
- Mudança de endereço/casa / bairro/ cidade / estado
- Outro (especifique)

53. Você faz algum curso ou atividade fora da escola?

- Sim
- Não

54. Qual?

- Línguas
- Culinária
- Música
- Informática
- Teatro
- Academia
- Outro esporte
- Reforço escolar
- Outro (especifique)

55. Quantas horas por semana gasta com esses cursos extraescolares?

56. Alguém de sua família ou algum amigo próximo tem ensino superior / universidade concluído?

- Sim
 Não

57. Quem?

- Pai ou responsável
 Mãe ou responsável
 Irmão ou irmã
 Avô ou Avó
 Parentes
 Vizinho ou amigo
 Outro (especifique)

58. Que horas você costuma entrar e sair do treino?

	Entrada	Saída
Segunda	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Terça	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Quarta	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Quinta	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Sexta	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Sábado	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Domingo	<input type="text"/>	<input type="text"/>

59. No último mês de treinamento, você faltou algum dia?

- Sim
 Não

60. Motivo:

- Lesão/doença
- Outros compromissos com o esporte
- Escola/faculdade
- Outro (especifique)

61. Você viajou para competir nos últimos 6 meses?

- Sim
- Não

62. A viagem foi internacional?

- Sim
- Não

63. Você tem familiares ou amigos próximos que tentaram a carreira no mesmo esporte que você?

- Sim
- Não

64. Foi esse familiar ou amigo quem lhe incentivou a começar a praticar o esporte?

- Sim
- Não

65. Você tem algum tipo de empresário ou agente que cuida da sua carreira no esporte?

- Sim
- Não

66. Como atleta, você recebe alguma remuneração financeira (dinheiro) do:

- Clube
- Agente ou empresário
- Bolsa atleta
- Não recebo

67. Você possui algum tipo de contrato com o agente ou empresário?

Sim

Não

68. Esse contrato é do tipo contrato profissional?

Sim

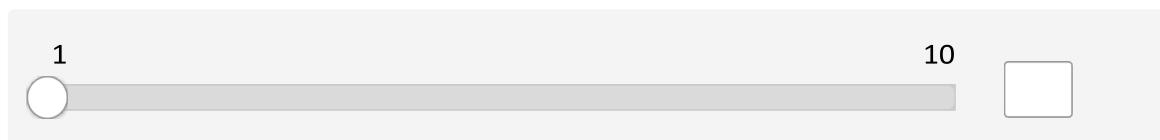
Não tenho contrato.

69. Você possui algum tipo de contrato com o clube ou patrocinador?

Sim

Não

70. Em uma escala de 1 (baixo investimento) a 10 (alto investimento) como você avalia sua dedicação ao esporte?



71. Após a carreira como atleta, você pretende trabalhar:

Com o esporte

Em outra carreira

ESPORTE E ESCOLA

72. A rotina no esporte atrapalha a rotina na escola/faculdade?

Não

Sim, como?

73. A rotina na escola/faculdade atrapalha sua dedicação ao esporte?

Não

Sim, como?

74. A cobrança no esporte atrapalha sua concentração na escola/faculdade?

Sim

Não

75. Por conta das suas rotinas no esporte, a escola/faculdade:

	Sim	Não
abona as suas faltas?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
remarca provas?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
marca aula extra?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
adia a entrega de tarefas?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>

76. Você já foi constrangido ou ofendido por professores ou diretores da escola/faculdade por ser atleta de alto-rendimento?

Sim

Não

DADOS SOCIECONÔMICOS

77. Você é:

Branco

Preto

Amarelo

Pardo

Indígena

Não desejo declarar

Outro (especifique)

78. Na sua casa, você e sua família possuem:

	0	1	2	3	4 ou mais
Banheiro	<input type="radio"/>				
Empregados domésticos	<input type="radio"/>				
Automóveis	<input type="radio"/>				
Computador ou notebook	<input type="radio"/>				
Lava Louça	<input type="radio"/>				
Geladeira	<input type="radio"/>				
Freezer (separado da geladeira)	<input type="radio"/>				
Máquina de Lavar Roupa	<input type="radio"/>				
Aparelho de DVD	<input type="radio"/>				
Micro-ondas	<input type="radio"/>				
Motocicleta	<input type="radio"/>				
Secadora de Roupas	<input type="radio"/>				

79. Até que nível seu pai estudou?

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental II completo / Médio incompleto
- Médio completo / Superior incompleto
- Superior completo
- Não sei

80. Até que nível sua mãe estudou?

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental II completo / Médio incompleto

- Médio completo / Superior incompleto
- Superior completo
- Não sei

81. Até que nível seu avô paterno estudou?

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental II completo / Médio incompleto
- Médio completo / Superior incompleto
- Superior completo
- Não sei

82. Até que nível seu avô materno estudou?

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental II completo / Médio incompleto
- Médio completo / Superior incompleto
- Superior completo
- Não sei

83. Até que nível sua avó paterna estudou?

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental II completo / Médio incompleto
- Médio completo / Superior incompleto
- Superior completo
- Não sei

84. Até que nível sua avó materna estudou?

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- Fundamental II completo / Médio incompleto
- Médio completo / Superior incompleto
- Superior completo
- Não sei

85. Na sua casa tem:

	Sim	Não
Água Encanada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Pavimentada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>